

Dorsedem Craivita

Groimori ed Qaox

Wanju Duli

2014

Sumário

Prefácio	5
Considerações Iniciais	7

Livro de Feitiços do Profeta de Qaox

Introdução Contente	13
Capítulo 1: O Ritual da Virada do Desejo	17
Capítulo 2: O Ritual para Tornar-se Deus	19
Capítulo 3: Ritual da Evocação dos Deuses	23
Capítulo 4: Divinação do Macaco Velho	25
Capítulo 5: Magias para Idiotas	27
Conclusão	29

A Biblioteca do Bosque

Capítulo 1: Mundos Virados	33
Capítulo 2: A Fúria de Bosque Sul	54
Capítulo 3: A Realização de Chico	61
Capítulo 4: Os Índios Magos	78
Capítulo 5: Fantasia e Realidade	101
Capítulo 6: A Orgia Vermelha	105
Capítulo 7: Livros Molhados	138
Capítulo 8: A Biblioteca dos Dragões do Mar	142
Capítulo 9: Poder Sobre Mim	157
Capítulo 10: A Honra de um Homem	160
Capítulo 11: A Festa de Aniversário	178
Capítulo 12: O que eu realmente desejo	186
Capítulo 13: O Autor de Dorsedem Craivita	189

Wanju Duli

Considerações Finais_____195

Fontes de Inspiração_____197

Dorsedem Craivita

Prefácio

Tudo nasce do Caos!

Quando se vai ler um livro com relação à magia e ao ocultismo é normal esperar algumas coisas. Mais normal ainda são os leitores encontrarem justamente o que esperavam. Com esse livro pode ser diferente. Antes saiba que não vai ler o “mais do mesmo” e, por causa disso, milhares de sentimentos podem aflorar.

Eu Avisei! Não adianta espernear depois!!!

Yuri Motta

Considerações Iniciais

Esse livro é dividido em duas seções que podem ser lidas em qualquer ordem. Portanto, se quiser iniciar a leitura pelo Livro de Feitiços do Profeta de Qaox, sinta-se à vontade de, após a introdução, ler os capítulos ritualísticos em qualquer ordenação.

Caso não se entusiasme tanto com feitiços e deseje partir diretamente para a história, inicie a partir de A Biblioteca Mágica do Bosque. Os capítulos dessa seção devem ser lidos preferencialmente na ordem apresentada para um maior entendimento.

Os feitiços do primeiro livro podem ser utilizados ou adaptados por ocultistas. Para um maior sucesso, a teoria da magia é aprofundada ao longo da história, assim como alternativas ritualísticas.

Uma parte da história trata do Mundo do Bosque, no qual vivem os chamados índios do Bosque. Embora alguns costumes façam alusão (muitas vezes de forma pouco séria) à cultura real de indígenas brasileiros ou estrangeiros, ela é propositalmente feita de forma não acurada. As crenças, formas de agir e linguagem desses índios não são, de forma alguma, correspondentes a de índios reais, e qualquer tentativa de estabelecer um paralelo não será considerada.

Tendo em vista a liberdade narrativa e a introdução de elementos de fantasia, a forma de agir e de pensar de diversos personagens de qualquer um dos mundos é frequentemente distorcida, visando o exagero ou a implementação de piadas muitas vezes

absurdas ou sem humor para alguns, que não devem ser levadas realmente a sério.

Contamos com o bom senso do leitor, e especialmente do magista, para não repetir rituais e formas de pensar obviamente absurdas e infelizes. A mistura de uma história de fantasia com livro de feitiços pode a princípio causar alguma confusão. Esclarecemos que isso é feito com um propósito lúdico e não exclusivamente prático.

Nosso propósito central é tornar esse livro divertido para a leitura, ao mesmo tempo que apresenta reflexões que julgamos intrigantes ou até relevantes em alguns casos.

Em adição a estimular no magista o pensamento crítico, oferecemos alguns sistemas de magia e rituais que não estão aqui apenas para serem copiados ao pé da letra, mas para incentivar a criação de novos sistemas mágicos inusitados e incomuns, já que é esta, a meu ver, a ideia central da Magia do Caos. Além do riso, é claro, um método clássico da MC que poupa muita dor de cabeça.

Alguns podem julgar os conceitos e feitiços aqui apresentados pouco claros, mas reiteramos que nossa meta não é oferecer um manual pronto e acabado para que o magista o siga passo a passo.

O leitor e o magista devem ser desafiados a pensar, interpretar e questionar. Na universidade (para aquele que opta por esse caminho) o aluno é estimulado a realizar pesquisas próprias na biblioteca e a preparar ensaios com o resumo das ideias centrais de diversos autores. Na internet encontramos artigos com pedaços de informações e textos que são atualizados cada vez mais rapidamente. Tendo em vista que o

Dorsedem Craivita

presente livro é uma introdução a diversos tópicos sem a intenção de aprofundamento, recomendamos que se centre nas ideias gerais em vez de buscar os detalhes de elementos específicos.

Sendo isso dito, desejamos uma boa leitura, não porque possuímos a garantia de que será realmente boa, já que isso dependerá, ironicamente, mais da sagacidade do leitor do que da qualidade do livro. O leitor inteligente agrega os aspectos de valor de uma obra (até das piores delas) e deixa de lado o que não lhe é relevante; e o que é relevante ou não varia de um indivíduo para outro.

A boa notícia é que esse livro também poderá entreter o leitor pouco inteligente, mas é complexo separar qual parte do conteúdo é direcionada a que tipo de leitor, já que existe um crescente debate a respeito do que torna alguém sábio ou estúpido. A fronteira entre idiotice e sabedoria é muito tênue e esse também é um conceito explorado no presente livro.

Vamos todos celebrar o sábio e o idiota dentro de cada um de nós. Uma forma de começar é lendo esse livro. Outra forma é não lendo livro nenhum.

Wanju Duli, 2 de março de 2014, Porto Alegre.

Livro de Feitiços do Profeta de Qaox

Introdução Contente

O pensamento de viver apenas por viver é insuportável. Precisamos de um pouco de fogo, fumaça e cinzas. Fazer da vida um cigarro tóxico, repleto de perigos e prazeres. Aqueles que não apreciam fazê-lo no corpo que o façam na mente. E os que são contra profanar a mente podem fazê-lo em espírito.

A vida é tão preciosa assim para ter tanto cuidado? Eu conheço um habitante do Bosque que jamais foi cauteloso.

Ele me contou que a vida é muito mais que vida. Se não é na realidade, o é na mentira. Quando se finge bastante, o fingimento se torna verdade, não somente para outros, mas para si.

Isso é magia.

Existem os magos que buscam efeitos visíveis. Desejam mover o céu e a terra, arrastando tudo o que tiver pela frente. Isso é possível, mas difícil. E de que serve, se o mundo é, sobretudo, mental?

Alguns dizem que há um mundo fora da mente ou uma mente fora do mundo, mas que importa se tudo é nulo, uno ou dual? A magia deve prezar sobretudo pelo pragmatismo, ou não sairemos do reino das ideias.

Há quem não acredite que exista um mundo real, enquanto outros creem que até a mente é ilusória. E o que falar do espírito? A moda de nosso tempo e de uns tempos idos é crer apenas na mente e no mundo, mas não no espírito. Essas noções vem e voltam, conforme a moda.

Para uns seguir a moda é muito importante, enquanto outros preferem segui-la ao contrário (o que seria, sob certo ponto de vista, ainda seguir a moda, embora uma moda reversa). Também existem aqueles que seguem seu coração, mas o que raios é seguir o coração? Opiniões são moldadas conforme o tempo, lugar, humor e companhias. O que é realmente nosso? Há algo realmente nosso?

Para resumir, não faz tanta diferença se você acredita no mundo, em si mesmo, na mente, no espírito, em Deus ou em coisa alguma. Deixar de acreditar em algo ou acreditar firmemente são apenas detalhes.

Adote o paradigma que desejar. Isso pode ser alterado como trocar de roupa. A metafísica sempre foi um brinquedo.

O próximo passo agora é inventar uma crença. Ou seja, fazer magia. Se magia é transformar uma mentira numa verdade, qualquer coisa pode servir. Essa mentira pode virar realidade no mundo, na mente, no espírito, num porco, numa samambaia, numa cadeira. É possível multiplicá-la, dividi-la, tirar a raiz quadrada da mentira-verdade.

Alguns dizem que a magia ocorre de forma bem determinada e pode ser estudada. Mas existem os mais diferentes sistemas de magia. Se eles possuem um determinador comum, basta extrai-lo e jogá-lo em qualquer outra coisa menos elegante.

Essa magia é realmente caótica a princípio. A diferença primordial é que uma magia que segue um modelo tradicional soa mais elegante. A nossa é bruta, feia.

Dorsedem Craivita

Somente monstros podem lidar com ela. É preciso distorcer a noção da beleza, da verdade e realidade. O certo pode se tornar errado num piscar de olhos.

E a bondade? Ela não é desprezível. No entanto, não possui apenas um jeito de ser extraída da equação. Pessoas discutem e tentam descobrir se a bondade é absoluta ou relativa. Por que se incomodar com essa questão? Por que se incomodar com alguma coisa, em primeiro lugar?

A magia está repleta de incomodados. Os magistas discordam em tudo (agora sabemos porque as religiões têm livros sagrados). Até que foi criada uma categoria de magos que concordam em discordar: os que mexem com a mentira caótica.

Afinal, como ninguém vai concordar em nada mesmo, já que cada um tem uma vivência diferente e sente a realidade sob um ponto de vista, vamos fazer as pazes. A não ser nas ocasiões em que a guerra das ideias gere momentos memoráveis.

Por isso, para nós a magia pode servir para todas as coisas, ou para coisa alguma. Depende do ponto de vista. (Oh, essa sentença não é profundamente irritante? Às vezes dá vontade de socar quem pronuncia tal ultraje).

O que é magia, como realizá-la, o que obter com ela. Respostas definitivas a todas essas questões podem ser um erro. A não ser que você seja terrivelmente habilidoso em manipular essas questões como um lançador de facas.

Mas em última instância, se existem verdades de fato ou se construímos as verdades, não interessa.

Não é o nosso alvo. O importante é atingir os resultados. Mate-os com um tiro certeiro!

Quanto à moralidade, é o tal negócio que costuma ser fundamental. Para não discutir, paramos aqui.

Esse livro de feitiços foi ditado por Francisco Silva, mas o conteúdo é de Bosque Sul, que supostamente é mais esperto que ele. Por fim, foi digitado por U.S.

Chegamos à conclusão que saber ler e escrever não deixa ninguém mais sábio. É apenas uma medida pragmática. Mas há como ser pragmático por outros meios.

Seguir a gramática também é a moda vigente, embora o pesadelo da contracultura. Pegando um pouco de cada agradamos a dois ou três.

Ainda assim, o objetivo final não é agradar ou ofender. Honestamente, ainda lutamos para ver um objetivo qualquer, seja neste livro de feitiços ou na obra chamada “A Biblioteca do Bosque”.

Para quem deseja descobrir o fato de a biblioteca constar no título mas não possuir um papel central na história, pode se perguntar quem roubou os livros da biblioteca antes da explosão. Eles provavelmente foram relocados para a biblioteca mais próxima de sua cidade por um índio alegre.

Quanto ao conteúdo desse livro de feitiços, são apenas breves explicações sobre os rituais mais importantes. Como esse livro foi escrito por três mãos, ou declamado por três bocas, muita coisa se perdeu. Apesar disso, acreditamos que a essência se mantém.

Capítulo 1: O Ritual da Virada do Desejo

Os índios do Mundo do Bosque acreditam que a maioria das pessoas possui os desejos virados. Esses desejos refletem o que a sociedade ou outras pessoas esperam delas. No entanto, os índios não acreditam que cada pessoa possua um desejo real ou vontade, que pode ser desvendado.

Existe a crença de que a busca do “desejo real” seria equivalente à busca da verdade em meio às ilusões. Independente de existir uma verdade por trás das aparências ou o mundo ser apenas um amontoado de ilusões, acredita-se que seria improvável ou quase impossível alcançar tal verdade por meios triviais ou por esforço próprio.

Sendo assim, o mais próximo desse ideal seria virar os desejos. Esse método impede que os magos percam tempo tentando desvendar sentidos do mundo, da vida em geral ou de suas próprias existências. É mais rápido e eficaz apenas realizar uma mudança de paradigma, para testar interpretar o mundo por outro olhar. A princípio nenhum dos olhares seria particularmente brilhante. Apenas diferentes um do outro, como azul e amarelo.

Aquele que deseja realizar o ritual da virada pode seguir diversos métodos, alguns mais populares no sul, outros no norte ou em outras direções.

Nós particularmente recomendamos o seguinte:

Wanju Duli

Passo 1: Escreve teus desejos numa folha de papel.

Passo 2: Vira a folha de cabeça para baixo e a contempla por um momento; por 1 ou 2 minutos, concentrado.

Passo 3: No verso da folha, escreve exatamente o oposto dos desejos.

Passo 4: Por fim, pega nova folha e escreve os desejos novos adaptados, de uma forma que possam ser seguidos coerentemente.

Passo 5: Enrola a velha folha de desejos num espelho.

Passo 6: Enrola a nova folha numa pena de ave.

Está feito.

A partir de então, realiza mudanças na rotina para que combinem com os desejos novos. Deverá ser feita pelo menos uma alteração diária na rotina, que consista em algo raramente feito antes. Somente assim efeitos poderão ser notados.

Caso os resultados sejam tímidos, vira os desejos outra vez, baseando-se no roteiro novo. Alguns dos desejos da terceira via serão similares aos originais, enquanto outros se tornarão algo completamente diferente.

Capítulo 2: O Ritual para Tornar-se Deus

Ao completarem 40 anos, os índios do Bosque possuem a escolha de se tornarem Deuses. O requisito mínimo para isso é ter uma boa base de magia e alguns anos de estudo e prática.

E qual a utilidade de ser um Deus? Um índio do clã Lago pode se transformar em lago de vez em quando, e assim por diante. Enquanto não são Deuses podem apenas lançar rajadas d'água, respirar embaixo d'água e outras coisas que um mero peixe bêbado seria capaz de fazer.

Por alguma razão, os índios do Bosque consideram mais divertido virar água e outros elementos da natureza do que se transformar em animais. Provavelmente porque os magos do passado já banguçaram tanto os espíritos dos animais, tomando seus corpos constantemente, que eles se tornaram gastos. Ainda assim, existem alguns clãs antigos cujos membros se transformam em insetos ou outros seres vivos que se movem, embora não estejam entre os clãs mais poderosos.

De qualquer forma, não vamos discutir as razões. É apenas tradição, e tradição não se discute, e sim se lamenta. Afinal, muitas vezes elas são implementadas por motivos estúpidos.

O mago que deseja se tornar um Deus primeiro deverá se associar a um clã. Isso significa selecionar um elemento de força, como Floresta ou Trovão. Existem dezenas de clãs diferentes. Os índios

raramente os escolhem, mas quem não é da tribo pode simplesmente optar por um e tentar imitá-los.

Uma forma de escolher um clã é por sonho ou meditação. Outra forma é jogar dados ou fazer uniduni-tê, caso você esteja com pressa e seja mais pragmático, em vez de místico e sonhador. Muitos magos de hoje mal têm tempo para um café e em vez de criticarmos a pressa do estilo de vida moderno, como é a moda, escolhem nos adaptar a ele, incluindo nossa magia. Afinal, não faz sentido permanecer no mesmo estilo de magia de mil anos atrás, ou de quinhentos anos atrás. Como se diz por aí, não é o homem que deve se adaptar à religião e sim a religião ao homem.

Algumas mulheres não gostam do uso do termo “homem” na frase anterior e preferiam substituí-lo por “ser humano”. A elas pedimos desculpas e dizemos que o estilo de vida moderna raramente permite digitar duas palavras em vez de uma. Sendo assim, optamos por “homem”, na maioria das vezes, mas se me pagar um café podemos conversar mais sobre isso.

Voltando ao assunto, se deseja se tornar um Deus, escolha seu clã da forma que achar melhor, mais prática, ou mais bonita. Após fazer isso, visualize a si mesmo como um lago, por exemplo, caso tenha escolhido esse clã. Sinta suas próprias águas e pense no que pode fazer com elas.

As meditações podem ser divididas em diferentes fases.

Fase 1: Meditação do Lago.

Dorsedem Craivita

Fase 2: Meditação do Lago Calmo.

Fase 3: Meditação do Lago Furioso.

Fase 4: Meditação do Lago Neutro.

Fase 5: Meditação do Lago que interage com a natureza.

Fase 6: Meditação do Lago mágico.

Esses são apenas exemplos. A primeira fase é indicada para se acostumar com a ideia geral de tornar-se algo completamente diferente. As próximas fases consistem em adaptar suas emoções ao elemento ou ser escolhido, acelerando ou acalmando a respiração.

Por fim, é necessário imaginar-se como lago interagindo com outros elementos e finalmente portando-se de forma mágica; ou seja, realizando magia.

Sempre que estiver próximo a algum elemento que lhe recorde de seu clã, a sua força aumenta. E se precisar dessa força e não estiver próximo de nada parecido, apenas visualize.

Os Deuses dos índios do Bosque não são imortais. São apenas pessoas que se tornaram especialmente poderosas. O ritual para virar um Deus é uma declaração formal de que o mago resolveu dedicar sua vida à magia. É quase como uma confirmação da iniciação, que muitas vezes é realizada por impulso e paixão. O ritual da maturidade e o de tornar-se Deus

Wanju Duli

é fruto de experiência e raciocínio, embora as emoções também desempenhem papel importante.

Capítulo 3: Ritual da Evocação dos Deuses

Os índios do Bosque possuem rituais para quase todas as coisas. O Ritual da Evocação de Deuses, ou PRÉ-Ritual, consiste numa preparação para tornar-se um Deus, ou para quem nunca desejar realizar isso ou ter um compromisso formal com magia.

Você pode comunicar-se com alguém que já é Deus, tomar um chá com ele e perguntar como ele se sente. Talvez não seja a coisa certa para você. Afinal, Deuses costumam ter menos tempo sobrando para fazer qualquer coisa que não tenha nada a ver com magia.

Para chamar o Deus Grama, por exemplo, deite-se num gramado e o chame mentalmente. Se quiser emputecê-lo, corte um pouco de grama e ofereça em sacrifício. E se quiser emputecê-lo mais ainda, mastigue um pouco de grama, como um idiota.

Já que falamos nisso, existem dois métodos de chamar um Deus: pelo emputecimento e pelo puxa-saquismo.

Método 1: Emputecimento

Faça todas as coisas que o Deus mais odeia, como jogar anilina cor-de-rosa num copo para o Deus Água ou usar um vestido completamente ridículo para dançar nas rajadas do Deus Vento. Faça oferendas imbecis e porte-se como um completo babaca, usando uma voz aguda demais ou grave

demais, cantando uma música ruim, usando uma fórmula de evocação com rimas escandalosas ou qualquer coisa digna de pena que sua imaginação pode produzir.

É tiro e queda: o Deus virá na mesma hora para tentar chutá-lo. É uma boa ocasião para quem curte uma guerra e quer lutar contra ele usando outro elemento.

Método 2: Puxa-saquismo

O meio tradicional de chamar Deuses, usando aromas bem cheirosos de defumador em vez de cheiro de peixe cru. Caprichar nos poemas e na decoração. Em suma, deixar tudo nos trinques e ainda realizar uma reverência básica.

Quem precisa de um favor urgente e não tem nada muito legal para oferecer em troca, como uma torta com um pedaço do seu espírito, recomendamos usar essa via.

Capítulo 4: Divinação do Macaco Velho

Quase todos os sábios do Bosque são peritos em ver o futuro. Isso porque são capazes de pular fora do fluxo do tempo por alguns momentos.

Dizem que o amor é cego e somente quem está de fora do paradigma da paixão é capaz de enxergar a situação com mais clareza. De modo análogo, para enxergar o futuro é preciso pular fora do tempo como o conhecemos.

Para realizar esse feito, é preciso acelerar ou desacelerar o tempo psicológico. Substâncias alucinógenas fazem isso muito bem, mas não as recomendamos diretamente, pois muitas substâncias também tiram a capacidade de interpretar os acontecimentos com clareza. Sendo assim, a meditação ainda é a melhor escolha, ou uma dança acelerada.

Caso escolha a meditação, existem algumas boas opções:

Festa: Imagine que está numa festa, com todos dançando no ritmo da música. Comece a fazer movimentos mais acelerados ou lentos que todos ao seu redor. Repita sempre os mesmos movimentos, até que se tornem naturais. Quando entrar em transe, você não notará que está mais rápido ou mais lento e sim que todos ao seu redor estão apressando ou diminuindo o passo.

Wanju Duli

Obviamente, você pode ir a uma rave e realizar esse método no mundo real.

Ampulheta: Visualize uma ampulheta gigante. Você está aprisionado dentro dela e a areia cai pouco a pouco. Para escapar do fluxo do tempo, desvende um meio de sair de dentro da ampulheta.

Com uma ampulheta real, você olhará fixamente para ela, até alterar o estado de consciência.

Esses métodos foram adaptados por U.S., pois os índios do Bosque usam tripas de animais, particularmente de macacos, lançamento de ossos e caçadas para fugir do fluxo do tempo.

Capítulo 5: Magias para Idiotas

“Para tornar-se um Mago é preciso, em primeiro lugar, ser um idiota”

Bosque Sul (aos 39 anos)

“Um grande Mago é certamente um grande idiota, mas nem todo grande idiota é um grande Mago”

Bosque Sul (aos 100 anos)

“Nasci um idiota e vou morrer um idiota”

Bosque Sul (no leito da morte, afogando-se no mar)

Reza a sabedoria popular que a magia mais complexa e avançada do mundo seria aquela que traria a cura para a idiotice. No entanto, paradoxalmente, os magos rebatem que a idiotice é certamente um requisito para a magia. Sendo assim, quem desejasse se curar da idiotice, se existisse cura para tal coisa, teria também que renunciar a todos os seus poderes mágicos.

O potencial para se tornar mago costuma ser proporcional ao grau de imbecilidade. Contudo, existem categorias de estupidez consideradas mais desejáveis e as menos desejáveis.

Elas não serão listadas aqui, pois se fosse realizado o Ritual da Virada do Desejo, as categorias potencialmente falhas se tornariam as favoritas e vice-versa.

Esse é certamente um assunto complexo. Os mais espertos podem tentar utilizar um método semelhante ao divinatório. Enquanto naquele se tentaria escapar do fluxo do tempo, nesse a tentativa seria escapular do fluxo da estupidez, para ter uma noção do que fazer com ela.

Porém, tenha em mente que esse escape seria apenas momentâneo, ou uma ilusão de escape. Seria mais fácil descobrir o sentido de tudo, reinar sobre os universos ou tornar-se genuinamente e sinceramente bondoso (o que quer que venha a ser isso) do que deixar de ser um babaca.

Por esse motivo, Bosque Sul é conhecido até hoje como um dos maiores magos de todos os tempos. Ele não entrou para a lista dos mais fortes, mas todos sabem que essa lista serve apenas para agradar o povo. De qualquer forma, a razão de Bosque Sul ter essa fama não é o seu poder e sim ter possuído um grau elevado de imbelicidade, talvez o maior visto num mago até hoje.

Por isso incentivamos a todos que utilizem o Ritual de Virada do Desejo. Afinal, teimosia e magia não combinam. Mas idiotice cai como uma luva.

Sendo assim, não forneceremos uma lista de magias próprias para magos estúpidos. Todas elas podem ser bem aproveitadas por eles. Porém, o ritual da evocação dos Deuses pelo emputecimento é particularmente recomendado.

Conclusão

Por que usar magia? Não é tão necessário. É possível viver bem sem ela. Também há quem diga que todos usam magia em alguma medida, mas de forma inconsciente.

Em geral, os magos são magos simplesmente porque gostam de sê-lo, assim como comem um pastel porque gostam ou assistem a um filme porque parece divertido.

Outros são magistas porque precisam, e se não o fossem precisariam substituir a necessidade de magia por uma religião, uma pessoa ou um bolo.

Todos precisam comer, mas não é mais interessante incrementar a comida e optar por pratos diversificados, criativos e com diferentes sabores do que ingerir apenas o básico para a sobrevivência? A maioria das pessoas deseja viver e não apenas sobreviver.

Por isso a magia pode se tornar mais do que o básico necessário para se ter paz e se satisfazer espiritualmente. Mais do que uma cópia e repetição de tradições e sistemas do passado. Uma existência que seja um pouco mais que macarrão instantâneo.

Com licença, estou realmente com fome. Vou parar para lanchar. Outra hora concluo meu livro de feitiços. Ou você mesmo conclui, já que concluir qualquer coisa é trabalho do leitor e não do escritor.

Isso não é uma piada, eu estou com fome mesmo.

FINAL DISSO

A Biblioteca do Bosque

Capítulo 1: Mundos Virados

Francisco Silva estava cansado. Colocou as mãos nos bolsos da calça, em busca de moedas perdidas.

– Quero um pastel.

Seu José entregou-lhe um bem grande, pingando óleo. O outro segurou seu jantar e saiu de lá todo contente.

Andou um pouco e sentou-se no chão, encostando-se na parede, do lado de um sujeito que parecia meio adormecido.

Mastigou fazendo bastante barulho e derrubando pedaços de pastel na roupa. O que estava dormindo acordou subitamente com o cheiro.

– Já terminou sua jornada, Chico?

Chico fez que sim, sem interromper a mastigação.

– Achou o pote de ouro?

Chico ignorou a segunda pergunta. A falta de resposta não produziu nenhum efeito e o piadista riu da própria piada. O riso produzia um som tão irritante e escandaloso que Chico fez cara feia.

Um terceiro homem de laranja aproximou-se dos outros dois e sentou-se perto de Chico. Ele trazia nas mãos uma coxinha de galinha.

– Do que estão rindo? Quero participar da diversão.

– Fred só está sendo babaca como de costume – Chico falou de boca cheia.

– Não precisa cuspir seu pastel em cima de mim. Já arranjei meu rango, que, por sinal, é mais barato que isso que você tá comendo.

– Desgraçado! – bradou Chico – Quanto pagou por essa coxinha?

– Oitenta centavos.

Fred fitou o recém-chegado com olhos esbugalhados.

– Na vendinha do Seu Ambrósio?

Quando o outro confirmou com um aceno de cabeça, Fred segurou as calças e disparou correndo para lá.

– Você tá mentindo, Raimundo – disse Chico – só queria ver o Fred correr e grunhir como um porco.

Raimundo deu um sorriso divertido, com seus dentes bem brancos. Ele tinha a pele profundamente negra e era muito atraente. Muito jovem, comparando com seus companheiros de trabalho. Tinha 37 anos e estava certamente no auge de sua beleza. Possuía um ar mais velho e maduro misturado com traços juvenis.

Chico tinha pele morena e cabelos cacheados desgrenhados. Era gordo e, ao contrário do que alguns idiotas pensavam, conseguia fazer seu trabalho muito bem. Apenas suava demais.

Fred retornou desapontado, sem a coxinha, e os outros dois riram da cara dele. Fred não era tão gordo quanto Chico, mas seu barrigão era maior. Ele se esqueceu de subir as calças quando sentou, deixando parte da cueca e do traseiro aparecendo. Coçou as costas e os braços. Ele nunca parava de se coçar, como se tivesse algum tipo de alergia.

– Por que fez isso? – perguntou Fred desapontado, na maior inocência.

Dorsedem Craivita

– Porque me satisfaz – respondeu Raimundo, agitando a coxinha perto de Fred, para que ele sentisse o cheiro.

Fred optou por não pedir um pedaço da comida dos amigos, pois ele sabia que eles jamais dariam. Caso dessem, estabeleceriam uma série de condições.

– Viram a novela hoje? – perguntou Fred, tentando puxar assunto.

– Eu tava trabalhando na hora da novela, otário – respondeu Chico, rispidamente.

– E o jogo de futebol? – Fred tentou outra vez – Sabem, sou muito bom em futebol.

– Duvido – disse Raimundo.

– Sou um bom zagueiro. Quase fui escalado para o time de futebol local da minha cidade.

– Qual era o nome do time? – perguntou Raimundo.

– Eu não me lembro...

Raimundo levantou-se. Jogou o papel da coxinha no lixo.

– OK, pra mim já chega. Vejo vocês amanhã, infelizmente.

E Raimundo saiu assim, com as mãos nos bolsos.

Fred continuou coçando o rosto perebento. Tirou o boné, deixando aparecer a careca.

– Você acha que consigo comprar pipoca por aqui?

– Por que isso agora? – perguntou Chico, embora não estivesse realmente interessado na questão.

– Porque quando como pipoca me lembro de cinema – explicou Fred – faz tempo que não vou. Não sobra grana e nem tempo.

– Que merda você faz com seu tempo?

Wanju Duli

– Sou pai de família! – ele contou, orgulhoso – vou ganhar uma netinha em agosto. Tô tão empolgado!

– Quantos anos você tem, cara?

– Hã... – Fred precisou pensar um pouco antes de responder – 51... ou era 52?

– Eu tenho 45 e já tenho um neto há muito tempo – contou Chico – eu obviamente trepei com minha mulher muito antes de você, já que sou muito mais bonito.

– A mulher que te deixou?

Chico sentiu a raiva subindo e percorrendo todo seu corpo. Sentiu vontade de socar Fred, mas se conteve. O amigo era apenas um perdedor e estava se fingindo de superior.

Nenhum dos garis ia com a cara de Fred e estavam sempre zombando dele. Fred era feio e estúpido. Não havia nada de bom nele. O fato de a esposa do sujeito não tê-lo largado ainda era apenas sorte. Devia ser mais feia e burra que ele. Chico quis acreditar nisso fortemente.

Uma discussão maior não aconteceu porque Severino chegou para interromper.

– É sempre assim, nos tratando como lixo! – gritou ele – Pois eu digo a vocês, aquela mulher que jogou a latinha de refri no chão, bem na minha frente, fede mais do que todo lixo que já limpei na minha vida. Ela tinha um traseiro realmente respeitável, isso não se pode negar. Mas de nada adianta, com uma atitude assim tão podre!

Chico segurou o riso ao escutar Severino elogiar tão raivosamente o traseiro da mulher. Severino era como o chefe dos garis que faziam parte daquela área

Dorsedem Craivita

da cidade. Nada de mais: ele apenas coordenava o trabalho de meia dúzia, por ter mais tempo de serviço e ser mais experiente. Era poucos anos mais novo que Chico.

– E esse papel amassado, o que tá fazendo aí do seu lado? – perguntou Severino, mais puto da cara ainda, falando tão perto de Chico que chegou a cuspir nele.

– Eu já ia jogar na lixeira, te acalma aí! – disse Chico, levantando-se para fazer isso.

– Se você não respeita o nosso trabalho e a limpeza de nossa cidade, como espera ser respeitado? – desafiou Severino.

Chico já estava cansado daqueles discursos e reclamações furiosas de Severino. Não importava que ele fosse o líder de uns cinco ou seis e nem mesmo que estivesse certo. Ele repetia tanto aquelas coisas que soava como um disco quebrado.

– Por que não tira esse traseiro gordo do chão e vai ajudar o Geraldo?

– Eu já terminei o meu turno – defendeu-se Chico – se ele precisa de ajuda, por que não pede para o Fred? Você deu menos trabalho pra ele hoje.

– Eu mandei que você vá, e não ele.

E essa foi a palavra final. Chico levantou-se, cansado de ver o chefe favorecer o tonto do Fred. Esse era outro motivo para que pegassem no pé dele: o favorito de Severino... quase um caso de amor, se duvidasse.

Chico caminhou até a área de trabalho de Geraldo e encontrou-o esvaziando algumas lixeiras na velocidade de uma tartaruga. Chico respirou fundo.

– Vai uma mãozinha aí, vovô?

– Não se preocupe, não quero incomodar – disse Geraldo, com um sorriso simpático.

– Deixa disso – insistiu Chico – segura o saco que eu pego as lixeiras.

Geraldo tinha cabelos e barbas bem brancos. Devia ter quase 80 anos. Chico ouviu falar que ele trabalhava para ajudar a família a pagar as contas, pois a situação estava complicada. Ele já era aposentado, mas como o dinheiro da aposentadoria não dava para quase nada, ele voltou a trabalhar.

Chico levou quase uma hora para ajudá-lo a terminar tudo. A área pela qual Geraldo ficou responsável não era muito grande. Mesmo assim, ainda tinha muito caminho sobrando quando Chico chegou.

– Por que não larga esse emprego? – perguntou Chico – Ser gari não é para qualquer um. É algo muito difícil. Exige muita força física e resistência.

– Minha esposa está doente. Até eu arranjar outro emprego pode ser tarde demais...

Chico sentiu um pouco de pena de Geraldo e até se ofereceria para ajudar, se não tivesse seus próprios problemas para resolver.

Geraldo deu tapinhas nas costas de Chico e sorriu.

– Não se preocupe, filho. Já me ajudou até demais hoje. Aproveite o vigor da juventude e dê muito amor para a sua esposa.

Chico se considerava quase uma criança perto de Geraldo. E apesar de ser tão gordo, sentia que possuía a energia e a resistência de um jovem de vinte e poucos anos. Já havia feito tantos tipos de trabalhos braçais, como pedreiro e limpador de carros, que sentia que seria capaz de arrancar uma árvore com as

Dorsedem Craivita

mãos nuas. Essa era apenas uma fantasia, mas ele gostava de imaginar que poderia.

Ele apenas baixou os olhos.

– Não tenho mais mulher...

– Ela morreu? – perguntou Geraldo.

– Não, mas...

– Então vá atrás dela! O que está esperando? A vida é curta para pensar demais.

Quando Chico olhava para Geraldo, via apenas um velhinho quieto e trêmulo com expressão triste. Mas por trás daqueles olhos cansados havia muito mais vida e esperança do que Chico jamais imaginou possuir.

Ele sim sabia viver. Fazia um trabalho exaustivo naquela idade, a esposa estava doente e ele ainda seguia em frente com um sorriso no rosto. De repente, Chico sentiu-se miserável. Ele ainda tinha muitos anos de vida pela frente, tinha uma filha e um neto, era capaz de apreciar um delicioso pastel. O que mais ele poderia desejar?

Após despedir-se de Geraldo, em seu caminho de volta, Chico fitou o céu.

– Minha vida é perfeita. Obrigado, Deus, pelo meu trabalho e por todas as bênçãos da minha existência.

– Não agradeça a Deus. Você pode contar apenas com si mesmo.

Severino ainda estava nos arredores e ouviu o que Chico disse.

– Não sou de ir à igreja – confessou Chico – mas acredito que tenho um anjo que já me ajudou em muitos momentos difíceis.

– Eu sou o seu anjo – disse Severino – portanto, agradeça a mim pela bênção do seu trabalho. Eu duvido que seu anjo irá te dar esse trabalho de volta se você apenas rezar e agradecer.

De repente, Chico não sentiu pena apenas de Geraldo, mas também de Severino. Ele era totalmente revoltado com a vida, tanto no céu como na terra. Só sabia amaldiçoar Deus, o governo e os ricos, culpando-os por tudo de ruim que acontecia em sua vida.

No fundo, a culpa não era de Deus, do governo ou de qualquer outro ser abaixo ou acima dos céus. Severino sentia uma raiva profunda de quem estava acima dele, e queria descontar essa fúria nos que estavam abaixo, para assim sentir o gostinho do pouco poder que ele possuía, comparado com o poder de Deus.

Chico sentiu muita vontade de dizer isso: que Severino estava com inveja do poder de Deus, por isso não acreditava Nele. Mas ele certamente seria demitido se falasse isso.

– Obrigado pela oportunidade desse trabalho – Chico resolveu dizer – mas eu ainda acredito em Deus e quero continuar acreditando.

Chico não era um religioso fervoroso e só se lembrava de Deus quando era conveniente. Mesmo assim, naquele instante ele quis fingir ser esse religioso dedicado diante de Severino, como se implicitamente dissesse: “Sim, você é poderoso. Mas eu sirvo a alguém muito mais poderoso que você”.

– Acredite no que quiser – disse Severino – contanto que isso não interfira no seu serviço, pouco me importa.

Dorsedem Craivita

“Por que iria interferir?” pensou Chico, perplexo. Mas resolveu calar a boca. Ele não se ferraria tanto quanto Geraldo se perdesse aquele emprego, mas seria pelo menos como um tiro na perna.

Ele estava cercado por pessoas detestáveis: Fred era ingênuo e burro demais para merecer alguma compaixão. Raimundo, por ser jovem, bonito e possuir um bom vocabulário, se achava melhor que todos os outros. Severino era eternamente irritado e insatisfeito. Geraldo era o único que se salvava, mas também era ruim tê-lo por perto, pois fazia Chico sentir vergonha de sua autocomiseração.

No fundo, tudo o que Chico queria era ser demitido. Não precisar mais sentir o mau cheiro de Fred, o ar de superioridade de Raimundo, a irritação de Severino, a insuportável gentileza de Geraldo... seria bom demais para ser verdade.

Em compensação, Chico não iria poder mais comprar os maravilhosos pasteis. Ia acabar indo morar na rua, sem dinheiro para o aluguel. Teria que caminhar quilômetros a pé se quisesse se locomover de um lugar para outro. Com preguiça e sem perspectiva, arranjaria um cobertor velho e apenas deitaria num canto qualquer, tornando-se mais rabugento que Severino, culpando o governo e a sociedade por tudo de detestável que acontecia em sua vida.

Enquanto pensava em todas essas coisas, deu-se conta que já estava caminhando até a parada de ônibus. Não tinha perdido o seu emprego. Sua vida ainda era um conto de fadas: ele recebia dinheiro real e tinha um emprego real. Era bom demais para acreditar.

Ela ainda se recordava vividamente daqueles oito meses que ficou sem emprego. A lembrança era um pesadelo tão terrível que ele estava disposto até a renegar Deus para manter seu atual emprego.

Quando seu ônibus chegou, ele encostou o rosto na janela e fechou os olhos. Seria uma longa viagem de volta à sua cidade.

Aquela noite em particular tinha cheiro de milagre: após aquela conversa quase surreal com seu chefe, o ônibus chegou na parada em apenas dez minutos e ele ainda conseguiu um lugar para sentar.

Deus e os anjos o estariam recompensando pela sua fidelidade? Por que ele estava se tornando tão religioso de repente?

Era sua revolta contra Severino. Ele não o odiava de verdade. Havia muitas coisas certas no que seu chefe dizia. Ainda assim, ele não gostava da forma que ele dizia.

Quando Chico finalmente desceu em sua parada e aguardava um segundo ônibus, notou que este segundo estava demorando mais que o normal. Ele já estava esperando há quase uma hora. Talvez Deus não tenha gostado de sua dúvida e de suas motivações?

Chico balançou a cabeça, confuso. Era melhor parar de pensar em Deus, ou ficaria louco. Os desígnios de Deus eram desconhecidos por ele.

“Além do mais, Ele é ocupado demais, então não vou atrapalhá-lo”.

Quando finalmente chegou em sua cidade era madrugada. Ao caminhar pelas ruas desertas, sentiu um frio na espinha. Resolveu rezar para chegar

Dorsedem Craivita

seguro em casa. Poderia ser assaltado ou morto e era difícil dizer qual era a pior opção.

Ao chegar em casa, respirou fundo e sentiu-se bobo por ter sentido medo e rezado. Mas será que ele era assim tão bobo? Já tinha sido assaltado muitas vezes antes. Aquela cidade era perigosa. Quem morava numa rua relativamente segura e não precisava percorrer todos os dias um longo caminho de madrugada, não estaria em posição de criticar a sua fé.

Muitas pessoas que Chico conhecia eram católicas ou evangélicas. A maioria delas não levava uma vida fácil e era difícil seguir em frente sem alguma espiritualidade. Algumas já teriam cometido suicídio há muito tempo sem isso. Era muito mais fácil tornar-se ateu quando você tem pão na mesa e não tem um revólver apontado na cabeça.

Mas Severino pensava diferente. Ele sentia que a culpa era de Deus porque ele não tinha um carro. Achava que Deus não poderia existir num mundo de tanta miséria.

Chico não tinha certeza qual seria o pensamento mais filosoficamente correto. Mas ele não tinha tempo para filosofia. Precisava lutar pelo seu pão e seu pastel a cada dia, e Deus parecia-lhe uma realidade muito mais vívida do que uma filosofia morta e pouco prática.

“Por isso Deus existe e eu vou seguir em frente” Chico resolveu pensar.

Afinal, se Deus não existisse, qual seria o sentido de continuar? Ele não tinha nem mesmo uma esposa. Só tinha amigos chatos. O trabalho e o salário eram

sufridos. Caso ele prosseguisse por teimosia, talvez se tornasse um chato como Severino.

Chico tomou um banho rápido e deitou-se. Mas não conseguiu dormir, preocupado com o próximo pagamento de aluguel. Quem sabe ele devesse se mudar logo para um cortiço e, apesar do desconforto, teria noites de sono sem tantas preocupações.

Finalmente, conseguiu adormecer, lembrando-se que não precisaria acordar cedo no dia seguinte. O domingo havia chegado. Ele tinha trabalhado aos domingos algumas vezes, para ganhar dinheiro extra, mas ele decidiu que aquele domingo seria a ocasião para visitar sua filha e seu neto.

Pela manhã, recolheu o dinheiro da passagem de ônibus, que havia guardado especialmente para aquela ocasião. Chegou na casa da filha, do outro lado da cidade. Aquela casa estava em condições ainda piores que a sua.

– Odete, querida, como tá a minha filha linda?

– Ainda mais linda, papai!

Eles se abraçaram.

– Por que demorou tanto para vir me visitar?

– Você sabe que é minha filha preferida. Eu estava ocupado.

– Sou sua única filha.

– Nunca se sabe – respondeu Chico astutamente – quando eu era jovem eu costumava frequentar muitas festas.

– Está bem, eu realmente não quero saber – interrompeu Odete – Nossa conversa foi ótima. Agora vai lá dar atenção pro Uóxintom.

Chico batizou Odete em homenagem a uma personagem de novela. Ela tinha dado o nome do

Dorsedem Craivita

filho também em homenagem a alguém, que ele nunca se lembrou de perguntar quem era.

Uóxintom tinha 9 anos e estava matriculado numa escola pública local. Diferente de Chico e de Odete, ele sabia ler e escrever. Por causa disso, Chico não podia se candidatar a algumas posições de gari que exigiam certo nível de estudo. Chico já estava conformado a nunca subir em sua profissão, mas tanto ele como Odete tinham grandes expectativas em relação a Uóxintom.

– Como está o meu neto preferido? – perguntou Chico.

– Mais ou menos – respondeu Uóxintom.

– O que aconteceu?

– Hoje tivemos um trabalho na escola para falar sobre a profissão de nossos pais. Meus colegas zombaram de mim quando eu disse que minha mãe era empregada doméstica.

– Então seus colegas são uns bostinhas! A mãe deles é uma rainha, por acaso?

Uóxintom franziu a testa.

– O que é “bostinha”? É como ir ao banheiro?

– Exatamente – confirmou Chico, perguntando-se qual garoto de 9 anos de hoje em dia não conhecia essa palavra – você é tão inteligente, precisa aprender mais palavras.

– Não vi nada parecido nos livros da escola.

– A escola não te ensina tudo o que você precisa saber – falou Chico – o que a sua professora falou quando seus colegas criticaram a profissão da sua mãe?

– Ela riu junto.

– Então eu acho que você tá numa escola bem ruim e seus livros são um lixo – afirmou Chico – é melhor você se mudar pra outra escola.

– Não tem nenhuma outra aqui perto. E eu gosto dos meus livros. Veja só esse como é bonito.

Ele mostrou um livro grosso, cheio de figuras. Chico ficou impressionado.

– Crianças da sua idade já leem livros tão grandes?

– Eu sou um dos melhores da minha classe, então faço questão de ler os grandes! – exclamou Uóxintom, cheio de si.

– Você vai perder seu tempo lendo essas coisas – afirmou Chico – é só um monte de histórias de fantasia. A vida é diferente. Muito mais difícil.

– Bem, nessas histórias os heróis precisam destruir monstros gigantescos e assustadores que não existem em nosso mundo. Eles podem matar com apenas um sopro! Não existe nenhum monstro tão letal assim na Terra.

Chico pensou em perguntar o que significava “letal”, mas em vez disso falou:

– Você ainda não conhece os monstros da Terra. Eles se chamam fome, doença, guerra...

– Eu conheci um monstro quando xingaram minha mãe – disse Uóxintom – ele se chama preconceito.

– Você já conhece umas palavras bem grandiosas na sua idade – comentou Chico, impressionado.

– Você também, vô, conhece palavras demais para alguém que não sabe ler.

– Será que esse tal monstro do preconceito não atacou você também? – perguntou Chico – Eu tenho idade e experiência de vida. Eu conheço até mesmo

Dorsedem Craivita

palavras inventadas na minha cidade que nenhum desses seus professores e dicionários vai conhecer.

– Então essas palavras não existem.

– É claro que existem. Elas tão sendo usadas. Vou inventar uma palavra agora para você: teimosulhoso!

– Quê?

– Isso é o que você é: teimoso e orgulhoso. Mas eu te digo: não é tão ruim assim. Aposto que você bateu nos seus coleguinhas que riram de você, certo?

– Não bati.

– Meu neto é um covarde? Não defende o que acredita?

– Não gosto de violência. Os heróis das histórias são sempre nobres e cavalheiros. Os vilões são violentos e mal educados.

– Vem até aqui, Uóxintom. Vou te contar uma coisa que quero que não esqueça.

Uóxintom aproximou-se.

– Não existem heróis e vilões no mundo real – revelou Chico – toda pessoa tem algo precioso e algo podre dentro de si. O único ser que está acima do bem e do mal e é capaz de ser puro é Deus.

– Eu não concordo – disse Uóxintom.

– Como é que você não concorda? – perguntou Chico, surpreso – Você não tem aula de religião na escola? Sua mãe não te faz rezar toda noite e agradecer pelo que tem?

Chico achava que ele era muito novo para começar a questionar essas coisas. Mas após a resposta de Uóxintom, ficou clara qual era a origem da confusão.

– Nesse livro que estou lendo não existe apenas um Deus, mas vários Deuses. E todo mundo meio

que tem um Deus dentro de si. Todas as coisas têm uma alma, até as pedras!

– Essa é uma história de fantasia – repetiu Chico – você precisa ser capaz de separar a fantasia da realidade.

– Pare de colocar coisas na cabeça do menino, pai! – exclamou Odete lá da outra sala, que entreouviu a conversa – Deixe que ele sonhe enquanto pode! É só um livro.

Ela se afastou outra vez e os dois continuaram a conversa.

– Você ouviu sua mãe: isso é só um livro.

– Mas os personagens são índios.

– Índios brasileiros?

– Índios inventados, mas nossos índios também não acreditam em vários Deuses? Eu estudei isso na escola.

– Bem, mas você não é um índio – observou Chico.

– Acho que me pareço muito com um – disse Uóxintom – e há algumas centenas de anos não tinham índios na nossa família?

– Talvez, não sei – respondeu Chico, confuso – mas que diferença faz?

– Eu gosto mais dos Deuses desse livro do que do nosso Deus. Os Deuses do livro são imperfeitos e eu me identifico mais com eles.

– Qual é a utilidade de adorar um Deus imperfeito? – perguntou Chico.

– Não preciso adorar. Ele pode ser meu amigo. Não tenho amigos na escola, então seria o máximo ter Deuses como amigos.

Dorsedem Craivita

Chico riu. Ele achou aquele discurso realmente bobo, mas não deixou de se identificar com ele. Chico também não tinha muitos amigos. Ele tinha um pouco de medo de seu Deus e ele parecia um pouco distante e superior demais, como um chefe que ele prefere não irritar, pelo temor da fúria divina; ou, nesse caso, de ser demitido.

Chico sentou-se ao lado de Uóxintom, observando com mais atenção o livro que ele folheava. As figuras eram bonitas mesmo. Mostravam índios fortes com pele bronzeada, cabelos negros e plumas.

– Se os índios têm Deuses como amigos, por que eles precisam lutar tão ferozmente contra monstros?
– perguntou Chico.

– Porque os monstros também são Deuses, ou semideuses. Imperfeitos, é claro, então todos eles podem se irritar e cometer erros. E um amigo pode virar um inimigo.

– Então é ainda mais perigoso ter um Deus imperfeito como amigo. Eles cometem erros e podem te machucar.

– Eu prefiro ter um Deus imperfeito como amigo e ele me matar do que ter um Deus perfeito e distante que vai me salvar.

– Isso não faz o menor sentido.

– O livro diz que uma vida sem amigos não vale a pena ser vivida, mesmo que seja perfeita. Eu não gostaria de ser imortal se minha vida fosse solitária.

O menino abraçou o livro fortemente. Ele parecia estar levando a história muito a sério. Chico achou aquilo perigoso. Uóxintom estava lendo um livro que não foi escrito para um menino da sua idade. Ele

poderia tirar lições erradas ou copiar as besteiras que os personagens faziam.

Chico tomou o livro dele.

– NÃO!!!

O grito que o menino deu assustou Chico. Subitamente, Uóxintom começou a socar e a chutar o avô, exigindo que o livro fosse imediatamente devolvido. Ele não estava nem mesmo na pré-adolescência para agir assim. Estava apenas louco!

– É assim que um herói se porta? – desafiou Chico.

Ao ouvir isso, Uóxintom endireitou-se.

– Por favor, vovô, me devolve o livro.

– Agora sim.

Quando Chico devolveu, Uóxintom abriu numa página para mostrar uma figura.

– Essa é uma das lutas: o bravo guerreiro Bosque Sul contra a Deusa Montanha.

Chico ficou admirado com o desenho. Retratava um homem valente, provavelmente da sua idade, armado para a batalha. A Montanha, cercada de espíritos, atacava-o com ferocidade, mas o guerreiro não se dobrava.

Um sentimento forte foi despertado em Francisco Silva naquele momento. Ele viu a si mesmo no personagem, exatamente naquele: Bosque Sul. Ele morava na zona sul da sua cidadezinha, que era a zona mais perigosa. Havia um mato muito alto naqueles lados, que facilitava o caminho para assaltantes. Então... Bosque Sul. Encaixava perfeitamente.

E a luta contra a Montanha? O mundo inteiro parecia grande demais para que Chico pudesse lidar

Dorsedem Craivita

com ele. Até mesmo seu Deus era grande. E ele se sentia muito pequeno diante da fúria de Deus e do mundo. Deus o confortava e ao mesmo tempo lhe assustava.

E se ele resolvesse desafiar tanto Deus como o mundo? Aquele que um dia foi seu amigo e do dia para a noite vira um adversário? O seu adversário era seu próprio medo e insegurança.

Chico tentava se conformar com sua situação, assim como o pobre Geraldo. Mas será que seu chefe Severino não estava correto em lutar?

Não... talvez nenhum dos dois estivesse certo. Ou os dois estivessem certos, com seus próprios jeitos. A vida e os sentimentos de cada um eram diferentes, então era natural que cada um agisse de uma maneira e todos estivessem certos em relação a suas próprias vidas!

O objetivo de Chico não era achar a forma ideal de agir ou copiar a forma de outra pessoa. Acreditar ou não em um Deus, acreditar em vários Deuses, criar os seus Deuses... tudo era permitido! Nada daquilo estava certo ou errado. Nada daquilo era verdade e, ao mesmo tempo, quantas verdades poderiam existir simultaneamente naquilo tudo! Reclamar ou não, ser humilde ou orgulhoso, amar ou odiar... não era questão de descobrir o que é certo ou verdadeiro, e sim descobrir e criar seu próprio caminho. E aquela maneira de agir e pensar servirá apenas para você, e para mais ninguém.

“O espelho da alma. Somente o portador será capaz de fitar a própria imagem. O julgamento só existirá no interior do coração e esse tribunal será

transformado na contemplação absoluta da amizade desapaixonada”.

Por um momento, Chico pensou estar escutando seus próprios pensamentos. Mas era seu neto que havia lido um trecho do livro.

– Legal, né? – perguntou Uóxintom.

– É.

Chico achou mais do que legal, mas achou que não seria adequado pedir para que Uóxintom continuasse lendo o livro para ele. Normalmente seria o avô que leria uma história para o neto e não o contrário.

Mas aquela não era uma situação convencional, desde o começo. Se o neto, com sua pouca experiência de vida, mas com alguns anos de escola, e o avô, com o conhecimento da escola da vida, trocassem conhecimentos através da leitura do tal livro controverso e misterioso, algo bom poderia sair de lá. Algo que poderia ter valor para ambos.

De qualquer forma, Uóxintom não teria tempo para ler o livro inteiro para o avô naquele dia, até porque sua leitura ainda era meio lenta e ele se embolava nas palavras. Chico ficaria satisfeito com a leitura de apenas um capítulo.

– Será que você poderia ler o capítulo...

– Da luta de Bosque Sul contra a Deusa Montanha? – perguntou Uóxintom, adivinhando – É claro.

E assim, os dois realizaram um feito que seria considerado quase uma heresia no universo literário: começar a ler um livro pela metade!

Esse feito tão ousado mudaria a vida dos dois de forma extraordinária. Exatamente porque aquele seria

Dorsedem Craivita

o capítulo que acenderia o fogo no coração de Chico e o conectaria de maneira forte ao seu neto.

Capítulo 2: A Fúria de Bosque Sul

– Eu juro! Hei de derrubar essa Montanha, atravessá-la, quebrá-la, vencê-la! Não importa o que farei, contanto que a conquiste; de uma forma ou de outra, com olhos abertos ou fechados, com medo ou coragem, com vida ausente ou presente. A paz do espírito não se compra com a vitória completa, determinada e destemida, e sim com a conclusão da jornada.

A Montanha riu dele, dançou lançando suas pedras ao alto e cantou assim:

A jornada do herói é uma ilusão
Preenche teu coração, mas não tua barriga
Traz de volta a emoção, mas não fecha a ferida
Eis que dói e está errada tua canção

Somente almejas um desejo risível
E ostentas uma bondade inexistente
Tal falsa verdade pode te deixar contente
A realidade é muito mais terrível

Fome, guerra, desesperança
Deuses e homens bailam de mãos dadas
Com o mesmo sangue, com a mesma vontade

Essa história de contos de fadas
Está repleta de mentira e de maldade
Te junta a mim nessa dança

Dorsedem Craivita

– Jamais! Eu não te ouço! – bradou Bosque Sul – Teus conselhos são como veneno. Tão belos e trágicos, mas minha vida é muito mais que beleza e tragédia. Antes que seja muito menos, mas nunca na medida que desejas.

– Pobre tolo, teimoso e inconsequente! – retrucou a voz ressoante e profunda da Montanha – A amizade fede a pedaços de paraíso e anseios quebrados. Somente queres o que não precisas, ó, portador dos desejos virados! Irei provocar a virada de teu desejo.

E esse desafio não poderia ser contornado.

Bosque Sul começou a escalar Montanha, com mãos e pés firmes. Até que o Relâmpago Norte cortou o céu.

Bosque Sul, por que lutas
Quando já perdeste?
Bem sabes que Montanha Oeste não se curva
Tua vontade não mais te pertence
No parto da dúvida nascente

– O que pode ser certo? – desafiou Bosque Sul em resposta – O amor se converte em ódio o tempo todo. A amizade em traição. Num mundo de incertezas o tolo é o que não duvida!

Relâmpago Norte desceu dos céus e virou um homem alto e forte. Sentou-se num galho de árvore e cruzou os braços, observando Bosque num sorriso zombeteiro.

– Ó, Bosque, Bosque... sempre tão cheio de teus dramas e atitudes heroicas. Tu fazes isto somente

para agradar a ti mesmo ou é tua vaidade atuando para provocar um espetáculo ruim?

Bosque nem mesmo olhou pra trás.

– Não me interrompe, Relâmpago. Esta escalada é tão difícil quanto romper um hímen e me deixa ainda mais suado.

– Cada homem escolhe seu prazer. E cada Deus observa, por vezes maravilhado ou entediado. Quando mesmo tu ias te candidatar a Deus? No dia do fim do mundo ou no recomeço?

Bosque fazia força para ignorá-lo, mas era imensamente tentador manter a conversa.

– Seja como homem ou como Deus, a vida ainda é vida – declarou Bosque – e os Deuses também morrem.

Relâmpago riu.

– Vocês, humanos, adoram falar da vida e da morte como se a vida fosse uma linha reta e a morte o fim dela. Para nós, vida e morte acontecem o tempo todo. Não me interessa sobre alma ou reencarnação. Eu morro quando expiro e nasço quando inspiro. Isso não é o suficiente? Vocês são estúpidos demais para não compreender algo tão simples.

– Nós não gostamos de explicações simples – respondeu Bosque – e não nos satisfazemos apenas com teorias. Eu preciso sentir no meu corpo este suor e esse sangue.

Bosque subia cada vez mais, ferindo as mãos e os pés. O suor descia como água. Os dedos já estavam vermelhos.

Até que as lágrimas desceram. Relâmpago caiu na gargalhada.

Dorsedem Craivita

– Está doendo o corpo? Ou é o espírito que se despedaça?

– Eu vou falhar – confessou Bosque – e morrerei.

Bosque começou a rir. Após o riso, manteve o sorriso no rosto, embora as lágrimas continuassem a cair.

– Não te entendo, lamentável tolo – observou Relâmpago, com estranheza – isso tudo te satisfaz? Não somente o suor e o sangue, mas também a visão do fim.

– O dia mais feliz da minha vida e não o mais triste. Porque não é mais vida.

– Teu desejo está virado! – exclamou Relâmpago – Tu negaste o ritual da virada do desejo. Negas tudo o que realmente queres e somente aceitas o contrário do que buscas. É assim com todos nós, não há como escapar.

Bosque abraçou Montanha com força. Porém, ela permaneceu dura como sempre e manteve o silêncio. Até mesmo Relâmpago reagiu com a cena, convertendo-se em relâmpago uma vez mais. Ao atingir Montanha, pedaços de pedra se desprenderam e ela urrou, irada.

– Não te mete na briga, suposto Deus contemplador e risonho!

Montanha ficou tão possessa que converteu-se em mulher. Lançou uma flecha no coração de Relâmpago Norte, enquanto Bosque caía. Ela atingiu o chão com elegância e arrumou os longos cabelos negros com os dedos.

Relâmpago ergueu a flecha na mão e fitou o céu. O corpo de Bosque Sul jazia ao seu lado.

– Sangrando ao lado do meu maior inimigo? – Relâmpago sorriu – Isso é um pesadelo ou uma piada ruim.

Uma árvore brotou do chão e Relâmpago continuou a sangrar por cima dela. Na ponta da flecha estava o coração de Relâmpago.

– Para ti, formosa donzela – Relâmpago ofertou a flecha – o meu coração.

Montanha aceitou-o de bom grado e devorou-o. Relâmpago achou que ela ficava muito bonita quando comia com tanto desespero assim, como um animal selvagem e morto de fome.

Relâmpago fechou os olhos.

– Bosque, tua jornada está completa. Porque qualquer jornada somente chega ao fim quando a vida termina com ela. Até lá, nossa única escolha é enrolar, como um novelo de lã: costurando roupas belas aos olhos e outras rasgadas e remendadas. Pouco importa: é a mesma linha. Não há nada a ser feito; nada de nobre, nada de vil. Apenas esperar e inventar ideias falsas de amor e ódio. Agora, sem coração, não sinto nem tristeza e nem alegria. Estou apenas como sempre estive, quando não havia essa bomba destruidora e julgadora no peito para preencher-me com mentiras: vazio.

Bosque virou-se para o lado, repleto de dor.

– Ainda assim, o cheiro das folhas me encanta. Por quê? Doce mistério. Tão doce que machuca, até esmigalhar-me. Eu nunca fui tão romântico, até descobrir que o encanto da vida é mentir. Mentir que há amor, esperança e sentido. Fingir que todas essas coisas inventadas são verdades. Mas nada é verdadeiro. Nem mesmo o jogo da vida e da morte.

Dorsedem Craivita

O jogo dos sentimentos. Eu preciso de um tabuleiro para posicionar todas as peças. Apenas para zombar um pouco mais antes do fim.

– Em um mundo em que nada é verdadeiro, é permitido mentir – acrescentou Montanha, encaixando o novo coração ao lado do seu – é até mesmo permitido fingir que tudo é verdadeiro, e que nada é permitido.

– Eu sofro agora, desejo morrer – confessou Bosque.

– Teu sofrimento não é verdade – retrucou Montanha – e a morte não é permitida. Estás com o desejo invertido. Eu te oferto a virada do desejo.

Ela construiu uma ampulheta de pedra e jogou areia dentro dela.

Desejo a vida, desejo a morte
Não desejo coisa alguma
Não existe a vontade
Nem a verdadeira e nem a falsa
Adoro brincar com palavras
Inventar mentiras e verdades
Colocar tudo ao contrário
Meter o cérebro numa cuba
E a língua numa guilhotina
Ó, bravo Bosque Sul!
Acreditando entregar a vida pelo mundo
Quando só queria agradecer a si mesmo
Tua vontade era a vontade do mundo?
O mesmo se dá ao egoísta
Sua vontade nasce pelo desejo
Da veneração alheia
O desejo verdadeiro, puro e límpido

Wanju Duli

Não existe
Jamais existirá
A verdadeira vontade
É uma mentira completa
Mas é minha mentira favorita
Eu me sinto no controle
Que jamais possuirei
Evolução
Involução
Ciclo completo, se despedaça
Formas geométricas imperfeitas
A perfeição e a paz só se dão
Pela mentira
Eis o segredo de tudo o que houve, há e haverá
Mas tudo isso que contei
Foi apenas um monte de mentiras
Pois ostentar bondade é fácil
Ser bondoso de verdade
É apenas fantasia da mente humana

E pensar que essa briga toda começou somente porque Bosque e Montanha possuíam ideias diferentes sobre o bem e o mal. Foi a primeira vez que Bosque Sul ficou tão zangado.

Um galho perfurou as costas de Montanha, atravessando o seu peito. Os dois corações se juntaram ao coração da árvore.

Quando os seres matam e devoram uns aos outros na maravilhosa natureza e três corações batem juntos, o amor nasce novamente no mundo.

Capítulo 3: A Realização de Chico

- Essa história é horrível!
- Desculpa, vô.
- Você tá mesmo gostando desse livro?
- Eu tô.
- O que tem de bom nele?

O menino pensou por um momento.

– Não sei dizer – confessou Uóxintom – o livro é ao mesmo tempo confuso e totalmente claro. Acho que gosto de algumas cenas e personagens. Mas principalmente das magias.

– Magias?

– Todos os personagens são magos e fazem feitiços. Existem livros com magias, chamados grimórios, mas eles estão trancados numa biblioteca. Os índios não sabem ler, então eles estão divididos entre roubar os grimórios da biblioteca ou apenas queimá-los.

– Nem mesmo o herói Bosque Sul sabe ler? – perguntou Chico, curioso.

– Nenhum índio ou Deus desse mundo sabe ler. Apenas os homens brancos, que roubaram os segredos dos índios e os trancaram. Os índios antigos passavam o conhecimento oralmente e foi assim que os índios das novas gerações aprenderam as magias. Mas os homens brancos invadiram a terra dos índios, aprisionaram alguns e anotaram as magias em livros.

– E eles usam a magia dos índios?

– Não estão interessados nelas. Apenas quiseram montar uma biblioteca para se portar como

detentores de poder e sabedoria. Mas no fundo eles desprezam a sabedoria dos índios, acham que é falsa. Por isso Montanha teve a ideia de pregar a “verdade da mentira”. Um dia ela chegará aos homens brancos e assim eles poderão abrir as portas da biblioteca e jogar os livros fora. É uma estratégia muito mais esperta do que atacar os homens brancos com magia. Assim eles descobririam como o poder dos índios é forte.

– Uóxintom...

– Sim?

– Esse livro é muito complicado para a sua idade. Acho melhor devolver.

– Eu estou relendo vários capítulos para poder entender melhor. Assim não preciso devolver.

– Você não precisa fazer todo esse esforço – observou Chico.

– Bosque Sul também não precisava passar por todo o esforço de desafiar Montanha – disse o neto, com os olhos brilhando – mesmo assim ele seguiu em frente. Não importava que falhasse. Ele queria cumprir a jornada. Não vou desistir da jornada de ler e entender o livro. Cada um tem o seu caminho e esse é o meu.

– Você só tem nove anos! – insistiu Chico – As crianças da sua idade são influenciadas por qualquer coisa. Esse livro está fazendo a sua cabeça.

– Eu acredito na vida e no amor. Não vou deixar de acreditar apenas porque o livro disse. Não sou tão estúpido.

Chico suspirou fundo.

– Pensei que o livro falasse da importância da amizade.

Dorsedem Craivita

– Há muitos personagens – explicou Uóxintom – e cada um tem opiniões diferentes sobre isso e outras coisas. Não é assim na vida real também?

– E a que conclusão o livro chega? – perguntou Chico.

– Por que ele precisa chegar a alguma conclusão? Eu faço muitas coisas durante o meu dia e até aprendo aqui ou ali, mas não chego a conclusão nenhuma. E você, vovô?

– Eu sempre chego a conclusões – mentiu Chico – você ainda não chega porque é muito novo.

– Bem, o meu livro diz que as pessoas estão sempre procurando conclusões, sentidos e lições de moral em todas as coisas, mas que a vida não é tão certinha e definida assim. É a nossa mente que busca sentido em tudo, por teimosia e por conforto.

– E esse monte de besteiras aí não é uma conclusão?

– Não. É como uma realização não definitiva.

– Uma o quê? – perguntou Chico, embasbacado com os termos que o neto usava.

– O livro não define verdades e sim dúvidas, porque é melhor estar em dúvida do que ter certeza.

– Por que é melhor ter dúvidas?

– Porque assim há espaço para novos debates, aprendizagem e aceitação, senão a vida iria estagnar.

– A vida iria o quê? – Chico não estava gostando de fazer papel de burro – Estragar?

– Não, a vida iria parar, não iria se mexer, não iria dançar – explicou Uóxintom – você acha que é melhor uma vida parada ou em movimento?

– Não tenho certeza.

Movimento lembrava Chico de trabalho. Repouso era descanso. Por outro lado, a vida parecia estar em movimento e a morte parecia estar parada.

– Menino, você vai ser um grande pensador quando crescer – comentou Chico – mas agora aja como um garoto normal da sua idade e vá correr e brincar. Não fica aí parado lendo esses livros, isso é coisa de gente velha.

– Mas quando estou lendo, apesar de meu corpo estar parado, minha mente está em movimento.

– Pronto, ele enlouqueceu!

Chico achou que seria melhor se mandar de lá antes que ficasse louco também. Chico gostou de algumas partes do capítulo, como a poesia do começo e o princípio da luta, mas depois tudo ficou muito violento, difícil e confuso. Não, ele não estava interessado. Era um livro realmente chato, com reflexões completamente fora da realidade.

Pensar naquilo não faria a menor diferença em sua vida. Ele ainda teria que trabalhar e se cansar, independente do movimento e do repouso da mente ou do mundo.

O neto ainda podia sonhar em seu mundo de fantasia, enquanto não fosse jogado na dura realidade. E nesse instante ele iria adorar apenas um Deus único, que poderia dar-lhe conforto imediato e não se perder em mil Deuses ou em discussões difíceis que não teriam necessariamente aplicação prática e consistiam apenas num passatempo esquisito e duvidoso.

– Se no final dá na mesma acreditar em apenas um Deus ou em vários, por que escolher o caminho mais

Dorsedem Craivita

difícil e complicado? – perguntou Chico – Não seria natural escolher a solução mais simples?

– Minha professora de matemática disse que para resolver os problemas existem dois caminhos: o da simplicidade e o da elegância. Mas às vezes os dois caminhos são os mesmos.

– Eu acho o Deus único bem elegante – falou Chico – mas aposto que sua professora prefere ensinar pra vocês o caminho simples, não é mesmo?

– Esse raciocínio do caminho simples e complicado tem um nome – lembrou Uóxintom – se chama Navalha de Occam.

– Navalha?! Onde ouviu isso?

Chico ficou indignado com aquela conversa e foi contar para Odete o que o menino andava aprontando. A mãe ficou espantada.

– Navalha? Ele anda brincando com navalhas?!

Uóxintom confessou que era a professora de matemática que andava mencionando conceitos difíceis demais durante a aula. Odete disse que iria reclamar disso para a diretora. Afinal, que professora louca era essa que falava de conceitos avançados para crianças?

Além do mais, aqueles livros esquisitos eram realmente absurdos. Odete somente não confiscou o livro porque o garoto abraçou-se fortemente a ele e não queria largá-lo de jeito nenhum.

– Termine logo de ler isso e devolva para a biblioteca o quanto antes! – disse Odete – A partir do próximo livro começarei a selecionar para você.

– Mas os livros para a minha idade são chatos demais e são muito fáceis...

– Não venha se achar superior aos outros, porque você não é! – gritou Odete.

– Não disse que sou melhor, eu só disse que quero ler outra coisa.

– Você sequer tem amigos! Deve ser porque se acha melhor que todo mundo. Não seja ridículo, garoto!

Chico resolveu se despedir da família, pois não queria se envolver mais naquela briga.

Ele achava seu neto muito inteligente. Mas se ficasse esnobe demais, ele iria preferir ter um neto burro e amável. Como um cordeiro de Deus, que é gentil e obediente. Ele não precisava se achar superior aos outros cordeiros. Pelo jeito que as coisas andavam, Uóxintom começaria a se achar superior até a Deus, ou aos Deuses, como ele dizia.

O neto dizia que queria ter Deuses como amigos. Talvez não considerasse os colegas da sua idade no seu nível.

Porém, Chico assustou-se ao dar-se conta que pensava parecido. Ele desprezava seus colegas de trabalho e, até certo ponto, se achava um pouquinho melhor que eles. Isso lhe dava certa satisfação, mas também o afastava das pessoas.

Sua mulher afastou-se dele por causa da bebedeira. Mas Chico bebia porque estava entediado e não aguentava mais aquele mundo cheio de pessoas podres.

Mas ele mesmo não era completamente apodrecido? Todas as pessoas que conhecia? Sua ex-mulher, sua filha, seu neto. Todos farinha do mesmo saco, não importava quão inteligentes fossem ou quão bondosos e altruístas pensassem ser. Eram

Dorsedem Craivita

apenas pedaços de carne que um dia apodreceriam na terra ou queimariam no fogo.

Mas se pensasse com mais calma, talvez ele mesmo e todos que conhecia fossem extraordinários. Porém, não era nem um pouco fácil pensar no Fred como um cara extraordinário. Então essa teoria não lhe agradava tanto assim.

Chico foi para o trabalho na segunda-feira cheio de minhocas na cabeça.

– Sabem, eu estava pensando – comentou Fred – o trabalho que fazemos é realmente bonito.

Chico e Raimundo se entreolharam, como se estivessem pensando exatamente a mesma coisa: “O Fred já começou a falar merda”.

– Sim, nosso trabalho é lindo, Fred – Chico fingiu concordar – e daí?

– Eu só estava dizendo – justificou Fred – e o tempo está realmente uma coisa de outro mundo, com esse céu azul e esse sol brilhante.

– Eu preferia que esse tempo ficasse no outro mundo mesmo – observou Raimundo – com essa bosta de sol fritando minhas costas e minha cabeça. Se eu não tivesse que trabalhar no sol forte, eu beijaria o sol e foderia com ele. Mas nesse instante eu gostaria que ele explodisse.

– Isso machucaria as flores – disse Fred.

– Hã?

– As flores poderiam murchar se o sol explodisse – explicou Fred.

– Todos morreriam e a vida na Terra seria aniquilada – comentou Raimundo – por que se preocupar com as flores, idiota?

– Porque minha esposa adora flores – disse Fred – e sem flores ela ficaria triste.

– Ela estaria morta, então não poderia ficar triste – falou Raimundo – e nem você, que morreria com ela.

– Eu gostaria de morrer com ela no cinema.

– Mas que merda é essa agora? – perguntou Raimundo.

– Porque um dia que eu reunir uma graninha quero convidá-la para ir ao cinema – disse Fred – lá tem ar condicionado e pipoca. Seria o paraíso. Não tenho nem ventilador lá em casa. O último quebrou, porque coloquei minhas roupas para secar em cima, como se fosse um varal, porque o varal quebrou. E vocês querem saber por que o varal quebrou?

– Não – disse Chico.

– Porque estava velho e coisas velhas quebram – falou Fred – assim como o Geraldo, que morreu.

– Puta que pariu!! O Geraldo morreu? O nosso tiozão Geraldo? – perguntou Chico, assustado.

– Não, ele tá vivo, bem ali – apontou Fred – só tava brincando.

E ele deu sua risada ridícula, como se fosse um soluço misturado com engasgo e falta de ar.

Chico não podia acreditar que até Fred estava tirando uma com a sua cara. O dia já tinha começado mal e estava se tornando desagradável a cada momento.

Quando Fred notou que suas piadas não estavam mais fazendo sucesso e que Chico e Raimundo estavam a ponto de meter-lhe um chute a qualquer momento, ele se afastou e foi tirar o lixo em outro lugar fora de sua rota habitual.

Dorsedem Craivita

– O chefe nem vai se importar, já que ele adora chupar o pau dele – comentou Chico.

– Cala a boca que se ele ouvir isso você tá fodidaço.

Mas Raimundo riu ao dizer isso. Às vezes Chico não sabia se odiava mais Fred ou Raimundo. Fred era apenas uma lesma pronta para ser pisada por qualquer um. No entanto, Raimundo estava no outro extremo: Chico às vezes sentia que Raimundo o olhava de cima, e isso o incomodava.

Raimundo era uma espécie de intelectual e Chico sabia disso porque de vez em quando ele lia jornais. Só o fato de ele saber ler já o tornava intelectual para Chico, mas o fato de Raimundo virar as páginas do jornal rapidamente dava-lhe a impressão de que ele estava apenas posando de superior, por ser assim tão rápido na leitura.

Além do mais, mesmo dentre os que sabiam ler, poucos se davam ao trabalho de entregar-se a uma atividade tão profunda quanto ler um jornal. Era muito mais fácil acompanhar o noticiário pela TV, não é mesmo?

– Você tá procurando outro emprego? – perguntou Chico, notando que ele estava olhando a página com escritas pequenas dentro de quadrados.

– Que nada, desse meu emprego atual eu não saio nunca mais – afirmou Raimundo – lutei muito para chegar aqui. Antes eu só arrumava trampo limpando escritórios ou outras merdas sem pagamento fixo. Comparado a isso, agora recebo quase um salário dos sonhos. E o melhor: pagamento mensal. Acredita nisso? Eu tenho certeza que vou ser pago no início do mês. Não é pra qualquer um.

– Quanto você tá no esgoto, arrastar-se pela superfície parece dia de rei – concordou Chico.

– Do que você tá falando, meu? Não gosta do trabalho e do salário?

– Não importa se eu gosto ou não. Eu não quero perder todas as regalias que tenho agora. Há dias em que eu realmente curto meu trabalho e me orgulho do que faço. Mas muitas vezes tenho dias ruins. Isso é com todo mundo?

– Com qualquer profissão, imagino – disse Raimundo.

– E o que são esses quadradinhos?

– Eu tava olhando a página de anúncios fúnebres.

– Que tipo de hobby é esse? – perguntou Chico.

– Quando eu vejo tanta gente morta, eu penso: que bom que eu tô vivo, com saúde e com emprego. O resto se acerta.

– Você costuma visitar cemitérios também? – perguntou Chico, curioso.

– Quando eu tiver um dia de bosta, talvez eu vá. Não é má ideia.

– Então você prefere se comparar com quem é pior que você pra se conformar? – perguntou Chico.

– Melhor que invejar quem tem mais e viver sempre infeliz, não acha? – perguntou Raimundo.

Chico ficou com a pulga atrás da orelha. Então até um sujeito inteligente e de boa aparência como Raimundo também sentia inveja dos outros de vez em quando. Talvez aquela fosse uma estratégia para evitar essa situação, ou ao menos diminuí-la.

Chico não tinha certeza se era uma boa estratégia. Sinceramente, ele achou tudo aquilo meio deprimente. Apenas rezar para Deus e lembrar que todos eram

Dorsedem Craivita

iguais diante dos olhos do Senhor parecia um exercício mais saudável do que esses jogos psicológicos de dinheiro e poder inventados por quem estava sentimentalmente perdido e não sabia lidar com as próprias emoções.

Ninguém ali tinha grana para pagar um psicólogo e ninguém dava a mínima para isso.

Uma pessoa que precisava urgentemente de psicólogo era seu chefe. Ele estava ainda mais irritado do que de costume e criticou a limpeza que todos fizeram, nos mínimos detalhes.

– Você limpa essas latas como se limpasse sua bunda! – esbravejou Severino – Por isso termina tão cedo e fica aí de bobeira enchendo de pastel essa pança gorda.

Chico já estava tão acostumado a ser xingado que tentava levar na boa. Os xingamentos das primeiras semanas de serviço foram difíceis de engolir. Mas depois de saber que o chefe criticava todos e era revoltado com a vida, ele parou de levar para o lado pessoal. Até fazia piadinhas com isso com os colegas de trabalho.

– O chefe deve estar com inveja da minha pança e da minha bunda, já que não para de falar nelas – Chico sussurrou para Raimundo, quando Severino foi embora – e está sempre de olho no meu pastel. Aposto que se ele comer um desses pastéis cheios de óleo, do jeito que é stressadinho, vai sofrer um ataque cardíaco e vai direto pro buraco.

– Você devia tentar oferecer a ele da próxima vez – sugeriu Raimundo, rindo.

– Se ele adicionar um conto extra no meu salário, ofereço com prazer. Mas você tava falando do pastel

ou da minha bunda? Porque, sabe, eu cobraria um pouco mais pelo traseiro, se é que me entende.

Chico surpreendeu-se ao perceber que teve um dia divertido. Apesar de ter feito tanto trabalho e ter ouvido Fred falar tanta bobagem, conseguiu rir bastante e curtir seu pastel no fim do dia.

Naqueles momentos, Chico considerava a vida simples e significativa. Não precisava da melhor mulher do mundo, e nem mesmo precisava de uma mulher, para ser feliz. Talvez fosse até melhor assim, sem ter uma chata no seu pé controlando para onde ia, o quanto comia e o quanto se embebedava.

E também não precisava do melhor emprego do mundo para considerar-se profissionalmente satisfeito. Seu trabalho não era nem um pouco simples de ser feito. Isso em si já era motivo de orgulho. Ele gostava de imaginar aqueles sujeitos engomadinhos de terno, que viviam sentados numa cadeira, tentando fazer o seu serviço por um dia. Provavelmente desmaiariam no sol após poucas horas de serviço.

Mas quando Chico falava assim, Severino não gostava e o chamava de conformista.

– Precisamos lutar por melhores condições de trabalho na nossa profissão! – começava ele com seus discursos – Ou você quer que o governo faça gato e sapato da gente, como tem feito até hoje? Sabe de uma coisa? A gente devia fazer uma greve! A cidade viraria uma montanha de lixo em poucos dias e todos iriam se afogar na primeira enchente, com lixo preso nos bueiros ou entupindo redes de drenagem.

Dorsedem Craivita

– É isso aí, vamos matar todo mundo, esses bastardos – comentou Raimundo, tragando um cigarro.

Ele disse isso em tom de deboche, mas Severino sentiu-se encorajado pelo comentário e prosseguiu seu discurso.

– E sabe o que eu penso dessa classe média e classe média alta que se diz politicamente engajada? – perguntou Severino – São um bando de playboys que gostam de brincar de política nas horas vagas para se fingir de altruístas, após passar umas férias na casa da praia. Eles não toleram o mínimo desconforto e já começam a reclamar. Eles acham o transporte público uma merda, então compram um carro. No conforto do carro, reclamam do trânsito. Sabe, eu tenho um primo que é motorista de ônibus e ele costuma dizer pras pessoas: “Não tá satisfeito com o transporte público, então vem aqui ser motorista e ajudar a melhorar”. Por isso eu também digo pra quem reclama da sujeira das ruas: “Vem aqui ser gari, folgado, pra ver como é ‘fácil!’”

Chico queria poder tapar os ouvidos. Severino não estava mais apenas com raiva do governo e com raiva dos ricos, mas também com raiva de todas as pessoas que andavam de ônibus ou de carro e que caminhavam na rua. E agora? Será que existia alguém de quem ele não tivesse raiva?

– ...e esses burguesinhos querem ter padrão de vida de Primeiro Mundo morando no Brasil! Então que se mandem pro tal Primeiro Mundo e parem de apenas reclamar sem fazer nada. Pelo menos vão estar contribuindo esvaziando nossos ônibus e nosso trânsito.

“Meu Deus, ele ainda tá falando?” pensou Chico, surpreso. Chico não entendia muito de política, mas entendia o suficiente para discordar da maior parte do que Severino disse. No entanto, era sempre perigoso discordar do chefe.

Enquanto isso, Raimundo se divertida, apenas fingindo concordar com Severino e botando corda, fazendo um ou outro comentário como “Verdade”, “Tem toda a razão!” e “Eu votaria em ti pra Presidente!”; e esse último comentário salvou o dia, porque Chico quase chorou de rir com essa, depois que o chefe foi embora outra vez, pensando que tinha arrasado no discurso.

– Meu, eu merecia o dobro do salário por ter que escutar isso – comentou Chico.

– Eu cederia metade do meu salário por ter o privilégio de rir disso – falou Raimundo.

– Mas tipo, você concorda ou não com o que o cara disse?

Raimundo deu de ombros.

– Acho que não, mas nem me importo. Faça minha parte, faça meu trabalho. E eu voto. Quem gosta de se envolver mais profundamente com política não tem o direito de criticar quem não se interessa tanto assim. O trato é que cada um trabalhe pra contribuir com a sociedade, não é mesmo?

– É... – concordou Chico – alguns se acham melhores que outros porque têm um trabalho melhor ou mais difícil, ou porque se envolvem com política ou com caridade. Sinceramente, eu chego todo dia morto em casa, não ia sobrar tempo pra política ou caridade nem se eu quisesse. Não faço questão de

Dorsedem Craivita

férias na praia. Tô feliz com meu pastel. E Fred ainda sonha com seu cinema.

– Se ele não gastasse tanto em balas, sobraria dinheiro pra ele ir pro cinema – comentou Raimundo.

– Deixa o cara ser feliz e sonhar. No dia em que ele for no cinema de novo, talvez ele não tenha outro objetivo e fique triste.

Apesar disso tudo, Chico ainda gostava do mundo. E foi esse dia de risos e diversões que o encheu de coragem para ir visitar sua ex-mulher de novo.

Ele tinha conseguido se convencer de que não precisava de uma esposa. Mas se sua ex-mulher voltasse para ele, não seria ruim. Ele não tinha intenção de implorar e nem nada assim, porque não estava desesperado e não curtia muito se humilhar pra quem quer que fosse. Mas uma visitinha não faria mal, certo?

Já era tarde da noite e provavelmente ela estaria dormindo, mas Chico não sabia se teria coragem para visitá-la se deixasse para o próximo fim de semana. Ele precisava aproveitar esse momento de inspiração.

E foi com o coração na mão que Chico pegou o ônibus até a casa da ex-mulher. Tocou a campainha. Demoraram para atender.

Fazia muito tempo que Chico não bebia. Ele iria prometer a ela que jamais voltaria a beber de novo. Ele se considerava um cara diferente, completamente mudado. Talvez até tivesse emagrecido uns dois quilos.

Ele até teria comprado flores, mas achou meio antiquado. Provavelmente sua presença seria presente suficiente. Sim, ele precisava ser confiante!

Chico ouviu vozes dentro da casa.

– Eu atendo, querida.

Era voz de homem. Chico nunca tinha ouvido antes. E sua mulher não tinha irmãos.

Antes que o cara viesse, Chico sumiu de lá, odiando a ex-mulher. Não fazia nem três meses que os dois tinham se separado e ela já tinha outro cara dentro de casa? Chico sentiu vontade de ir num prostíbulo naquela mesma noite, mas é claro que não tinha dinheiro para isso.

Foi comprar uma cerveja para afogar as mágoas. Uma cervejinha, após três meses de abstinência, desceu bem na garganta.

Naquela cerveja, Chico sentiu o gosto de Deus. Tudo ficou melhor. Ele poderia enfrentar qualquer coisa.

O problema foi a ressaca do dia seguinte. Chico exagerou na dose e foi para o trabalho quebrado. Ele não queria sair da cama, mas não tinha escolha.

A dor de cabeça o matava. Chico não trabalhou bem devido ao mal estar. Antigamente era capaz de esvaziar dezenas de lixeiras após beber uns dez copos de cerveja. Depois de apenas alguns meses sem bebida ele já tinha ficado assim tão fraco?

Como um dia pode ser tão maravilhoso e acabar tão mal? A cerveja tinha feito o dia subir ao céu outra vez, mas no dia que se seguiu atingiu o inferno e apertou a mão do capeta.

Foi então que se lembrou de algo bastante improvável: um trecho do livro chato, o qual dizia que morríamos e renascíamos a cada respiração, ou algo assim. Ele se sentia um pouco daquele jeito.

Dorsedem Craivita

Será que um livro podia substituir a bebedeira, para que ele se sentisse melhor? E qual seria a vantagem dessa substituição?

Quando o assunto era álcool, Chico tinha pouquíssimo autocontrole. Quem sabe seu neto pudesse resolver o seu problema. E era melhor nem contar para a filha que tinha bebido na noite anterior, ou ela ficaria zangada.

Aquele foi um pedido estranho: visitar o neto no fim de semana seguinte, para que ele lesse mais um capítulo do livro.

– Você ainda tem aquele livro do “bosque qualquer coisa”?

– É claro, é o meu livro preferido.

– Aposto que está dizendo isso porque ainda não leu muitos livros.

– É verdade que ainda não li muitos, mas quem sabe eu dei sorte?

– Que tal começarmos com o primeiro capítulo dessa vez? – sugeriu Chico.

– Acho ótimo.

Uóxintom abriu o livro e um novo mundo desdobrou-se diante de seu entusiasmado avô.

Capítulo 4: Os Índios Magos

Chamar índios de magos é quase uma redundância, pois poderíamos dizer que todos os índios são magos. Vivem perto da natureza, conversam com os espíritos das árvores, realizam rituais com pinturas e danças a cada nova conquista.

Mas os Índios do Bosque, em particular, conhecem uma série de feitiços, que aprenderam com seus antepassados. Esses índios possuem divisões. Alguns tipos de feitiços e magias eles aprenderam com a família. Outros variam conforme a direção da aldeia em que nasceram. E também existe a divisão em clãs, dentre muitas outras.

O clã de um índio é determinado por nascimento. Em vez de haver clãs de animais, como o clã do lobo ou da água, eles se dividem em fenômenos naturais, características de paisagens ou elementos da natureza.

Após o sábio da aldeia preparar a carta astral de um recém-nascido, ele determina que aquela é uma criança Vento ou Rio, e esse passa a ser seu primeiro nome. Seu sobrenome é dado com base em seu local de nascimento em um dos pontos colaterais ou subcolaterais. Sendo assim, uma criança pode se chamar Vento Noroeste, por exemplo.

Alguns substantivos são considerados masculinos e outros femininos no idioma dos índios. Portanto, Vento e Rio seriam meninos, mas Água e Tempestade seriam meninas.

Dorsedem Craivita

O mestre da aldeia sul era Mar Sul e foi ele quem fez a carta astral de Bosque. Esse menino pertenceria ao clã principal de todo Bosque, que era o nome do país, exatamente por esse motivo.

Os pais de Bosque Sul choraram de alegria e orgulho quando souberam que seu primeiro filho faria parte do clã Bosque. Aquela era uma honra imensa. Havia dezenas de clãs no país, alguns melhores e mais famosos que outros. Ter um filho membro de um dos dez primeiros clãs já seria motivo para celebração, mas ter o primogênito no melhor de todos? Aquela criança era definitivamente um presente dos Deuses e um perfeito Candidato a Deus.

Era comum para os habitantes, após atingir a maturidade, escolher converterem-se em Deuses. Os Índios do Bosque atingiam a maioridade aos vinte anos e a maturidade aos quarenta. O dever de todos ao chegar à maioridade era casar e ter filhos. Ou ao menos era isso que os pais esperavam de suas crias, mas sempre havia aqueles que se revoltavam contra o sistema e escolhiam ficar solteiros, ter várias esposas ou maridos ou casar-se com alguém do mesmo sexo.

De fato, uma prática comum naqueles dias era que um casal optasse por adotar uma criança que nasceu num dos clãs superiores. Um casal gay que escolheu adotar uma criança Bosque seria muito mais bem visto do que um casal heterossexual que teve um imprestável filho Grama ou Galho, por exemplo.

Mas quem abandonaria um filho Bosque para adoção? Somente um louco, pois ter um filho Bosque e principalmente ser Bosque significava ter uma vida de respeito e oportunidades.

E foi assim que Bosque Sul cresceu: sendo paparicado e protegido pelos pais e sempre cercado de admiradores. Ele já estava com a vida ganha desde que nasceu.

Porém, embora tivesse muitos amigos, foi natural que também fizesse muitos inimigos, que o invejavam mortalmente.

Bosque Sul foi treinado nas grandes artes arcanas por Mar Sul em pessoa, o mestre da aldeia. Ele teve esse privilégio por ser Bosque. E mesmo quando Mar Sul estava treinando outros meninos, Bosque Sul sempre ganhava prioridade e mais tempo de treino, incluindo atendimento personalizado.

Praticamente não havia outros Bosques no Sul e a maioria dos que havia já tinham passado da maturidade. Por isso Bosque Sul sabia que estava prometido para ser o mais forte e torcia para que outros Bosques não nascessem na aldeia tão cedo. Era preciso nascer num dia e mês específico do ano para ser Bosque, enquanto outros nomes serviam para aqueles nascidos em diversos dias. A condição de Bosque era especial e única desde o princípio.

No entanto, a pior situação possível aconteceu: quando Bosque Sul tinha sete anos, ele ganhou um irmãozinho: outro Bosque Sul, para seu horror.

A vida de Bosque Sul desabou naquele dia. Ele sempre imaginou que se tivesse algum irmão ele não seria uma ameaça. Seria apenas um pobre infeliz, deixado para segundo plano.

Embora não fosse o primogênito, o fato de ter nascido Bosque já era uma ameaça grandiosa o suficiente. E Bosque Sul decidiu que não seria capaz

Dorsedem Craivita

de viver com a sombra dessa ameaça debaixo do próprio teto.

Mesmo sendo tão pequeno, ele contemplou duas escolhas diante de si: mudar-se para longe, abandonando a família e o lar, ou mandar o irmão para longe.

A perspectiva de partir era dolorosa. Ele não poderia se mudar para o norte, que ocasionalmente entrava em guerra com o sul. O norte amaria receber logo um Bosque Sul em suas terras, somente para ter o prazer de matá-lo.

Mas até mudar-se para o Leste, Oeste ou outra das direções não seria a ideia mais esperta. Ele seria visto como estrangeiro e mesmo sendo um Bosque isso não iria favorecê-lo tanto assim. Ele perderia no mínimo metade de seus privilégios.

Havia outras aldeias no sul além da sua. Porém, ele seria facilmente identificado e encontrado caso se mudasse para tão perto, a não ser que se escondesse muito bem. Mas como ele conseguiria ser paparicado e admirado se vivesse escondido?

Em suma: partir não era opção, considerando seus objetivos. Como faria então para se livrar do irmão recém-nascido?

Partir numa jornada para entregá-lo aos habitantes de uma das direções era pouco prático. E ele também poderia voltar a qualquer momento, caso descobrisse suas origens.

Seu irmão menor era definitivamente uma pedra no sapato! Ele não tinha outra escolha: precisava matá-lo.

Ele era Bosque Sul. Possuía coragem suficiente para realizar algo tão trivial quanto tirar uma vida. Ele

tirava vidas todos os dias, a cada refeição, ao caminhar, ou mesmo ao respirar. Os animais comiam uns aos outros. O caminho para a vida era a morte. Isso foi escrito na natureza desde o início dos tempos.

Mas por que, ainda assim, ele recuava? A morte era tão sagrada e importante quanto a vida. Ele estaria fazendo um favor ao seu irmão, retornando-o à natureza bem depressa, antes que sofresse demais, amasse demais e experimentasse a inveja e a dor.

Bosque Sul poderia enviá-lo para o norte. Assim, seu irmãozinho morreria por outras mãos e sua consciência ficaria tranquila.

Antes do feito, Bosque Sul resolveu consultar o mestre da aldeia sobre isso. Ele manteria segredo. Ele era proibido de comentar com qualquer pessoa todos os assuntos debatidos com seus discípulos no interior da tenda.

Quando Bosque Sul entrou na tenda, cabisbaixo e temeroso, Mar Sul logo sentiu a atmosfera tensa e acendeu um defumador de aroma forte.

– Eu sinto cheiro de morte – pronunciou o ancião, com sua voz profunda e arrastada – já o matou ou o matará hoje à noite?

– O quê? – perguntou Bosque Sul, sem acreditar.

– Falo do seu irmão – explicou Mar Sul – e de sua sede assassina.

Bosque Sul ergueu-se imediatamente e fitou o sábio com irritação.

– Mas... do que está falando? O senhor está errado! Como pode falar esse absurdo? Eu, desejando matar meu próprio irmão? Que abominação!

Dorsedem Craivita

– Se não é esse o assunto que veio tratar, conte-me o que o aflige e tentarei ajudá-lo – prosseguiu Mar Sul, sem se alterar.

O tom de voz e a calma do mestre deixou Bosque Sul completamente fora de si.

– Eu só vim aqui porque eu estava... – Bosque Sul parou para pensar – pensando em tirar umas férias em algum lugar e queria saber sua opinião.

– Umás férias? – Mar levantou uma sobrancelha – Onde?

– Talvez no norte? – sugeriu Bosque.

Mar acrescentou mais carvão no defumador e o cheiro já estava deixando Bosque impaciente.

– Você sabe o que o espera no norte, jovenzinho?

– Não sou “jovenzinho”. Sou um Bosque! Posso ir e vir como me aprouver, se isso faz parte do meu treinamento.

– Verdade. Mas a morte faz parte do seu treinamento? Pois é isso que o espera, caso vá desacompanhado.

– Posso levar um ou dois amigos fortes comigo – decidiu Bosque.

– E seus pais?

– Eles não precisam se meter em tudo que faço. Além do mais, mesmo com essa idade já sou melhor e mais sábio que eles, ou mesmo do que você, devido à força do meu clã.

– Se deseja apenas mudar os ares, sugiro que faça uma viagem até a aldeia mais próxima: a aldeia Camélia do Sul.

– Que nome estúpido. Por que se chama assim?

– Porque nascem muitos índios com nomes de flores por lá.

– Isso porque são fracos – comentou Bosque, fitando fixamente a fumaça.

– Apenas vá até lá – sugeriu o ancião – deve ser seguro para você. E amanhã pense com mais calma sobre sua decisão mais importante.

Bosque sentiu a raiva subir.

– Não preciso da sua ajuda, velho arrogante! – gritou Bosque – Eu não mencionei nenhuma decisão mais importante que essa. Apenas fique aí na sua tenda. Eu, que tenho pernas fortes e um coração aventureiro, partirei para o mundo.

E Bosque saiu da tenda zangado, mas não arrependeu-se do que disse. Achou que foi bem feito.

Começou a caminhar sem rumo. Não demorou muito para chegar até a aldeia mais próxima. Nem precisou pensar se queria mesmo ir até lá e já estava no lugar.

A noite começava a cair. Bosque sentou-se na beira de um lago e contemplou o resto de um pôr do Sol.

– Que tá fazendo aí?

Bosque virou-se ao escutar a voz. Era apenas uma menina de franja, cabelos negros, curtos e lisos, como a maioria das meninas da aldeia. A pele morena, os olhos escuros e redondos. Em poucas palavras, não havia nada de especial sobre ela. Usava um vestido marrom claro e sandálias de madeira, de mesma cor.

Por isso, Bosque não respondeu. Ele não conversava com pessoas comuns.

– Nunca te vi antes – insistiu ela, sentando-se numa pedra ao seu lado.

Dorsedem Craivita

– Cuidado – alertou Bosque – não encosta em mim. Sou importante e perigoso.

– Por quê?

– Sou um Bosque. Sabe o que isso significa?

– Não.

Bosque ficou zangado. Naquela aldeia só havia mesmo um bando de ignorantes desinformados.

– Faço parte do clã mais forte do país. Você devia saber disso apenas ao reparar que me visto como um nobre.

Ele levantou a manga da vestimenta de couro e mostrou a tatuagem do ombro com o símbolo do bosque. Finalmente a garota entendeu do que ele falava.

– Nunca vi um desses antes – confessou a menina.

– Pois sintá-se honrada. Há poucos de nós por aí.

– OK.

Bosque suspirou. Ela era mesmo uma menina burra e metida.

– Não vai fazer a reverência e me chamar por “senhor”?

– Qual a tua idade?

– Seis... ou melhor, hoje faço sete.

Bosque Sul sentiu-se meio idiota por não lembrar da própria idade. Era verdade: se seu irmão também era Bosque era porque nasceu no mesmo dia que ele. Portanto, ele já tinha sete anos.

– Eu tenho nove – disse a garota – então por que preciso te chamar de senhor?

– Porque sou Bosque. E você, o que é?

Ela mostrou a tatuagem.

– Flor.

– Qual a sua classificação?

– Não lembro.

– Você é idiota ou o quê? Precisa conhecer a classificação para saber para quem fazer reverência.

– Acho que é 61º ou algo assim.

– Então existem 60 clãs mais fortes que o seu – concluiu Bosque – você não se sente fraco?

– Não. A mamãe disse que o poder depende mais do mago do que do clã.

– Dos dez magos mais fortes do país, seis deles são Bosque. Isso não te sugere alguma coisa?

– Quem são os outros quatro?

– Duas são Floresta, que é o segundo clã mais forte. E eu não me lembro dos outros dois.

– Aposto que os outros dois são magos que não fazem parte dos clãs mais fortes. Por isso você não quer dizer – comentou Flor Sul.

Bosque ficou quieto. Ele não tinha coragem de confessar que o mago mais forte do país da atualidade não estava nem mesmo num dos dez clãs mais fortes. E o que falar de Mar, o mestre da aldeia? O clã dele também não era extremamente poderoso.

Flor percebeu o embaraço de Bosque e resolveu mudar de assunto.

– Você conhece algum jogo?

– Não tenho certeza. Como sou Bosque, estou sempre estudando e praticando magia, tendo os instrutores mais fortes como professores. Não tenho tempo a perder em diversões inúteis. Que tal um duelo de magia?

– Nah. Já estudamos magia a semana inteira. Que tal algo diferente para relaxar? Podemos brincar com pedras e lançá-las no lago.

Dorsedem Craivita

Bosque achou a brincadeira realmente boba. Flor começou a lançar pedras e Bosque percebeu que ela era muito boa nisso. Ele, que nunca tinha tentado fazer aquilo, fracassou em todas as tentativas, até usar magia.

– Você trapaceou.

– Magia nunca é uma trapaça.

– Estávamos brincando de um “jogo puro”. Isso significa que magia não é permitido.

– Nunca ouvi falar disso – comentou Bosque – você inventou isso agora.

– É assim que as coisas funcionam na minha aldeia. Ouvi falar que na sua todos são obcecados por magia e não sobra tempo para brincar. Deve ser bem chato.

– Nunca terei tempo para brincar, independente de onde eu more. Eu nasci para ser um dos magos mais fortes e não desapontarei meus pais.

– Eu tenho quatro irmãs, então não estou muito preocupada se vou desapontá-los ou não, pois qualquer coisa tem as outras quatro. E você, tem irmãos?

Bosque sentiu um aperto no coração ao ouvir isso. Um frio na espinha se seguiu e ele sentiu falta de ar.

– Prefiro não falar sobre isso – disse Bosque.

– Se está com tanta vergonha dele, ele deve pertencer a um clã ainda menos famoso que o meu. Estou certa?

Bosque ficou quieto. Agora que ela tinha dito, não era natural que ele se orgulhasse por ter um irmão Bosque em vez de invejá-lo?

Dois Bosques na família. Provavelmente um fato inédito. O irmão seria anunciado ao mundo no dia seguinte, no momento do ritual de batismo.

– Não se preocupe – ela disse – duas das minhas irmãs estão em clãs com categoria superior a 100. Em compensação, minha irmã mais velha é categoria 22. Já dá pra imaginar que é a queridinha da família, não é mesmo? Geralmente o primogênito nasce mais forte. Por que será?

– Isso não é verdade. Porque meu irmão é superior a mim.

Bosque arrependeu-se do que falou.

– Como isso é possível? – perguntou Flor – Eu realmente não entendo muito sobre essas classificações, mas pensei que você tinha dito ser o mais forte.

– Eu sou. Mas ele nasceu num horário do Sol e eu numa hora da Lua.

– E daí? Nenhum astro é mais forte que outro. As energias são apenas diferentes.

– Ele manifesta poder total de dia e eu à noite.

– Isso não te torna mais fraco.

– Espera... o horário. É isso!

Bosque correu de lá, sem se despedir. Retornou correndo à sua aldeia e ainda recuperando o fôlego adentrou na tenda de seu mestre, que não se incomodou muito em atender seu discípulo furioso de sete anos que enfrentava constantes flutuações de humor.

– Preciso de um favor – disse Bosque.

– Seria alguma coisa sobre datas?

Dessa vez Bosque resolveu não se irritar com a intuição ou premonição absurda do mestre. Ele

Dorsedem Craivita

apenas concordou com a cabeça. Aquilo agilizaria o serviço.

– Meu irmão nasceu na primeira hora do dia. Não há como você dizer que isso foi um erro e fazer um novo cálculo que o coloque numa outra categoria?

– Bem, se seu irmão tivesse nascido uma hora antes ele seria... Relâmpago.

Ainda não era bom o bastante. Relâmpago era o oitavo. Mesmo assim, se pudesse mudar o irmão para qualquer categoria abaixo da sua já valeria o preço.

– Então faça isso – decidiu Bosque.

– Não é bem assim. Não posso fazer isso.

– Por que não?! – gritou Bosque, com uma voz estridente.

– Não é permitido.

Bosque jogou-se no chão e começou a espernear, tendo um chilique como uma criança mimada.

– Você é o mestre, velho decrépito! Ninguém conhece o processo dos seus cálculos, a não ser os mestres das outras aldeias. Ninguém vai se dar ao trabalho de verificar! Até porque meu irmão será apenas um reles Relâmpago inferior. Ninguém vai querer ler a carta dele.

– Eu poderia realizar alterações menores na carta, mas apenas se fosse uma situação muito sutil.

– Esse é o caso! – berrou Bosque.

– Isso porque o cálculo nunca é 100% preciso. Existe uma variação de pelo menos 0,1% entre aldeias. Portanto, ainda posso realizar uma correção que será imperceptível, conforme a preferência. Raramente isso faz alguma diferença.

– Mas vai fazer nesse caso, certo? – torceu Bosque.

– Vou calcular a variação exata.

Bosque aguardou alguns minutos e já estava ficando impaciente, andando de um lado para outro.

– Sim, ainda está dentro da variação permitida – comunicou o mestre.

– Então faça isso rápido! Amanhã cedo já será a cerimônia. E ele precisa ser apresentado à aldeia como Relâmpago.

– Sinto muito – disse Mar Sul – só posso fazer uma variação por família. Esse é o protocolo.

– Não vou pedir de novo caso nasça outro irmão, mesmo que ele seja outro Bosque! – prometeu Bosque Sul.

Obviamente, essa seria uma situação quase impossível, o que facilitava muito prometer algo assim.

– Não foi a isso que me referi. Já fiz uma mudança de carta para sua família antes.

– Para meus pais? – perguntou Bosque, surpreso – Então eles não são o que dizem ser? Pertencem a uma categoria inferior?

Seu pai era 15 e sua mãe 12. Ele já achava baixo o suficiente. Caso eles fossem ainda mais inferiores, Bosque sentiria vergonha deles.

– Eu fiz uma alteração na sua carta no momento de seu nascimento, a pedido de seus pais.

Bosque caiu no chão com a revelação. Estava chocado.

– Quando... eles iam me contar isso?

– Eu sugiro que não mencione isso a eles ou a ninguém – explicou o sábio – ou o impacto na sua vida será bastante negativo.

– Você está com medo de ser tratado como charlatão. Só quer salvar a própria pele!

Dorsedem Craivita

– Uma variação tão pequena numa das cartas da família está totalmente de acordo com as regras. Não serei prejudicado de forma alguma. Só estava pensando em você.

Aquilo era demais. Bosque Sul era um Bosque falso. Seu irmão era genuíno. A sua preocupação ridícula com as influências da hora do Sol e da Lua era totalmente inútil em comparação a essa situação vergonhosa que via diante de si.

Ele era falso. Vestia roupas falsas e tinha uma falsa tatuagem. Ao mesmo tempo, não queria se livrar dessa identidade fabulosa.

– Mude a carta do meu irmão, por favor – Bosque pediu, de cabeça baixa – não conseguirei continuar vivendo se você não fizer isso.

– Eu posso mudar – informou Mar – mas somente se eu reverter a sua. Assim, sua família não terá mais nenhum Bosque em casa. É isso que você quer?

Era impensável deixar de ser Bosque. Principalmente depois de toda sua pose de orgulho até aquele dia. O que seus admiradores diriam?

– Só por curiosidade – disse Bosque, com medo da própria pergunta – o que eu seria se eu não fosse Bosque? Com o cálculo verdadeiro do meu nascimento.

– Você seria... Galho.

– Galho?!

Bosque quase desmaiou ao ouvir isso. Ele estava numa categoria fora da classificação. Galho e Grama eram considerados párias da sociedade e eram duas categorias tão inferiores que nem mesmo tinham

permissão de praticar magia. Sequer tinham clã oficial ou encontros!

Subitamente, os encontros que Flor provavelmente tinha em seu clã já pareciam grandiosos em comparação a nem mesmo ter um clã e ser proibido de praticar magia.

– Agora você entende porque seus pais requisitaram a mudança da carta – disse Mar – eles não queriam que você fosse do melhor clã, mas que pelo menos ganhasse a oportunidade de receber uma boa educação.

Bosque caiu no chão e chorou. Berrou até esganiçar-se.

– Como isso é possível?! Você está mentindo, é tudo uma invenção sua! Velho miserável, traidor, manipulador!

Bosque quebrou alguns vasos e recipientes que tinha na tenda, lançando-os no chão. Ele estava respirando rápido. Apontou para Mar, acusadoramente.

– Você não gosta de mim, porque sou rude e mal educado com você, por causa de suas gracinhas. Está pregando mais uma de suas peças, somente para me torturar.

– Pare com isso – Mar Sul ficou sério – eu respeito sua família. Seus pais te amam. E você é pequeno e não sabe o que diz ou o que faz. Por isso, se acalme. Não existe apenas um tipo de vida. É possível viver sem aprender magia ou com um irmão num clã mais forte. Ele pode te ensinar muitas coisas.

– CALE A BOCA! Você não faz ideia de como estou sofrendo. Você é Mar e tem um clã só seu.

Dorsedem Craivita

Bosque ainda não conseguia acreditar. Como sua data de nascimento podia ser tão dúbia? Ele só podia ter nascido num ano amaldiçoado, que possuía diversos saltos entre clãs.

– Por favor, me deixe ver minha carta astral... só vou acreditar quando me mostrar e me explicar tudo.

Mar remexeu em seus papeis, até alcançar um deles e abri-lo.

Bosque Sul contemplou uma folha cheia de tintas de cores diferentes, formas geométricas e linhas. A explicação não era simples, mas Bosque sentiu que o mestre não estava mentindo.

– Sou Galho... – repetiu Bosque, desesperado.

– Você é Bosque – afirmou Mar – e seu irmão também. Pense bem na sua decisão, porque não poderá ser revertida.

– Você quer me fazer passar vergonha na frente da aldeia inteira? Declarando a mim mesmo como Galho, somente para meu irmão virar Tempestade? Perderei você como instrutor. Vão me arrancar o manto e a magia. Se duvidar, removerão até a tatuagem do meu ombro à fogo.

– Sim, farão isso tudo – confirmou Mar.

– Prefiro morrer a virar Galho.

– Então contente-se com seu irmão Bosque e fique feliz por ele.

– Eu já não suportava tê-lo como igual. Suportarei menos ainda agora que sei que minha identidade é uma mentira.

– A divisão por clãs e o sistema de cartas são apenas resquícios de preconceitos do passado, que os poderosos usavam para favorecer certos segmentos da sociedade. Por que acha que surgem tantos

Bosques no Norte? Lá eles permitem uma variação de até 1% nas cartas, mas só a elite pode usar essa porcentagem.

– Então o potencial para magia não é diferente entre clãs?

– É diferente somente porque os magos de clãs mais bem classificados recebem uma melhor educação. Cada mago tem o mesmo potencial para magia. Não faz a menor diferença ser um Bosque ou Galho.

– E por que você trabalha nesse sistema estúpido? Você nem concorda com ele!

– Exatamente por isso. Eu tento ser justo com as famílias, não aumentado a porcentagem de acordo com o poder aquisitivo.

Bosque vinha de uma família relativamente humilde. Se não fosse por seu clã, ele não teria tantos privilégios.

– Faça meu irmão virar Relâmpago, mas não toque na minha carta – mandou Bosque – se considera esse sistema estúpido, não irá se negar a fazer isso.

– Se alguém descobrir a respeito, serei executado – informou Mar Sul.

– Você já está velho e fraco, que diferença faz? – perguntou Bosque.

– Essas palavras são realmente corajosas, dignas de um Bosque – comentou Mar, em tom de leve zombaria.

– Por quê? – rosnou Bosque.

– Porque eu tenho o poder de te tornar um Galho com apenas um traço na sua carta. Dependendo do que disser a seguir, minha mão pode escorregar. Já

Dorsedem Craivita

tolerei demais a sua petulância, em respeito aos seus pais. Eu estou disposto a dar-lhes toda a minha lealdade, mas não minha vida. Portanto, comporte-se e saia da minha tenda. Não vou mudar nada. E a partir de amanhã você terá outro instrutor.

– Se você tocar um dedo na minha carta, juro que te mato – ameaçou Bosque – depois mato meu irmão e me mato.

– Como pretende me matar? Estou muito interessado. Tente.

Bosque apenas fitou-o com irritação. Mar podia estar velho, mas era mais forte que ele. E talvez fosse realmente um dos mais fortes da aldeia. É claro que ser o melhor instrutor da aldeia não era garantia de força. Mas seria arriscado descobrir.

– Escute, garoto – disse Mar – você está cansado e confuso. Vamos fingir que essa conversa nunca aconteceu. Volte para casa. Aceite o destino do seu irmão e o seu destino. Os dois serão favorecidos e sua família será famosa por conter dois Bosques. A sua carta e a dele não serão tocadas. Apenas vá dormir e prepare-se para a cerimônia do seu irmão amanhã.

– Eu... vou matar meu irmão.

– Bobagem – disse Mar Sul.

– Acha que não sou capaz?

– Desafie-o para um duelo de vida ou morte quando ambos forem maiores de idade, se ainda odiá-lo tanto assim – sugeriu Mar Sul – mas apenas dê a ele uma oportunidade de se defender do seu ódio. Não o mate covardemente.

– Se você é mesmo um profeta, já deve saber se irei matar meu irmão ou não. Então não seja mais

covarde que eu e me conte de uma vez. Chega dessa conversa imbecil! Eu irei matá-lo?

– Quinze minutos após chegar em casa – revelou Mar – irá sufocá-lo com o travesseiro.

Bosque começou a chorar novamente. Ele sentou-se no chão, tapando o rosto com os braços.

– Meu irmãozinho... não quero que ele morra!

– Então não o mate.

– Mas você disse que irei matá-lo...! Ou você mentiu, me fazendo ouvir o que vai me fazer mudar de ideia no último instante?

– Eu não faço esse tipo de jogo com os sentimentos das pessoas. Eu digo a verdade.

– Não há verdade! Nada é verdadeiro. Tudo é permitido. Não é isso que eles dizem?

– “Eles” dizem muitas coisas. Eles dizem que há clãs melhores e piores. Classificam pessoas. Colocam capas douradas nos ombros de uns, enquanto escravizam outros.

– Minha capa dourada é permitida, embora meu clã não seja verdadeiro – concluiu Bosque – portando essa capa, estou acima da vida e da morte. Tenho permissão de matar o meu irmão e ninguém poderá chorar.

– Não tem, pois seu irmão também é Bosque. Um Bosque só poderá matar outro Bosque em duelo.

– Quantos milhões de regras vocês inventaram? Isso é tão irritante!

– Seu vocabulário é impressionante para uma criança da sua idade – observou Mar – você recebeu uma educação digna de um príncipe.

– Mas eu tenho coração de Galho. É isso o que quer dizer?

Dorsedem Craivita

– Você é apenas uma criança pequena e não posso julgar o seu caráter com base na sua loucura, fruto de todos os mimos que seus pais e todos da aldeia te deram. Eu me incluo nesse grupo, confesso. Eu deveria ter sido mais rígido com você, desde o começo.

– Eu não queria matar meu irmão, mas se eu não fizer isso, vou me matar.

– Já me cansei de defendê-lo e fingir que apoio suas atitudes. Não me interessa mais que você tenha sete anos. Você me deixa doente. Apenas saia dessa tenda. O que você faz agora ou deixa de fazer, não me diz respeito. Só lamento pelos seus pais, que irão perder o segundo filho. Mas já fiz favores demais a eles.

– Como sabe que não cometerei suicídio?

– Sua personalidade me diz que você optaria por matar toda a sua família, destruir a aldeia e o país enquanto a opção restante for perder a própria vida.

– Eu sou muito extraordinário para morrer. Meu irmão ainda não se tornou extraordinário e nem tem consciência de estar vivo. Qual você acha que é a opção mais lógica?

– A opção mais lógica é que seu ato de hoje lhe assombre enquanto ainda tiver um coração pulsante.

– Sou apenas uma criança. Um dia posso até esquecer que fiz isso. Todos vão esquecer. Não fará diferença.

– Então eu irei me certificar que não esqueça – disse Mar Sul.

– Você já vai estar morto.

Mar levantou-se e tocou a ponta de uma pena de tinta no peito de Bosque. O menino sentiu uma dor aguda. Havia um leve filete de sangue no local.

– Velho louco.

Bosque fitou seu mestre friamente e saiu de lá.

Independente de Bosque ter sido gentil ou frio com Mar Sul, não teria feito a menor diferença. A situação seria a mesma. Bosque deveria resolver aquilo por si mesmo.

Ao chegar em casa, Bosque sentiu o coração disparado. Pegou uma faca na cozinha e dirigiu-se ao quarto do irmão menor, que dormia profundamente.

Parecia um ratinho, uma coisa pequena e frágil. Seria fácil estripar aquele pedaço de carne torta.

Porém, sua mão tremeu no momento do gesto derradeiro. Derrubou a faca e sentou-se no chão por um momento, até que se acalmasse.

“Deve haver outro jeito... rápido e limpo”.

Bosque pensou em voltar atrás na decisão, mas bastou visualizar o seu temível futuro, com seu irmão menor superando-lhe em cada magia, que agarrou o travesseiro com firmeza. Cobriu o rosto de seu irmão com ele e pressionou-o fortemente.

Seu coração estava batendo num ritmo tão acelerado que Bosque pensou que fosse morrer. Quando afastou o travesseiro, Bosque suspirou nervosamente: o bebê não respirava mais.

E antes que pudesse se sentir bem ou mal a respeito disso, sentiu seu coração subindo pela garganta. Começou a engasgar-se.

– Mãe, mãe...!

Chamou Bosque inutilmente e com dificuldade. Ele mal era capaz de respirar, muito menos de falar.

Dorsedem Craivita

Estava afogado em lágrimas. Arrependeu-se do que fez. Os dois morreriam juntos. De que adiantaria?

Para seu espanto, seus pais ouviram os sons do filho se debatendo no chão e correram para ajudá-lo.

Finalmente, Bosque conseguiu falar.

– Mãe, pai... eu matei meu irmãozinho. Desculpem...

E Bosque voltou a chorar e a se engasgar, em completo desespero.

– Ele foi amaldiçoado – disse o pai, assustado.

Ao abrir a camisa de Bosque, contemplou uma mancha roxa no peito, perto do coração.

Bosque vomitou. E não parava de vomitar. Até que, em meio ao líquido amarelado, cuspiu sangue.

Uma coisa vermelha e pesada caiu no soalho.

Subitamente, Bosque sentiu seu enjoo ir embora. Mas também sentiu muito frio. Estava fraco demais para se mexer.

A Maldição Fratricida. Bosque ainda teve forças para reconhecê-la. Isso porque foi a pessoa que a usou que lhe ensinou sobre ela. Sabia exatamente o que precisava fazer para se manter vivo.

Bosque jogou-se na cama do irmão recém-nascido, e também recém-morto. Alcançou a faca de cozinha do chão, abriu o peito do bebê e engoliu o coração, que agora pulsava no seu próprio peito, enchendo-o de vida e de amargura.

Seus pais estavam em estado de choque. Bosque irritou-se com o choque deles. Não se consideravam poderosos magos?

Antes que julgassem seu ato, resolveu fazer uma coisa na qual era especialista: culpar alguém.

– Mar Sul obrigou-me a fazer isso! – berrou Bosque – Ele estava com inveja de mim e inveja do meu irmão! Ele ameaçou revelar ao mundo que sou um... Galho!

Não foi difícil convencer os pais que a culpa era do mestre. Afinal, Bosque tinha apenas sete anos, era ingênuo e inocente. Jamais seria capaz de pensar num ato tão abominável. Ele obviamente havia sido manipulado por uma mente muito mais perversa e experiente.

Os pais de Bosque não teriam poder para condenar Mar Sul à morte. No entanto, como tinham Bosque como filho e como era ele a acusá-lo, e ele pertencia a um clã superior, não houve nem mesmo julgamento.

No dia reservado ao que deveria ter sido a cerimônia de batismo do irmão de Bosque Sul, Mar Sul foi esquartejado. Os pedaços de seu corpo foram lançados para alimentar os animais, porque seria realmente uma pena desperdiçar uma carne tão boa.

Somente os genitais foram ofertados a Bosque Sul, para que fritasse e devorasse junto com vegetais frescos. Também ergueu uma taça com o sangue que espremeu do crânio do mestre e bebeu tudo.

Os maiores estorvos já estavam fora do caminho: seu irmão e seu mestre. Somente seus pais ainda sabiam da verdade. Porém, Bosque não teria acusação nenhuma para fazer contra eles e ainda não possuía poder para matá-los. Quando atingisse a maioridade, pensaria num plano. Não porque tivesse coragem para matá-los, mas porque morria de medo de deixá-los vivos.

Capítulo 5: Fantasia e Realidade

Chico tomou o livro das mãos de Uóxintom e confiscou-o.

– Já achei o capítulo anterior violento, mas esse passou dos limites – observou Chico – está planejando matar sua mãe por causa dessa história, moleque?

– Dã, nada a ver, vô. Já sou grandinho o suficiente para saber separar minha vida da ficção.

– Esse livro deveria ser permitido somente a maiores de idade.

– Que exagero. Pode ser até que outras crianças da minha idade sejam influenciadas, mas eu não. Não sou estúpido como esse menino de sete anos da história.

– Que, por sinal, é seu personagem favorito!

Uóxintom riu.

– Não posso gostar de vilões? Eles ficam engraçados em histórias, mas não na vida real. Já disse que sei separar!

– Não sabe coisa nenhuma. Só pensa que sabe. Daqui a pouco vai ter pesadelos com esse livro.

– Já tive – confessou o neto – mas agora me acostumei.

– Não precisa se forçar a se acostumar – disse Chico – é verdade que a vida real é ainda mais terrível que essas histórias, mas você vai aprender a aguentar certas coisas naturalmente, com tempo e maturidade. Como deixaram esse livro entrar no seu colégio?

– Eu o encontrei na prateleira de livros do ensino médio.

– Não deviam permitir essa bobagem nem mesmo para o pessoal de quinze anos. É absurdo!

– Vô, como você é antiquado – reclamou Uóxintom – aposto que nunca jogou videogame.

Dessa vez o menino não reclamou quando Chico confiscou o livro. Ele provavelmente já tinha relido os capítulos muitas vezes e concordou que depois da leitura daquele capítulo o livro poderia ser orgulhosamente confiscado por um tempo.

– Só não confisque demais ou terei que pagar multa na biblioteca – avisou Uóxintom, despreocupadamente.

Se ele estava tão despreocupado, nem seria uma punição.

Quando voltou para casa, Chico folheou o livro algumas vezes, observando as imagens e imaginando o que seriam. Tentou desvendar algumas frases do segundo capítulo, mas era difícil.

Devia ter deixado o neto continuar a ler o próximo capítulo antes de tomar-lhe o livro. Ele já tinha lido tudo de qualquer forma. Mas ele sentiu que era simplesmente seu dever como avô confiscá-lo naquele momento. E estava com vergonha de admitir que estivesse curioso para saber a continuação de um livro para adolescentes.

E estava tão curioso que decidiu que faria algo realmente louco: pediria que seu colega de trabalho, Raimundo, lesse a ele o segundo capítulo. Era evidente que não ia pedir para seu chefe Severino, e Geraldo talvez precisasse de uns óculos potentes se quisesse ler alguma coisa, já que muitas vezes não

Dorsedem Craivita

encontrava sequer o caminho da lata de lixo. Já Fred não era nem mesmo uma opção. Se ele soubesse ler, provavelmente leria como um gago. E mesmo se lesse muito bem, o mero som da voz dele já lhe irritaria. Ele provavelmente estragaria a história inteira.

A parte mais difícil seria revelar a Raimundo que ele não sabia ler.

Chico esperou o intervalo do almoço para fazer o pedido.

– Ei, Raimundão.

– Fala, meu rei.

– Tô precisando de um favor aqui.

– Ih... se for grana pode tirar o cavalo!

– Não é grana não. Queria que você lesse um capítulo desse livro pra mim.

Raimundo fitou a capa do livro e olhou dela para Chico, sem entender.

– Pirou de vez? Isso é um livro infantil ou o quê?

– Não, tem muito sangue e guerra – Chico resolveu dizer, para fingir que estava interessado em algo para adultos.

– Saquei. E tem esportes?

– Não tenho certeza. Talvez não.

– Então não tô interessado. Toma aí.

E devolveu o livro.

– Você não tá entendendo, animal. Não tô te emprestando. Quero que você leia em voz alta pra eu ouvir.

– Eu não sou sua mãe! – protestou Raimundo.

– Eu não sei ler, palhaço!

Raimundo fitou-o com estranheza, sem entender se era uma piada.

– Pode rir da minha cara – disse Chico – só para de me olhar com essa cara de paspalho.

– É sério isso? – perguntou Raimundo, para se certificar.

– Sim, eu tive uma infância meio fodida. Eu era caipira e em vez de ir pra escola meu pai me mandava cortar cana o dia inteiro lá no mato em troca de alguns centavos. Barra pesada. Perto daquilo, ser gari é fichinha. Quer que eu te conte a história da minha vida?

– Se eu ler isso daqui pra você, tu cala a boca? – perguntou Raimundo – Não quero perder todo o meu intervalo do almoço. Já é um milagre sobrar tempo pra almoçar nessa porra.

– Beleza, pode ler aí!

Chico ficou até surpreso que Raimundo tivesse aceitado o fato de que ele não sabia ler com tanta naturalidade. Talvez os seus colegas de trabalho não fossem assim tão idiotas.

Capítulo 6: A Orgia Vermelha

– Vocês já ouviram falar na Biblioteca do Bosque? Quem perguntou isso foi Inundação Sul, uma índia de longos cabelos negros e brincos de folhas verdes.

– Rumores, nada mais – respondeu Tornado Sul.

Tornado era um índio de sorriso alegre que carregava uma borduna nas costas.

– Eu ouvi dizer que não fica muito longe do sul. Talvez devêssemos partir numa jornada. Creio que em dois dias conseguiremos chegar lá à pé.

– Espera, isso fica na terra dos caramurus? – perguntou Tornado, com testa franzida e um sorriso matreiro.

– Bem... é, fica – confessou Inundação, enrolando os cabelos com os dedos, respondendo ao sorriso com outra expressão serelepe.

– Por que vocês dois estão rindo? – perguntou Bosque Sul, em tom sério – Nossos poderes e autoridade são inúteis lá. Aquelas pessoas estão cagando para nossos costumes e nossos clãs.

– Olha o linguajar – zombou Tornado, imitando o tom de Mestre Ciclone Sul, aquele que sucedeu o sábio ancião Mar Sul.

Bosque ignorou-o, mas quase riu com a brincadeira.

Ele já estava com 19 anos, assim como a maior parte de seus amigos. Eles tinham se conhecido ainda crianças, embora alguns anos depois da tragédia, da

qual pouco sabiam. Com uns dez anos começaram a ter lições juntos com Mestre Ciclone, que aceitava ensinar conjuntamente alunos dos clãs de níveis 1 a 20. Sendo assim, Bosque estava satisfeito por só ter amigos fortes, mas nenhum que fosse uma ameaça.

– Alguém tá a fim de lanchar?

Raio Sul sentou-se no círculo de troncos partidos carregando uma anta nos ombros e um arco e flecha nas costas.

– Leva isso para os adultos esfolarem, porque tá fedendo – reclamou Fumaça Sul, fazendo cara feia.

Raio Sul saiu de lá. Ele era bem mais alto e forte que os outros dois. Até meio gordo, mas bastante atlético. Metia medo em alguns índios devido ao seu porte forte e respeitável.

Fumaça Sul tinha cabelos nos ombros, a testa e parte dos olhos pintados de vermelho. Ela trazia nas mãos pulseiras, que trocou com Inundação. Ela passou-lhe as suas e a outra passou-lhe colares de contas em troca.

Logo, Raio já estava de volta.

– Raio, depois me empresta o teu cachorro? – perguntou Tornado.

– Que quer com ele?

– Caçar, é claro.

– Leva fogo ou te empoleira na árvore a noite inteira. Não vou te emprestar nada.

Tornado deu um sorriso divertido, de orelha a orelha. Ele era o melhor amigo de Bosque.

Bosque passou por uma fase difícil após os rumores da morte de seu irmão, que ninguém sabia se eram verdade. Muitos de seus amigos e admiradores se afastaram. Bosque ficou sozinho por

Dorsedem Craivita

um longo tempo e Tornado foi o primeiro a aproximar-se dele, três anos depois. Não por causa do clã de Bosque, já que Tornado sequer sabia disso quando começaram a brincar juntos. Ele apenas notou que o outro estava sozinho e ofereceu sua companhia.

Bosque gostava da amizade desinteressada de Tornado. Já se conheciam há nove anos e Tornado respeitosamente nunca havia questionado sobre o passado de Bosque.

Com Tornado por perto, sempre comunicativo e simpático, foi natural que outros amigos se aproximassem deles. A primeira foi Inundação, que se reuniu a eles quando tinham 11 anos. Ela trouxe Fumaça alguns meses depois, que apresentou a eles Raio no ano seguinte.

De vez em quando os cinco saíam para caçar juntos, mas aquilo estava se tornando cada vez menos frequente. Quanto mais se tornavam bons em magia, mais as caçadas perdiam a emoção.

Também já não faziam as velhas brincadeiras de criança, embora vez ou outra falassem delas e as recordassem com saudade.

Por um lado, Bosque se sentia à vontade no meio deles, num ambiente descontraído e de animação. Embora muitas vezes ficasse em silêncio, ria naturalmente de algumas piadas. Os cinco eram tão próximos que sentia os amigos quase como uma família.

Os seus próprios pais permaneciam vivos e fortes, especialmente poderosos na magia. Bosque já tinha perdido há muito tempo o sonho infantil de matá-los. Após menos de um ano depois da morte do irmão,

ele concluiu que aquele desejo era apenas uma bobagem. Bosque amava seus pais e confiava neles. Eles jamais revelariam seu segredo.

Sentia um profundo arrependimento por ter assassinado seu irmão mais novo. Se ele ainda estivesse vivo, teria 12 anos naquele momento. Em poucos anos ele já se tornaria um homem feito e formariam uma amizade extremamente forte. Caçariam juntos, fariam magias juntos, falariam bobagens e piadas.

Afinal, não era divertido compartilhar bons momentos com os amigos? Mesmo se Tornado ou algum outro fosse do clã Bosque, no fundo Bosque Sul acreditava que não os invejaria, ou ao menos não tanto assim. Ele os admiraria mais.

Bosque não teve maturidade o suficiente para enxergar isso na época. Era apenas uma criança mimada que só queria vencer e ser o melhor.

Resquícios da infância não se apagam assim tão facilmente. Bosque havia mudado muito, mas ainda tinha a mesma carne e o mesmo sangue. Ainda se esforçava bastante, muito mais que os amigos, para manter a imagem que o clã Bosque esperava dele.

Talvez ele não desejasse ser Bosque, pois tinha que passar por todo aquele trabalho. Não se importaria de ser parte de outro clã qualquer, contanto que estivesse entre os dez melhores. Cada um possuía suas particularidades. Tornado contava tantas histórias fantásticas das magias praticadas em seu clã que Bosque até o invejava um pouco. Os membros do clã Bosque eram sérios demais e muito compenetrados. O pessoal do clã Tornado sabia aprender se divertindo.

Dorsedem Craivita

As conversas preferidas de Bosque eram exatamente sobre os rituais e feitiços praticados nos diferentes clãs. Teoricamente o que ocorria no interior dos clãs devia se manter como segredo entre os membros, mas ninguém se importava muito com isso. Os cinco compartilhavam os segredos de seus clãs alegremente, principalmente as histórias engraçadas.

– Meu primeiro dia no clã foi o maior desapontamento da minha vida – contou Fumaça – fizeram uma fogueira e começaram a lançar folhas secas dentro para fazer fumaça. Contemplamos a fumaça e foi isso. Eu sei o que é uma fumaça, obrigada.

– Pelo menos não foi você que ficou de pé na copa de uma árvore no meio da chuva com um objeto metálico na mão para atrair um raio – disse Raio – o seu exercício servia pelo menos para alteração de consciência. O meu era apenas irritante e excelente para cair doente ou morto.

– Minhas primeiras experiências no clã também foram patéticas – confessou Inundação – achei que queriam me transformar numa sereia ou me fazer criar brânquias, de tanto que me mandavam para baixo d'água. Quero dizer, você se torna membro de seu clã oficialmente aos 12 anos, esperando ter a experiência mais bárbara da face da Terra. De repente, percebe que é só porcaria! Mas se pular fora você vai ser um perdedor, então tem que aturar a chatice e se contentar com as histórias engraçadas.

– Minha experiência foi diferente, pois gostei de tudo desde o começo – contou Tornado – você pode tentar controlar o vento em qualquer lugar. E sempre

há uns babacas divertidos que saem voando longe e quebram uma perna ou um braço. Uma vez teve uma donzela que quebrou o pescoço e teve que ser enterrada de imediato sem cerimônia, para não enfurecer mais espíritos do vento. OK, esse dia não foi muito legal.

– E você, Bosque? – perguntou Inundação, curiosa – Como são seus treinamentos? Por que dizem que o clã do Bosque é assim tão poderoso?

Todos fitaram Bosque naquele momento. Isso geralmente acontecia sempre que ele contava um pouco sobre seu clã. Embora se fingissem de desinteressados na maior parte do tempo, é claro que os amigos estavam curiosos para saber o que eles tanto faziam lá.

Na maior parte das vezes, Bosque desconversava ou falava brevemente de detalhes irrelevantes. Mas quando era Inundação que perguntava, com seu sorriso contagiante e olhos brilhantes de curiosidade, Bosque acabava soltando algumas informações.

– A resposta para essa pergunta não é simples. Existe uma série de razões que tornam meu clã importante. Nós estudamos a magia da terra e muitas outras manifestações naturais que ela contém. É uma magia ampla, que inclui poder dos vegetais, minerais e até mesmo os animais em alguns casos. Alguns se especializam em magia para cultivar comida, até apressar o processo de maturação dos frutos. Isso é importante quando nossa aldeia passa por períodos de guerra e fome. Eles tomaram o poder em décadas passadas, que antes era dominado pelo clã Floresta.

Quando Bosque terminou o discurso, os quatro o fitavam com espanto.

Dorsedem Craivita

– E o que você sabe fazer? – perguntou Raio.

– Eu sei o básico que todos sabem, incluindo exercícios fáceis envolvendo tudo que mencionei. Ainda não decidi a área na qual irei me especializar. Não por falta de interesse, pois sei bem o que mais me agrada. Mas meus pais me recomendaram esperar mais um pouco até que eu complete 20 anos no ano que vem e me case.

Raio parecia bastante interessado no poder de Bosque. O próprio Raio, além de fisicamente forte, era muito bom em magia e já tinha vencido diversos duelos informais. Bosque se envolvia em pouquíssimos duelos e os únicos que tinha participado foram duelos formais no interior do clã. Por isso, ninguém tinha certeza sobre a força exata de Bosque, mas os rumores diziam que ele certamente se tornaria um Deus e ficaria entre os dez mais fortes do país. Não porque sua força já tivesse sido medida nesses termos, mas porque isso era o que a maioria esperava dele. E Bosque se esforçava para cumprir as expectativas.

Bosque via com clareza que Raio o temia e o admirava. Talvez ele também tivesse alguma inveja, mas Bosque conseguia ver uma genuína expressão de admiração e interesse quando Bosque revelava qualquer coisa sobre seu clã e seu poder.

Bosque sentia-se honrado por ser admirado por um sujeito como Raio, que era sempre um dos favoritos nos duelos dos jovens, os quais não poderiam mais participar assim que atingissem a maioridade.

– Por que está esperando se casar para decidir seu foco na magia? – perguntou Tornado, sem entender.

– Porque isso é esperado de mim, devido à minha condição – explicou Bosque – não posso me casar com qualquer uma. Deverá ser ou uma garota de linhagem nobre ou uma que esteja num clã muito bom.

Inundação e Fumaça se entreolharam, como se pensassem que Bosque estava se portando de forma meio esnobe.

– Esperem, me desculpem, eu me expressei mal – consertou Bosque, explicando melhor – quem exige isso de mim são meus pais. Não vou fazer necessariamente o que meus pais mandam!

Dessa vez, os quatro ficaram meio surpresos com a reação de Bosque, que talvez tenha se defendido com mais empenho do que tivesse sido necessário. Era nesses momentos que Bosque era capaz de enxergar o abismo que os separava.

Bosque conseguia ser informal com os amigos, mas sempre havia aqueles momentos incômodos, apenas por causa do maldito clã e de seu suposto incrível poder.

Era comum que o pessoal fizesse piadinhas entre si, mas o único que tinha coragem de fazer piada com Bosque era Tornado e isso só ocorria raramente.

Às vezes Bosque tinha a impressão de que os amigos tinham medo de vê-lo enfurecido de verdade, despejar todo seu poder neles e matá-los.

Será que esse medo era fruto dos rumores de sua infância? De que ele havia assassinado o irmão e mandado matar o mestre da aldeia? Sim, só podia ser isso. E assim que atingisse a maioridade, Bosque teria praticamente o poder de mandar matar qualquer um

Dorsedem Craivita

que não fosse de seu clã, se não fosse com a cara da pessoa.

– Não precisa pedir desculpas – disse Inundação – mas agora fiquei curiosa. O que é exatamente um clã muito bom?

O interesse de Inundação fez Bosque pensar duas vezes antes de responder.

– Teoricamente, um dos cinco melhores, mas não acho que meus pais seriam contra se a esposa estivesse entre um dos 20.

– O que quer dizer com essa observação? – perguntou Tornado, com um sorriso – O senhor está cortejando nossas amigas?

Raio lançou uma expressão nervosa para Tornado, indicando que a brincadeira era inapropriada. E as duas garotas riram da pergunta, embora não a tenham levado a sério.

– Não me chame de senhor – foi a única reação de Bosque.

– Todos o chamam de senhor – observou Raio.

– Mas vocês são meus amigos – disse Bosque – então eu prefiro que não me chamem dessa forma. Eu me sinto muito distante de vocês. Às vezes vocês me tratam com mais formalidade que o necessário. Isso me incomoda.

Bosque gostava de alguma formalidade, mas em excesso lhe perturbava. E já se sentia tão acima de todos desde sempre, que começou a ser chato. Perdeu a graça rápido. Sua posição já não significava tanto assim.

– Já que pediu para eu ser informal, vou te encher de perguntas – decidiu Tornado – eu ouvi falar que

seus pais querem arranjar seu casamento. Isso é verdade?

– Sim – confirmou Bosque – eles querem que eu me case com uma moça do clã Floresta, é claro, que é o clã feminino mais influente. Existem alguns índios das velhas gerações que ainda gostam mais do clã Floresta do que do Bosque, pela força que o Floresta tinha no passado.

– Agora entendi porque está esperando para se especializar numa área da magia – observou Tornado – caso se case com alguém do Floresta, você vai escolher uma área que os dois clãs tenham em comum, para fortalecer ainda seu poder. Magia sexual faz isso. Mas há outros tipos de magia com efeitos semelhantes, como troca de energias pelas mãos. Podíamos tentar isso em grupo qualquer dia.

– O que, magia sexual grupal? – perguntou Fumaça.

As duas garotas riram.

– Agora que já compartilhei meus planos de casamento, que tal compartilharem os seus? – sugeriu Bosque.

– Você não compartilhou os seus planos e sim os dos seus pais – comentou Tornado.

– Não interessa – falou Bosque – não quero ser o único falando. Assim parece um interrogatório. Minha vida não é tão interessante quanto vocês acreditam. Honestamente, eu preferia ter a sua vida, Tornado.

– Mesmo? – ele perguntou, achando graça – Uma boa escolha. Adoro a minha vida.

– Vocês vão provar a Ayahuasca no dia da maioridade? – perguntou Raio – Temos esse direito.

Dorsedem Craivita

– Todos vão provar – disse Tornado, empolgado
– Somente um louco não o faria. Eu vomitaria mil vezes só pelas visões.

– Só no dia do meu casamento – observou Inundação – porque eu acho muito romântico.

– O uso é sagrado – observou Bosque – não é uma brincadeira.

– Você não precisa ser assim tão sério – disse Tornado – também dá pra ser divertir com as coisas sérias. Como religião e o sagrado.

– Suponho que sim – concordou Bosque – se tivessem alguma erva sagrada para eu tragar, eu aceitaria no ato. Mas os adultos confiscam.

– Falta apenas um ano – lembrou Tornado – e seremos livres!

Quando Tornado disse isso, elevou os braços para o céu e jogou-se de costas na grama.

– Liberdade. Quero descobrir que gosto tem.

– Deve ser como todas as outras coisas – observou Bosque – bom no começo. Desapontante no meio. Terrível no final.

– Você acha que a vida é assim? – perguntou Inundação.

– Um pouco – respondeu Bosque – mas não necessariamente. Minha vida foi terrível no começo e agora está melhor. Provavelmente não há regras. E o fator decisivo não são as circunstâncias externas e sim a mente.

Os outros aguardaram que Bosque continuasse falando do seu passado, mas ele não fez isso.

A dúvida, se ele era um assassino ou não, ou mesmo duplamente assassino, devia ao mesmo tempo aterrorizá-los e fasciná-los. Bosque preferia

não acabar com a dúvida. De qualquer forma, aquele não era o momento de revelar.

Havia uma questão que sempre perturbava Bosque. Se o seu primeiro mestre, Mar Sul, era um profeta assim tão fantástico, já devia saber que seria assassinado por Bosque no momento em que começou a treiná-lo. Mesmo assim, Mar treinou-o com amor e dedicação. Algo que Bosque não entendia naquela época.

Bosque jamais soube como seria a personalidade do seu irmão mais novo: se seria amigo ou inimigo, por isso a dor que sentia pelo que tinha feito não chegava a ser insuportável.

Porém, Bosque tinha muito medo do que havia feito a seu mestre. Mar era um mago muito poderoso. Ele não havia morrido por acaso. Será que Mar havia planejado tudo? O que aquele homem pretendia?

Às vezes Bosque tocava o próprio peito e se sentia cansado. Os rumores a respeito de seu coração eram os mais emocionantes e insanos. Os amigos já tinham notado aquele ato involuntário de Bosque.

Devido ao que ocorreu em sua infância, Bosque desconfiava que não viveria muito. Esse era o preço a pagar pelo poder. Não sabia se chegaria à maturidade, mas provavelmente jamais atingiria a velhice. Seu coração não aguentaria.

Ele tinha o coração do seu irmão no peito. Nessa época, Bosque ainda não sabia o que isso significava.

Para quebrar o silêncio incômodo que se seguiu ao comentário de Bosque, Inundação resolveu mudar de assunto:

Dorsedem Craivita

– Eu não queria contar para vocês agora, mas não temos muito tempo. Eu já preparei tudo para nossa jornada. Fiz até um mapa.

– Que jornada? – perguntou Raio.

– Para a Biblioteca do Bosque.

– Por que quer ir lá? – perguntou Fumaça – Ninguém aqui sabe ler.

– Algumas pessoas dizem que quando o feitiço é muito forte ele passa através das páginas – contou Inundação, misteriosamente.

– Bobagem – disse Raio – os dragões do mar possuem uma simbologia misteriosa e secreta. Você não poderá desvendá-la simplesmente pela vontade.

– É assim que você chama os caramurus? – perguntou Tornado, curioso.

– Porque eles são bestas que vieram do mar para arrasar nossas terras. Eles pensam que são mais espertos que nós por dominarem a escrita, mas nem se comparam a nós na magia.

– Por que você disse que não temos muito tempo, Inundação? – perguntou Bosque.

– Porque em um ano nós vamos nos casar. A partir de então, não será mais como antes. Vocês não veem? Não poderemos simplesmente nos reunir e partir para aventuras como fazíamos quando crianças. Teremos novas responsabilidades. Filhos e carreira.

– Essas responsabilidades são muito chatas – comentou Raio.

– Então não se case – disse Tornado, sorrindo – ninguém está te obrigando.

– Isso não é bem visto.

– E desde quando você se importa?

– Desde que me tornei adulto e estou tentando atender às expectativas das pessoas – respondeu Raio – minha vida se resume a isso.

– Tecnicamente, você só será um adulto no ano que vem – observou Tornado.

– Um ano passará na velocidade de um raio e será aterrador como um trovão – disse Raio – não quero crescer.

– Você teme tanto assim o futuro? – perguntou Fumaça.

– Eu tenho medo de me tornar outra pessoa – confessou Raio.

– E eu tenho medo de ficar igual – brincou Tornado – você precisa nascer e morrer algumas vezes para entender certas coisas. Gostaria de ser uma criança para sempre? Quando nascemos, passamos por um ritual de batismo. Passaremos pelo ritual da maioridade, do casamento e da maturidade. Alguns de nós ainda terão o ritual de passagem para Deus. Mas o último ritual dedicado a todos nós será o funeral. A vida é um ritual.

– Nenhuma dessas ocasiões merecia ser celebrada – observou Raio – nascemos apenas para morrer, então por que se importar em comemorar? Também celebramos o envelhecimento e até a morte em si. O ser humano experimenta um desespero tão grande em todas essas coisas que precisa criar essas festas, para mentir a si mesmo, fingindo que está tudo bem e que tudo ficará bem. Isso não é verdade.

– Nada é verdadeiro – comentou Tornado – mas tudo é verdadeiro quando tudo é permitido.

– Por quê?

Dorsedem Craivita

– Porque temos o poder de moldar mentiras e verdades conforme a vontade. Somos magos.

– Há quem diga que não existe vontade – observou Inundação astutamente.

– Talvez não, mas isso não importa – disse Tornado – podemos fingir que temos livre-arbítrio. Qual é a diferença? Dizem que o famoso mestre ancião, Mar Sul, era capaz de ler o futuro como nenhum outro. Se existe verdade, vontade ou destino. Isso tudo são apenas palavras. Existe vida ou morte? Eu não tenho certeza. Talvez seja uma mentira.

– Como alguém pode acreditar ao mesmo tempo na vontade e tentar enxergar o futuro? – perguntou Fumaça – Essas pessoas pensam que podem moldar o futuro a cada momento? Então qual é o sentido de ver mais longe, se a realidade seria mutável?

– As pessoas são loucas – disse Tornado, fascinado e satisfeito – um dia matam por ódio e no outro por amor. Num dia vivem pelo amor e no outro pelo ódio. Em vez de horrorizar-se com essa loucura, eu sugiro divertir-se com ela.

– O que há de divertido em morrer? – perguntou Raio.

– Libertação – respondeu Tornado, de imediato – vocês não estão felizes com a proximidade da maioria? Nosso corpo será livre. Com a morte, quem se liberta é o espírito. Mas a mente, essa só estará liberta ou aprisionada conforme a vontade.

– E num mundo em que não existe vontade, como libertar a mente? – insistiu Inundação.

– Você precisa se conectar com o mundo.

– O que isso deveria significar?

– Ninguém vive sozinho – disse Tornado – alguns são seres sociais, outros espirituais. E há também quem viva com os próprios fantasmas, especialmente o medo. De qualquer forma, todas elas são formas de conexão.

– Você acredita em destino, Tornado?

– Gosto de pensar que acredito, mas se acredito de verdade, isso não é minha escolha e sim meu destino – brincou Tornado – e sabem por que gosto de pensar que acredito?

– Não tenho a menor ideia – comentou Raio.

– Porque muitos magos preferem acreditar que possuem livre-arbítrio e têm o poder de moldar o mundo e a mente conforme a vontade – respondeu Tornado – mas essa é apenas mais uma ilusão. Se nada é verdadeiro, como isso poderia ser verdade?

– Mas você disse que tudo é verdadeiro quando tudo é permitido – disse Raio, começando a cansar-se dessa conversa.

– Isso porque sou louco, mas sem um pouco de loucura é impossível viver – disse Tornado – os magos são arrogantes e acreditam que podem manipular o mundo inteiro. Eu me divirto em pensar num destino que aprisiona essa arrogância, enquanto esses magos dançam numa gaiola, constantemente alimentados por suas ilusões infantis.

– Você é cruel – Inundação deu um sorriso malicioso – se pensa assim, por que tornou-se um mago.

– Um pouco pelo dinheiro, mas principalmente pela diversão – confessou Tornado – nosso dinheiro não vale quase nada no mundo dos caramurus, mas eu não estou interessado no mundo deles. Prefiro

Dorsedem Craivita

nossa magia, nossos rituais ilusórios de liberdade e nossas mentiras de poder. Eu encaro tudo isso como uma brincadeira. Alguns magos se levam muito a sério e pensam que vão dominar o mundo ou estão acima dos mortais comuns. Até os Deuses são uns mentirosos. Eu até diria que são os reis da mentira. Eles não somente dançam dentro da gaiola, mas preparam uma festa somente para convidados especiais. Assim poderão sapatear na prisão com força e acreditar que suas vontades queimam como fogo.

– Como posso fazer minha vontade queimar como fogo? – perguntou Bosque, interessado pela conversa.

– Se você considerar que não existe verdade ou vontade, que elas são apenas formas que podem ser manipuladas não somente por ideias, mas por emoções no mundo astral, a vontade perde o corpo e se torna apenas espírito.

– Você acha que o mundo inteiro é uma ilusão e uma mentira? – desafiou Bosque – Eu sou uma ilusão? A dor não é verdadeira?

– Eu não penso assim – disse Tornado – enquanto as coisas, fenômenos e ideias estão separados, eles são verdade, doem na carne e na mente. Mas quando eles se juntam, se conectam, abraçam, beijam e transam num bacanal de conceitos e antropofagia, tudo some.

– Acho que é o contrário – opinou Inundação – quando as coisas estão separadas são mentira e quando se juntam são verdade.

– E eu acho que vocês são realmente idiotas por estarem debatendo isso – observou Raio – que diferença faz?

– Nenhuma – sorriu Tornado – é apenas um jogo.

– Se as coisas são verdadeiras ou falsas, se existe livre-arbítrio, vontade, destino ou poder de fato, isso não afeta minha vida em absolutamente nada – disse Raio.

– Manipular esses conceitos é divertido, porque você pode rir, fingir que é esperto ou pensar que realmente conhece o mundo ou a si mesmo – disse Tornado – mas no fundo não sabe de nada. Ninguém sabe de nada. Os mestres só conhecem pedaços e não o todo.

– Os dragões do mar dizem que há um Deus único capaz de encaixar todas as peças do quebra-cabeça – observou Raio.

– Talvez – reconheceu Tornado – eles podem se transformar nesse Deus?

– Acho que não. Mas dizem que eles são capazes de conversar com ele.

– A mente deles não quebra quando isso acontece? – perguntou Tornado – Eu já sinto uma forte dor de cabeça quando converso com Ciclone Sul ou outros mestres. Se eu conversasse com um Deus onisciente, meu cérebro provavelmente explodiria.

– Bem, alguns deles dizem que a visão desse Deus é tão magnífica que mataria – concordou Raio – por isso eles nunca o veem ou escutam diretamente, ou ficariam cegos, surdos ou loucos. Eles se comunicam pela mente ou emoções.

Dorsedem Craivita

– HmMMM – Tornado parou para pensar – que simpático.

– Está interessado? – perguntou Raio.

Tornado deu de ombros.

– Talvez eu não queira descobrir o que é verdade ou mentira, certo e errado, bem e mal, se existir algo assim – confessou Tornado – principalmente se essa tal verdade for séria demais. Gosto mais de um mundo maleável, caótico e colorido. O que você acha, Bosque?

Bosque despertou da sua distração.

Às vezes os amigos esperavam demais da opinião dele.

– Não estou interessado no Deus ou nos livros dos caramurus – foi a resposta de Bosque – porque prefiro me orgulhar do que tenho e do que sou, mesmo que não seja o melhor possível. Ou posso me convencer de que tenho o melhor possível. Pensando melhor, já estou genuinamente satisfeito com as crenças de nosso povo.

– Os caramurus têm livros com magias indígenas – lembrou Inundação – não acha que pelo menos esses vale a pena buscar?

– Esses sim – concordou Bosque – eu não acho que o Deus deles esteja errado. Mas os nossos também não estão errados.

– Alguns caramurus não acreditam em nada, nem em Deus e nem em Deuses – disse Inundação – ou pelo menos eles dizem que não acreditam e passam a deificar pessoas, objetos, diversos valores. Acho que todo mundo precisa pelo menos de uma filosofia de vida.

– Quando você quer ir nesse lugar, Inundação? – perguntou Bosque.

– Pode ser amanhã?

– Nós vamos roubar os livros? – perguntou Raio.

– A ideia é ir até lá para conhecer a biblioteca – explicou Inundação – levem algumas provisões de armas e comida para usar no caminho. Não quero usar magia ou força bruta nos caramurus, mesmo que eles tenham sido tão estúpidos conosco no passado. Chegando lá, vamos verificar se eles nos dão permissão para entrar na biblioteca.

– É claro que não dão – disse Raio – que perda de tempo. Se dessem, os índios já teriam recuperado esses livros há muito tempo.

– Nosso povo é orgulhoso demais para sequer desejar se aproximar deles – comentou Inundação – mas se a situação continuar a mesma, podemos tentar nos infiltrar escondidos na biblioteca, apenas para dar uma olhadinha. E dizem que eles têm centenas ou milhares de livros! Que mal fará pegar emprestado apenas um? Depois devolvemos.

Bosque a fitava de forma duvidosa.

– Faz muito tempo que não há uma guerra entre os dois povos – observou Bosque – espero que não sejamos nós a provocá-la. Tenham muito cuidado. Ainda não somos maiores de idade para ir e vir como nos aprouver.

– Falando nisso, também faz tempo que os imbecis do norte não invadem o sul – comentou Raio – de vez em quando surgem uns rumores de que eles estão pensando em vir flechar alguns de nós só para comer a nossa carne no jantar. Um mero capricho.

Bosque balançou a cabeça em desaprovação.

Dorsedem Craivita

– Os sulistas são muito complacentes com essas brincadeiras de mau gosto – observou Bosque – se meia dúzia de idiotas vier aqui um dia apenas por brincadeira, eu até toparia brincar de guerra para mostrar a eles o que é perder pedaços.

Os demais ficaram em silêncio com esse comentário. Algumas vezes o silêncio lhe incomodava. Mas não era de todo ruim posar de valente diante de Inundação e Fumaça. Índias se sentiam atraídas por homens fortes e corajosos, ou assim Bosque pensava.

Eles eram amigos há tanto tempo que era quase estranho pensar nelas dessa maneira. Porém, Bosque preferia muito mais ter uma delas como esposa do que casar com uma Floresta desconhecida, mesmo que fosse mais forte e atraente.

Em especial, Inundação particularmente lhe atraía, com seus longos cabelos, com seu sorriso, os seios fartos e quadris largos.

Mas mais do que atração física, a personalidade de Inundação lhe encantava. Ela era uma garota divertida e inteligente e sabia ser travessa quando necessário. De vez em quando ela soltava uns sorrisinhos maliciosos em meio a certas conversas e era perdidamente encantador quando ela e Fumaça riam juntas de alguma bobagem que eles falavam. Era música para seus ouvidos.

Era verdade que já tinha se irritado com as duas muitas vezes, já que eles eram amigos e discutiam frequentemente. Era fácil discordar aqui e ali, mas Bosque não via isso como um problema. Pessoas nunca concordam em tudo, e isso é simplesmente natural.

Na verdade, Bosque já conhecia Inundação tão bem que pedir sua mão em casamento talvez não soasse estranho. Seria quase como um passo adiante na amizade.

Ou será que a amiga ficaria surpresa e estranharia o pedido? Era muito mais fácil casar com uma desconhecida. Principalmente se seus pais arransassem o casamento e lhe poupassem de fazer um pedido constrangedor que poderia resultar numa recusa.

Mas ele era Bosque Sul. Qual mulher do mundo não o desejaria? Ele era poderoso, famoso e influente. Sentia confiança por isso.

Mas ainda tinha um ano para refletir sobre o assunto. O problema era que Inundação atingiria a maioria antes dele. E se ela encontrasse outro cara?

Bosque decidiu parar com os assuntos sérios e tentar passar uma imagem de sujeito descolado e ligeiramente irreverente.

– Vamos falar sobre sexo – começou Bosque – como vocês acham que é? Provavelmente como qualquer outra coisa. Nada importante ou especial.

Porém, a conversa teve o efeito oposto ao que ele esperava.

– Você não sabe como é? – perguntou Raio, estranhando – Qualquer índio da nossa idade sabe.

– A aldeia incentiva que o sexo só seja praticado após a maioria, pois geralmente resulta num bebê, o que seria um estorvo para os estudos – explicou Bosque.

Dorsedem Craivita

– Há outras formas de sexo que não resultam num bebê, como masturbação mútua – explicou Fumaça – você nunca tentou, Bosque?

– Eu estava muito ocupado praticando magia nesses últimos anos – justificou-se Bosque – mas não foi por falta de oportunidades. Sempre há mulheres me cortejando.

Bosque pensou que as amigas considerariam que ele era um bom partido por ter sempre mulheres aos seus pés. No entanto, elas apenas reviraram os olhos e viraram o rosto, num claro sinal de desaprovação.

Bosque percebeu que disse a coisa errada, mas também sentiu um pouco de irritação pela atitude delas. Ele não tinha realmente mentido, pois era evidente que qualquer mulher queria namorar um Bosque. Elas só não tinham coragem de chegar perto, devido ao seu poder e influência.

– Eu tive algum tempo para brincar com isso – disse Tornado.

– Com quem? – perguntou Bosque, como quem não quer nada.

– Com Inundação, naturalmente – foi a resposta de Tornado.

Raio e Fumaça não ficaram surpresos. Provavelmente já sabiam daquilo. Naquele momento, Bosque sentiu-se como se estivesse de fora do grupo de amigos.

Ele não falou nada por um longo tempo. Ficou olhando para o vazio.

– Por que... naturalmente? – perguntou Bosque.

– Porque eu e Inundação estamos noivos – revelou Tornado.

Raio também não expressou reação a essa notícia, como se já soubesse. Fumaça ficou apenas ligeiramente surpresa.

– Bem, acho que já era esperado – observou Fumaça – parabens!

Bosque ficou impaciente.

– Esperem – disse Bosque – por que já era esperado? Vocês estavam escondendo isso de mim há quanto tempo?

– Ninguém estava escondendo – disse Inundação – achei que você já tinha notado.

Os dois se olhavam e sorriam um para o outro mais do que o normal. Bosque achou que fosse apenas impressão, já que Tornado era sempre gentil e atencioso com todo mundo.

Mas Bosque não daria a eles os parabens. Tornado podia até ser mais bonito que ele e era certamente mais simpático. Mas Bosque era mais forte! Por que Inundação não o escolheu em vez de Tornado? Seria o mais óbvio a ser feito.

– Vocês dois são idiotas ou o quê? – perguntou Bosque.

A pergunta foi inesperada.

– Como assim? – riu Tornado, pensando que fosse uma piada.

– Você nem vai ganhar muito dinheiro no seu clã – observou Bosque, por falta de argumento melhor – como espera dar uma vida digna para Inundação?

– Com licença – interrompeu Inundação – vou ganhar dinheiro suficiente no meu clã. Não me interessa quanto dinheiro meu marido vai ter. Não vou me casar por interesse.

Dorsedem Craivita

– Você está criticando a posição dos meus pais? –
questionou Bosque.

– Não foi o que eu quis dizer – defendeu-se
Inundação – se eles decidirem que você deve se casar
com uma Floresta, talvez seja bom. Sua situação é
diferente da nossa. As pessoas ao seu redor se
importam muito com quem você vai se casar. Não
vou criticá-lo de forma alguma.

Assim Bosque ficava sem defesas. Ele preferia que
Inundação tivesse se irritado, para que Bosque a
odiasse e a esquecesse para sempre. Mas Inundação
continuava sendo querida e razoável.

– Todos se casam por interesse – retrucou Bosque,
cansado daquele romantismo sem sentido – talvez
seu interesse não seja o dinheiro de Tornado, mas o
rosto dele, a gentileza ou até o pau.

Inundação fitou Bosque firmemente, estreitando
os olhos.

– Aonde quer chegar? – perguntou Inundação –
Não vou roubar o seu melhor amigo. Vocês dois
podem continuar a se ver sempre que quiserem.
Mesmo após casados, cada um de nós ainda terá certa
liberdade.

Bosque não tinha pensando dessa forma. Será que
ele também estava com um pouco de ciúme por
perder Tornado também? Ele perderia os dois ao
mesmo tempo para aquela coisa estúpida e
ultrapassada chamada casamento.

– Vamos fazer um pacto – propôs Bosque –
nenhum de nós cinco irá se casar. Continuaremos
como sempre estivemos: livres, com uma amizade
mais forte do que nunca.

Os quatro se entreolharam. Será que Bosque estava sendo infantil? Só porque o próprio Bosque tinha certa resistência à ideia de casamento, ele não podia obrigar os amigos a continuarem solteiros por causa dele.

– Eu gostaria de ter filhos – observou Fumaça.

– Então faça bebês! – incentivou Bosque – Mas não se case.

– Na verdade eu e Fumaça também estamos noivos – revelou Raio.

Bosque quase caiu para trás com o susto.

– Vocês estavam planejando me isolar? – perguntou Bosque, chocado – Vocês me odeiam tanto assim?

– Eu acho que você está meio confuso com a situação, Bosque – observou Inundação – todos nós sabíamos, desde sempre, que você casaria com uma moça bem rica, bonita, poderosa e famosa. E nós respeitamos isso. Ninguém está com inveja de você. Vamos ficar orgulhosos e apoiar a sua escolha, seja ela qual for.

– Você são os únicos confusos por aqui – retrucou Bosque – quem está com inveja sou eu. Dos quatro! Vocês vão dar um jeito de manter um pedaço de nossa velha amizade. Para mim não restará nada.

Pensando com mais calma, Bosque escolheu aquilo desde o começo. Ele deixou de sair com o grupo de amigos várias vezes para se dedicar aos treinos de magia, na sua ambição por ser o melhor e manter a sua imagem. Não eram os amigos que lhe isolavam e não lhe contavam as coisas. Ele isolou a si mesmo. Ficava tanto tempo longe que não ficou sabendo nem dos noivados.

Dorsedem Craivita

– Você já tem tudo – disse Raio – então como pode estar com inveja?

– Tenho uma excelente ideia para resolver essa situação – propôs Bosque – o casamento grupal está cada vez mais popular nos dias de hoje. Por que não casamos os cinco?

Inundação riu.

– Bosque, estamos realmente lisonjeados com a sua amizade e ao saber o quanto significamos para você – Inundação sorriu – mas somos quase adultos. Os dias de hoje não estão fáceis para ninguém. Imagine nós cinco morando juntos e tendo um monte de bebês. Quem vai pagar por tudo isso? Precisamos ser práticos.

– Eu fiquei rico após virar Bosque! Posso pagar tudo. Uma tenda grande para todos, a comida, os médicos...

– Não sei como explicar isso – observou Raio – soa como uma ótima ideia, mas talvez eu seja um bastardo egoísta. Não vou estar a fim de dividir a minha esposa. O que acha, Fumaça?

– Eu te amo, Inundação, e te considero minha melhor amiga – disse Fumaça – mas queria manter o meu marido só pra mim.

– Você são um bando de traidores – disse Bosque – vivem falando coisas grandes sobre o quanto somos amigos, mas vocês vão largar facilmente tudo o que construímos por sexo e egoísmo. Talvez essas construções sociais sejam um erro. Eu não acho o casamento natural. Somente a amizade é verdadeiramente livre.

– Nada é verdadeiramente livre – observou Tornado.

Wanju Duli

– Suficientemente livre seria o bastante para mim – disse Bosque – mas se estão tão determinados assim a se casar, poderíamos apenas trocar algumas carícias como despedida.

– Se fumarmos algumas ervas, provarmos alguns cogumelos e chás numa festinha de alegria, eu topo – observou Fumaça – afinal, nenhum de nós está casado formalmente.

– Mas eu quero que me prometam que todos estarão preparados para nossa jornada amanhã até a Biblioteca do Bosque – observou Inundação.

– Eu prometo e respondo por todos – disse Bosque.

Os cinco se levantaram e iniciaram a busca das ervas mágicas e ritualísticas. O que não encontraram nas reservas da aldeia, colheram no bosque.

O passeio pelo bosque foi memorável. Todos trocando fumaça, cantando e dançando. Depois se sentaram para um chá, passando a tigela de madeira num círculo, animados o bastante para trocar alguns beijos e carinhos. E acenderam uma fogueira na noite de cores e luzes.

Falseio minha felicidade e liberdade
Saudade dos idos tempos
Momento de dor e memória
Quero esquecer, quero lembrar
Por ora apenas sentir
O presente ausente do ato
Que gera a vida
Morro enquanto canto
Na noite do fogo e me encanto
Com a tolice do tempo

Dorsedem Craivita

Que se esqueceu de correr
Lento como minha vontade de viver
A vida robótica
Sou mais que isso
Sou menos que isso
Apenas não sou isso que disseram
Uma coisa qualquer
Diferente da coisa alguma
Antes coisa nenhuma
À obediência da ordem que me guarda
Protege e sacrifica
Morrem por mim, mas não vivem por mim
Eles não sabem o que quero
Eu não sei o que quero
Apagou-se a estrela que me rege
Apaguei minha luz e substitui-a pela chama
Que me seduz e que me ama
Mais que esse amor, inventado e lendário
De todos e de ninguém
Não quero estar além da vida
Mas ser somente vida
A existência apagada é superior
Àquela brilhante que cega
Não nega teu ardor pelo sublime
Mas se encante com o louvor do esquecimento
Sou qualquer um para o mundo
Mas sou o mundo para esse qualquer um que sou

Eles pintaram uns aos outros de vermelho, misturando saliva às sementes de urucu. Fizeram desenhos nos rostos, nos seios das garotas, no peito dos garotos, nos genitais de todos.

Linhas, pontos, espirais, um espetáculo de formas. Em meio à fumaça, trocavam mais beijos molhados, lambuzando-se com as línguas, lambendo o corpo inteiro.

Abraços apertados, rolavam na terra, rindo e se divertindo como nunca. Massageando as coxas do outro, cravando as unhas no peito repleto de formas rubras retorcidas.

Eles lambiam e mordiam os mamilos delas. Até que Inundação e Fumaça se abraçaram, apertando os peitos uma da outra. Apertavam tanto até que a outra gritasse e gemesse.

Inundação estava com as pernas abertas e Bosque aproximou-se para fitar de perto sua vagina. Passou os dedos no clitóris, massageando-o intensamente. Inundação dava gemidos altos de prazer. Fechou os olhos e mordeu os lábios.

Bosque abriu mais a vagina dela para apreciá-la como uma obra de arte, suspirando fundo. Meteu um dedo lá dentro e Inundação gritou alto. Ela mordeu os próprios lábios com tanta intensidade que eles sangraram.

Tornado enfiou a língua na boca de Inundação, para limpar o sangue e a saliva. Bagunçou aqueles cabelos profundamente negros e afundou os dedos nas montanhas do peito dela, até escalar o pico.

Bosque enfiou a língua dentro da boceta de Inundação e ela foi à loucura, cravando as unhas nos braços fortes de Bosque. Ele continuou a lambê-la e a beijá-la nos arredores. O cheiro dela lhe enchia de prazer e desejo. Aquele era o único desejo que Bosque sabia ser real.

Dorsedem Craivita

Bosque sentiu um pé com areia arranhando sua coxa. Olhou para trás e percebeu que Raio e Fumaça já transavam com ferocidade.

Largou Inundação por um momento e foi tocar naqueles pés femininos e delicados, mas ao mesmo tempo selvagens e perigosos. Bosque suspirou fundo.

Passou aqueles pés pelo seu peito e pelos seus genitais. Fumaça esmagou o escroto de Bosque com os pés e mexeu os dedos.

Até que Fumaça virou-se e resolveu ficar por cima. Chupou o pênis de Raio, apertou suas bolas e cavalgou-o com vontade. Ela era tão violenta que Bosque sentiu medo e voltou para mexer em Inundação.

Inundação já dominava Tornado completamente, comendo seu caralho com fome e força. Ela também estava por cima. Bosque chegou por trás e apertou as nádegas dela. Aquela bunda grande e apetitosa era mais bela do que todas as paisagens naturais que Bosque já contemplara em sua existência.

Bosque abriu as nádegas de Inundação e contemplou seu ânus. Abriu-o e meteu a língua lá, beijando-o intensamente. Depois disso, enfiou dois dedos.

Porém, Inundação nem notou, ou não reagiu. Estava tão entretida sentindo o cacete do noivo dentro de sua boceta que mal notou a presença de Bosque por trás dela.

Bosque tentou enfiar seu pênis mesmo assim, mas quando não viu reação, desistiu. Em vez disso, voltou para Fumaça, metendo o caralho no meio dos peitos dela.

Por que ele se sentia um intruso no meio dos dois casais? Aquela não era uma orgia de verdade. Ele estava apenas passando de uma para a outra e nunca ficava satisfeito.

Bosque resolveu agarrar Fumaça para valer, arrastando-a para o lado de Tornado e Inundação. Em pouco tempo, Fumaça já estava lambendo o caralho de Tornado. Inundação e Raio estavam chupando os genitais um do outro. Eles apenas trocaram os casais.

Ainda não estavam no clima. Por isso, Bosque foi buscar mais alucinógenos, para que cada um deles esquecesse quem estava agarrando, ou simplesmente não se importasse. Era assim que ele queria: um desejo absoluto, insano e puro.

Em poucos minutos após a erva, os cinco estavam se agarrando ao mesmo tempo, numa dança perfeita e ritmada de pernas e braços enrolados.

Bosque se meteu no meio de Inundação e Fumaça, sentindo os peitos gigantes, de consistência macia e mamilos duros, roçando em seu peito e em suas costas. Ele sentiu que poderia morrer naquela posição e não sentiria nenhum arrependimento. As duas vaginas molhadas dançavam em seus genitais e em suas nádegas.

E foi naquele instante que Bosque teve uma visão.

Ele estava flutuando, circundado por nuvens macias. Enxergou seu mundo lá de cima e declarou: “Eis meu mundo”.

Árvores dobradas em abraços
Rios rolando nas pedras
Tanta demora, tanto sono

Dorsedem Craivita

O sol ainda nasce no horizonte
O bicho do mato se espreguiça
Eriça os pelos, animal da terra
Num mundo de guerra nada sabe
Ele não se importa, mas resiste
Existe assim, apenas por viver
Esse bicho sou eu

Quando Bosque voltou à terra, sentiu um pau no seu cu. Tornado estava por trás dele, abraçando-o com mais força do que Bosque jamais se lembrava. Tornado gemia com intensidade, suspirava fundo e estava suado.

Bosque nunca sentiu a presença do melhor amigo assim, tão fortemente. E sentiu lágrimas nos olhos, não por dor ou por prazer, mas simplesmente pelo abraço.

Naquela noite, Bosque amou Tornado mais do que amava Inundação.

Às vezes apenas uma noite é o bastante.

Tornado desvendou um segredo de seu corpo e assim Bosque desvendou o céu. Um céu repleto de esperma quente que pingava.

A sede de Bosque por conhecimento estava saciada, mas não a sua sede por poder.

Capítulo 7: Livros Molhados

– Por que eles só treparam no final do capítulo? – queixou-se Raimundo – Poderiam ter se comido desde o começo e durante o capítulo inteiro, em vez de conversar sobre destino ou o que seja.

– Também acho – concordou Chico.

Chico não tinha muito interesse por filosofia. Ele admitia que algumas reflexões eram até intrigantes, mas na maior parte do tempo as achava entediadas e por isso quase dormiu em alguns trechos do capítulo.

Ele preferia quando havia sexo e sangue no livro. Ele não podia dizer isso na frente do neto, mas podia falar qualquer merda com Raimundo.

– Eu posso te recomendar alguns sites de putaria para que você não perca tempo lendo esse livro chato e enrolado – sugeriu Raimundo.

– Não tenho computador e mesmo se eu conseguisse um, no momento estou sem luz elétrica, porque não paguei – confessou Chico.

– É uma pena. Notou que estamos atrasados para voltar ao trabalho? Já acabou nosso intervalo há muito tempo.

– O Severino que se foda.

Porém, os dois foram xingados. Receberam uma bronca do chefe de quase meia hora, que os atrasou ainda mais.

Severino deu um longo discurso sobre o quanto os dois eram irresponsáveis e quantas pessoas venderiam a alma para ter o privilégio de ter o

Dorsedem Craivita

emprego que eles tinham. E avisou que na próxima gracinha os dois iriam para a rua.

Chico levou muito tempo para percorrer todo o mapa que recebeu naquele dia. E só não chegou em casa na manhã seguinte porque Fred ajudou-o a terminar tudo.

Chico sentiu um pouco de pena de Fred. Ele ficou pelo menos umas três horas extras, que não precisava, para não receber nada. Teria menos horas de sono naquela noite e voltaria muito mais cansado... por nada.

Quando os dois já estavam indo embora, Chico chamou Fred.

– Valeu por hoje – agradeceu Chico.

– Não foi nada – disse Fred.

– Quer um pastel ou...?

– Ah, não se preocupe.

E Fred sorriu. Fred não parecia tão feio naquele dia. Chico conseguiu entender um pouco porque Fred tinha uma esposa e a manteve por tanto tempo, e Chico não.

Quando Chico voltou para casa, foi se masturbar lembrando de algumas cenas da história. Ele não precisava de uma esposa ou de uma prostituta para se divertir. Apesar de estar sozinho, sentia-se feliz.

Tinha valido a pena voltar atrasado do intervalo do almoço, receber bronca do chefe e terminar o serviço tarde da noite. Dessa forma, ele conheceu mais um capítulo do livro.

Antes de dormir, observou as páginas do capítulo seguinte e espiou as figuras. Não pretendia mais incomodar seu neto ou Raimundo, pedindo para que eles continuassem lendo para ele. Seu neto tinha que

estudar e ele não queria prejudicar Raimundo outra vez e nem ser responsável por sua demissão.

Fred também já tinha lhe ajudado até demais na noite anterior. Por isso, no dia seguinte foi procurar Geraldo, mas somente no final do dia, após todo o trabalho já estar feito.

Comprou quatro pasteis: deu um para Raimundo e um para Fred, que aceitaram com surpresa. Chico explicou que era um agradecimento pelo dia anterior.

– Desde quando você ficou bonzinho? – perguntou Raimundo.

– Só tô sendo precavido – explicou Chico – porque quando eu precisar de outro favor, vocês vão lembrar que sou um cara que dá recompensas.

– “Precavido”? – riu Raimundo – Onde aprendeu essa palavra?

– Eu não sou tão burro quanto você pensa, cara – disse Chico – e nem é uma palavra tão difícil. Nem lembro onde vi, mas isso importa?

– Mas esse pastel é bom pra caralho! – disse Raimundo, com boca cheia – Viva o Seu Zé! É o melhor pasteleiro do mundo.

Chico concordou e se afastou dos dois, caminhando até onde Geraldo tinha parado para descansar após tanto serviço. Deu a ele um pastel, sentou-se ao seu lado e começou a comer o seu.

– Não posso comer, tem muito óleo – disse Geraldo – minha pressão...

– Deixa disso, come aí! – insistiu Chico.

E Geraldo, que estava sendo atentamente observado por Chico, começou a comer.

– Isso é tão bom que comer um só já deve matar – comentou Geraldo.

Dorsedem Craivita

– Essa é a melhor forma de curtir a vida – disse Chico – sabe, eu bebo, mas eu não fumo.

– Cada um escolhe seu veneno – sorriu Geraldo.

– E como vai sua esposa?

– Melhor, obrigado.

– Ótimo – Chico passou o livro para Geraldo – consegue ler?

Após terminar o pastel, Geraldo colocou os óculos e aproximou o nariz da página indicada.

– A letra está pequena, mas acho que consigo ler claramente.

– Poderia ler pra mim?

Geraldo levou um bom tempo para conseguir terminar de ler o primeiro parágrafo, tropeçando em algumas palavras. Chico sentiu que aquela seria uma longa noite, mas estava preparado para ela. Afinal, seria a noite da jornada.

Capítulo 8: A Biblioteca dos Dragões do Mar

Mesmo depois de tudo o que fizeram na noite anterior, todos agiram normalmente no dia seguinte. Já estavam com armas e provisões prontas para a viagem.

Bosque não se lembrava de tudo o que havia acontecido, pelo efeito forte dos alucinógenos. Mas se lembrava o suficiente para pegar a si mesmo fantasiando algumas cenas vez ou outra.

– Você acha que precisamos levar frutas? – perguntou Raio, observando a cesta que Fumaça carregava – Não é mais fácil colher no caminho?

– Se fizermos isso, podemos nos atrasar ou sair da trilha – explicou Fumaça – e não está pesado. Parecem muitas frutas, mas elas vão acabar rápido, pois estamos em cinco.

– O mais importante é levar água – alertou Bosque – alguns lagos daqueles lados estão contaminados. Podemos passar mal se bebermos.

– Honestamente, eu acho que o que não pode faltar é repelente de mosquito – falou Tornado, começando a besuntar o corpo inteiro com a mistura – ou vou passar as duas noites sem dormir. Os mosquitos adoram meu sangue. Já fui devorado vivo várias vezes.

– Como voltou à vida? – perguntou Inundação.

– Com você ao meu lado, posso ser revivido com um beijo – sorriu Tornado.

Dorsedem Craivita

Bosque não sabia dizer se sentia mais ciúme de Tornado ou de Inundação. Era melhor que ele atingisse logo a maioria e se casasse com uma Floresta. Não queria ver os amigos muitas vezes depois disso, ou doeria. A noite vermelha se tornaria apenas um sonho distante.

Eles começaram a caminhar. Andaram e andaram. No começo foram conversando sobre qualquer coisa. Depois se cansaram e ficaram em silêncio até pararem para comer.

Comeram carne, frutas e cereais. Mas só guardaram carne para essa primeira refeição, para que não estragasse. Depois, se quisessem comer carne outra vez, teriam que caçar. De outro modo, podiam se sustentar somente com vegetais.

A caminhada prosseguiu. Bosque e todos os outros índios já estavam acostumados a longas caminhadas. Porém, eles não eram mais crianças. Já não tinham tanta resistência para correr e nos últimos anos, dedicando-se aos estudos de magia, já não tinham tanto tempo para caçar ou passear por aí, e estavam ficando meio preguiçosos e com baixa resistência.

O fim da tarde chegou e a noite começou a cair. Inundação fez um gesto de mão, mandando que eles parassem. Colocou um dedo nos lábios, pedindo silêncio.

– Tem alguém lá.

– Espero que não sejam os índios do norte – queixou-se Raio, fazendo cara feia.

– Quietos – sussurrou Inundação.

– Se for um nortista, não vou me esconder como um covarde – insistiu Raio – vou querer briga.

– Quer calar a boca? – disse Inundação, impaciente – Vamos ver primeiro quem é! E se for um caramuru? Estamos quase fora das fronteiras do Bosque. As possibilidades são muitas.

Eles se esconderam para observar. Ouviram som de passos. Gravetos estalando no chão e o farfalhar de folhas nas proximidades.

Eram dois rapazes e uma moça aproximadamente da idade deles. Estavam com rostos e corpos pintados com símbolos azuis. Usavam muitas penas. A moça particularmente estava coberta de pulseiras, anéis e tornozeleiras.

O índio que vinha na frente parecia ser o líder do trio. Era ainda mais alto e forte que Raio. Tinha o rosto quadrado e expressão compenetrada. Cabelos bem curtos.

O segundo índio era mais baixo, com os braços um pouco musculosos. Enquanto o outro carregava um machado, esse levava uma lança. Os seus cabelos eram ligeiramente longos, quase tocando seus ombros.

A índia que os acompanhava não era nada parecida com uma índia que Bosque já tivesse visto antes. Em primeiro lugar, seus cabelos não eram bem lisos como os das outras índias. Ele tinha trechos ondulados ou até ligeiramente cacheados, e ela dividia a franja de um jeito estranho. Os cabelos eram longos, mas não tão longos quanto os de Inundação. E não eram bem pretos. O tom era mais claro do que os cabelos da maioria das índias, quase um castanho escuro.

Ela tinha outras características peculiares além dessas. Seus olhos não eram pretos ou castanhos

Dorsedem Craivita

escuros como seria de se esperar. Tinham um tom castanho médio e Bosque podia distinguir a pupila negra, se prestasse atenção. Ele achou claramente esquisito.

Além disso, seu tom de pele era moreno claro e não moreno médio como se via por aí. Seus mamilos eram escuros, mas não tanto quanto os de Inundação e Fumaça.

Os peitos eram redondinhos e não eram caídos, embora não fossem tão grandes quanto os de Inundação. Ela quase não tinha cintura e mesmo não sendo gorda, sua barriga era um pouco saliente, com umbigo pra fora.

A princípio, Bosque considerou-a feia, já que não estava acostumado com aquele tipo de beleza. Além do mais, aquela garota era muito barulhenta e parecia aborrecer bastante os outros.

– Estou muito cansada de caminhar – reclamou a moça.

– Ninguém te pediu para vir junto – respondeu o primeiro índio.

– Não querem me carregar? – ela propôs.

– Tu estás tão gorda que eu desabaria se tentasse – disse o mesmo índio.

Ela deu-lhe um soco no braço.

– Da próxima vez te perfuro com um dardo da minha zarabatana – ela avisou.

– Como a cobra que és – completou ele.

Ela soprou o dardo, mas ele escapou em cheio. Ele deu um tapa na cabeça dela.

– Para de encher minha paciência, Montanha! – ele gritou – O quão longe ainda estamos do destino, Vulcão?

O segundo índio desdobrou uma espécie de mapa e, após analisá-lo por quase um minuto, disse:

– Não sei.

– Vocês dois são inúteis.

– Ora, ora, ora! – Tornado interrompeu-os, saindo de seu esconderijo – Há quanto tempo, Relâmpago Norte! Posso saber para onde estão indo?

Os outros quatro também saíram do esconderijo. Todos pareciam conhecer aqueles três, menos Bosque. Ele concluiu que eles deveriam ter se conhecido num dos passeios que Bosque recusou a ir porque estava estudando magia.

O líder do grupo, Relâmpago Norte, observou os cinco com atenção, mas não pareceu muito interessado.

– Não podes saber, Tornado Sul – respondeu Relâmpago, com desagrado – e mesmo se pudesses, eu cobraria uma anta pela informação.

– Estão com tanta fome assim? – perguntou Raio, interessado – Há quantos dias estão viajando?

– Cinco dias – informou Vulcão, prontamente.

– Por que contou a eles assim, de graça? – perguntou Relâmpago.

– Porque é uma informação tão inútil que ninguém pagaria por ela – explicou Vulcão.

– Eu posso pagar por comida, se vocês tiverem alguma coisa – propôs Montanha.

– Quanto? – perguntou Fumaça.

– Posso pagar com meu corpo – explicou Montanha – se me deres três maçãs dessa cesta que estás carregando nas costas, Fumaça Sul, eu transo contigo.

Relâmpago Sul puxou-a pelos cabelos.

Dorsedem Craivita

– Pelos Deuses, te comporta, mulher! O que é tudo isso daí que estás a dizer? Um monte de bosta?

– Sim, um monte! – concordou Montanha, com um sorriso.

– Não sei o que eu tinha na cabeça quando casei contigo. Oh, espere, eu me lembro: eu queria o dinheiro da tua família e o prestígio do teu clã. Ufa, por um momento pensei que tinha enlouquecido.

Tornado caiu na gargalhada.

– Casados? – perguntou Tornado, sem acreditar – Vocês dois? Por que não me convidaram para a festa? Foi no ano passado, certo? Deve fazer uns dois ou três anos que não nos vemos. Eu estava quase com saudade.

– Pois eu devia ter te convidado mesmo – disse Relâmpago – Tu morrerias assim que pisasses no norte e eu serviria a carne das tuas bolas na cerimônia.

– Você teria que lutar pelo direito às minhas bolas, pois elas são disputadas por muitos – observou Tornado.

– Parem de falar bobagem e vamos seguir nosso caminho – recomendou Raio – não percam tempo com esses nortistas.

– Não sou do norte e sim do oeste – disse Montanha.

– Isso explica seu sotaque diferente – disse Inundação – e por que seu marido tem um sotaque parecido?

– Porque vivi no oeste por uns tempos – respondeu Relâmpago.

Bosque nunca tinha visto índios diferentes dos sulistas. Até o modo que eles se vestiam e falavam era outro.

E se eles eram inimigos das tribos do norte, por que seus amigos estavam conversando com eles tão naturalmente em vez de partir para a briga? Quem sabe já tivessem se encontrado tantas vezes para brincar de brigar que já eram quase amigos.

De qualquer forma, uma amizade formal entre eles nunca aconteceria. Eles pareciam se divertir com aquele jogo de ódio. Talvez tivesse algo de bom em ter um inimigo, no final das contas. Podia ser uma motivação para treinar magia. Mas Bosque já tinha tantas outras motivações que mais uma não faria diferença.

– E quem é esse índio com cara de Galho? – perguntou Relâmpago Norte – Nunca vi ele com vocês antes.

Bosque não gostou nem um pouco do xingamento. Por um momento sentiu medo: será que seus traços físicos denunciavam seu clã? Não, aquilo era absurdo. O clã era decidido de acordo com um cálculo arbitrário e maluco que foi desenvolvido para favorecer os ricos na antiguidade, ou foi isso que Mar Sul lhe explicou.

Relâmpago só estava sendo gratuitamente ofensivo. Uma briga barata como aquela era irritante e ao mesmo tempo tentadora demais para largar por aí.

– Se quer saber quem eu sou, não fale comigo – observou Bosque – Lute comigo!

Relâmpago e Montanha riram.

– Sabia que eu posso partir teu crânio ao meio com isso? – Relâmpago mostrou o fio do machado – Tu podes te achar grande coisa, mas se fosses mesmo ficarias em silêncio.

Dorsedem Craivita

Agora foi a vez de Bosque rir.

– Qual é a graça? – perguntou Relâmpago.

– Por acaso estão indo para a Biblioteca do Bosque, senhores? – perguntou Bosque – Porque se estão, precisaremos lutar todos. Somente um grupo passará.

– Podemos simplesmente ir juntos, idiota – comentou Montanha – por que desperdiçaríamos fio de armas e suor com vocês? Estamos cansados e com fome. Se quiserem brigar conosco nessas condições, mostrarão como são covardes.

De fato, seria apenas uma perda de tempo. Bosque cedeu e eles caminharam juntos. Todos sabiam que era apenas questão de tempo até a próxima discussão, que começou no momento de parar para descansar e dividir comida.

O grupo do sul não queria parar tão cedo. Porém, com a chegada da noite, acabaram fazendo uma fogueira e permanecendo por lá.

Montanha parecia muito interessada em Bosque. Enquanto alguns se dividiram para diferentes tarefas, como procurar frutos e água, Bosque ficou para cuidar da fogueira. Montanha se aproximou.

– Tu és diferente – observou Montanha.

– Em que sentido? – perguntou Bosque.

– Num sentido ruim. Teus amigos não são teus amigos.

– Sou muito ocupado.

– Com o quê?

– Quero ficar forte – respondeu Bosque.

Montanha suspirou fundo.

– O que pretendes fazer depois que ficares forte?

– Contentar-me com minha força.

Wanju Duli

Dessa vez Montanha abafou o riso.

– Teu desejo está virado. Não vês?

– Eu acho que ele está certo – insistiu Bosque.

– Tu vives por um futuro inalcançável. Nunca ficarás forte o bastante para te satisfazer. A felicidade e a paz de espírito sempre te escaparão.

– Terei que conviver com esse fato – disse Bosque.

E continuou a cortar um pedaço de galho.

– É mais fácil abandonar a felicidade do que a força?

– O objetivo da minha força não é a alegria e sim a própria força – declarou Bosque.

– Tu queres ser admirado pelos outros?

– Eu quero sentir o êxtase de achar-me forte. Não me importa mais se tem alguém olhando.

– Quero lutar contigo um dia – observou Montanha – com um louco estúpido como tu, obcecado por sensações vazias. Tu me prometes?

– Por que eu faria uma promessa que pode interferir com meus planos do futuro? Já disse que sou ocupado com meus valiosos caprichos.

– Só preciso te deixar puto. Isso será fácil.

– Ninguém nunca viu a minha fúria até o dia de hoje – alertou Bosque.

– E ninguém nunca escapou da minha provocação. Veremos quem será o primeiro se dobrar.

Os outros retornaram e Montanha se calou. Bosque achou ótimo, pois ela falava demais.

A comida foi pouca. Bosque sentia suas energias indo embora. Não devia ter topado aquela aventura inútil. O cálculo da comida deu errado e Bosque odiava quando as coisas não ocorriam conforme sua medida.

Dorsedem Craivita

Surpreendentemente, algumas das conversas ao redor da fogueira foram úteis.

– No oeste nós dizemos que existe ao mesmo tempo destino e arbítrio livre.

– Como pode ser isso? – perguntou Fumaça.

– Não me importo se pode ou não pode – respondeu Montanha – é apenas como fazemos as coisas, e achamos bonito. Vocês não apreciam viver pela beleza?

– Por mais que seja Montanha falando, tem algum sentido – disse Relâmpago – depende do observador. Nós estamos mergulhados no fluxo do tempo e dividimos o passado, presente e futuro. Um adivinho pode escapar desse fluxo e enxergar o destino. Isso não interfere na existência do arbítrio da outra pessoa.

– É uma ilusão de livre-arbítrio, então – opinou Fumaça.

– Não é uma ilusão, porque não afirmamos que quem vê o destino está certo e quem define suas decisões está errado – disse Relâmpago – os dois estão certos, sob diferentes pontos de vista.

– Então tudo ao mesmo tempo existe e não existe. Tudo está ao mesmo tempo certo e errado – disse Tornado, com um sorriso satisfeito.

– Por isso vocês não deviam perder tempo com essas discussões – disse Raio.

– Eu prefiro enxergar com as emoções – disse Montanha – não importa se uma teoria faz sentido ou não. Passo a gostar dela e adotá-la quando há beleza, ou quando vejo beleza.

– Uma vida repleta de elegância seria preferível a uma existência de moralidade? – perguntou Tornado.

– O mesmo vale para a morte – respondeu Montanha – As pessoas querem fazer algo extraordinário em suas existências, como se tornar muito bom em alguma coisa ou ajudar alguém. Mas não é preciso fazer essas coisas de fato. Pessoas podem viver pelas aparências.

– Acho que sei o que vem a seguir – comentou Tornado, divertindo-se com a conversa – você acha que as pessoas só fazem atos bondosos ou se especializam numa área para se gabar para os outros?

– Nós só vivemos enquanto estamos sendo observados – disse Montanha – quando param de nos enxergar, morremos. O segredo de ser imortal é continuar a ser lembrado mesmo depois da morte física. O corpo não é tudo que temos. Podemos viver na mente dos outros, no coração ou no espírito.

– É isso que dizem no oeste? – perguntou Bosque – Pois eu acho que dizem muita bobagem na sua terra. Eu quero ser forte não para me gabar ou ser lembrado. A vida é chata, não há nada para se fazer. Eu apenas escolhi cegamente um objetivo e pouco me importa o que os outros pensam dele. Quero apenas me ocupar para não ficar entediado.

– Tu és um idiota – disse Montanha – amigos servem para completar a vida.

– Com licença – disse Bosque – eu escolho o que eu quiser para completar minha vida ou para deixá-la incompleta. Até prefiro que ela tenha buracos. Quando a vida está cheia fica estagnada e não cabe mais nada.

Raio começou a roncar ao lado.

– Eu posso perfurá-lo e enchê-lo de buracos – sugeriu Montanha.

Dorsedem Craivita

– Eu faria isso no seu cérebro – disse Bosque – para que fique bonito e elegante, como você tanto anseia. Eu apenas acredito que as pessoas são diferentes e buscam coisas diferentes. Então não venha dizer o que as pessoas pensam ou buscam.

– Tu conheces alguém que não deseja a imortalidade? – perguntou Montanha – Quem não o deseja é somente aquele que faz força para se livrar desse desejo e se conforma com a própria mortalidade. Ou se a vida está uma merda tão grande que é uma merda querer qualquer coisa.

– Isso não faz diferença – disse Bosque – eu posso desejar reinar o universo, ser imortal, ter dois macacos falantes. Algumas coisas importam mais para uns do que para outros. Não, não. A busca da imortalidade certamente não é o centro da vida das pessoas.

– Mortalidade é bonito também, mas é uma beleza trágica – disse Montanha – estamos indo até a biblioteca, certo? Por que acha que as pessoas escrevem livros?

– Cada um por um motivo diferente – disse Bosque – eu escreveria um para me livrar de uma ideia chata que me atormenta. E depois o queimaria.

Bosque estava irritado com Montanha porque ela dizia coisas que ele não queria ouvir. Ele queria tornar-se cada vez mais poderoso na magia, mas era odioso acreditar que o seu nobre propósito teria um motivo tão trivial quanto exhibir-se.

Além do mais, ele realmente acreditava que seu conhecimento e poder trariam benefícios para o mundo. Ele gentilmente doaria sua força em prol de

outras pessoas através da magia do bosque. Ele não era misericordioso?

Eles caminharam muito no dia seguinte até chegarem à biblioteca. Bosque não aguentava mais andar com aqueles dois rapazes do norte e com a moça insuportável do oeste. Nem sabia porque tinha aceitado ir até lá, em primeiro lugar.

Ah, sim. Para agradar Inundação, embora já não tivesse chance de se casar com ela.

A biblioteca estava obviamente trancada. Eles se separaram para tentar encontrar um meio de entrar nela sem serem notados. A entrada era fortemente vigiada por homens brancos.

“Esse lugar não é assim tão impressionante quanto diziam” pensou Bosque Sul, bastante desapontado.

Era um prédio grande e largo, mas a pintura branca já estava descascando. Pelas janelas era possível avistar estantes de madeira com livros coloridos empilhados.

Bosque subiu numa árvore. Rodeou o local algumas vezes. De que adiantava? Mesmo que pusessem as mãos num dos livros não seriam capazes de desvendá-lo.

Ele repousou uma das mãos na janela. Estava perto, mas totalmente inacessível.

Ele queria conhecimento. Precisava aguardar que os mestres da aldeia lhe ensinassem. Com livros poderia desvendar uma boa parte por si.

Mas será que ele precisava mesmo de todos aqueles papéis grudados repletos de símbolos repetidos?

Não era preciso muita coisa para viver.

Dorsedem Craivita

Bosque fechou os olhos. Ele queria escapar para bem longe. Num mundo em que não seria julgado. Não precisaria mais estudar magia ou provar para ninguém que era digno do nome de seu clã. Não seria forçado a se casar e a ter filhos. A admirar livros poderosos por trás de um vidro, que jamais seria capaz de entender.

Havia mundos dentro de mundos. Alguns desses mundos detinham o poder. E aquele poder era os livros.

Bosque escutou um estouro. Era o som de uma espingarda.

Ele correu em direção ao som, mas o segundo disparo o fez recuar.

Já tinha ouvido falar nas armas dos homens brancos. Eles as construíram com conhecimento. Exatamente coisas que escondiam nos livros.

Bosque congelou. Tremeu com os próximos disparos. Não queria morrer de uma forma tão estúpida como essa, e sim numa batalha de magos.

Eles eram proibidos a usar magia contra os caramurus. Se o fizessem, seriam executados pela sua própria tribo. Afinal, uma briga com eles poderia ocasionar uma guerra gigantesca. E se os caramurus descobrissem o quão extraordinários eram o conhecimento e a magia dos índios, iriam desejar arrancá-los deles.

Bosque viu dois índios surgirem de repente e o puxarem com violência. Eles correram e Bosque se deixou arrastar.

Quando atingiram uma clareira, longe o suficiente, Bosque já sabia de tudo ao fitar os olhos deles.

– Volta para tua tribo, sulista – disse Relâmpago.

– Tiveste apenas sorte – comentou Montanha – poderia ter sido tu.

– Eu sou um Bosque! Jamais teria sido eu.

Por um breve momento, Bosque pensou que os dois tivessem ficado impressionados com a revelação. E talvez tivessem. Mas isso acabou no segundo seguinte.

– Para os dragões, nós somos apenas lixo – informou Montanha – e não há diferença entre nós.

– Eu não quero ser lixo – disse Bosque, com desprezo.

– Então volta e os mata, mas morrerás depois, seja pelas mãos deles ou pelas de nosso povo – disse Montanha – ou te torna um deles.

Ser um poderoso entre o lixo ou ser um lixo entre os poderosos?

– Eu não quero mais poder – disse Bosque, em desespero – não quero mais povo! Só quero... alguma coisa que não sei. Mas a quero tão desesperadamente!

Bosque ajoelhou-se e chorou.

Capítulo 9: Poder Sobre Mim

– Muito obrigado, Geraldo!

Chico estava muito satisfeito por ter completado mais um capítulo do livro. Precisava pensar para quem pediria ajuda no dia seguinte. Por enquanto, iria refletir sobre a história até então.

Por que Bosque Sul queria tanto poder? Dizem que essa é a maior tentação do ser humano. Até maior do que coisas como riqueza, fama e beleza.

Chico não ligava para beleza, até porque no momento não tinha nenhuma mulher para agradar ou para criticar-lhe a aparência. Contanto que seguisse as regras de vestimenta no trabalho, no resto do tempo poderia vestir qualquer trapo e não dar satisfação para ninguém.

Fama soava interessante, mas Chico não ligava para ela tampouco. Não fazia questão de ser o centro das atenções. Pensando melhor, fama poderia se tornar uma pedra no sapato.

Poder? Ser o chefe dos garis ou o chefe de si mesmo lhe daria mais liberdade, mas também mais preocupações. Quem sabe fosse melhor deixar as coisas como estavam.

Riqueza era a única coisa que ele realmente queria. A falta de dinheiro parecia ser o problema central da sua vida. E nem seria tão exigente. Se ganhasse pelo menos o dobro do seu salário, que nem era grande coisa, já ficaria em paz e não pediria por mais nada.

Ou será que isso era uma mentira? Quem sabe desejasse cada vez mais dinheiro e, quando o tivesse sobrando, começasse a desejar outras coisas que não precisava.

Pensando dessa forma, conseguia entender a inquietação de Bosque. Ele já tinha poder, e queria mais. Não iria sossegar até ser o melhor.

E, apesar de ser assim tão forte, no momento em que avistou pela janela os livros da biblioteca sentiu-se impotente. Bosque não admitia ser fraco em alguma coisa, mas ali estava um conhecimento que ele não alcançava.

Chico não sabia ler e se lembrava de diversas situações ao longo de sua vida em que isso lhe trouxe problemas. Ainda assim, ele resistia em aprender. Daria muito trabalho. Além do mais, lhe faltava o tempo e o interesse. Ao sair do trabalho, queria apenas dormir e descansar. Não lhe sobrava energia e disposição para uma atividade tão árdua.

Havia outro elemento que tornava Chico e Bosque parecidos: Chico se achava um ser humano melhor do que muitas pessoas ao seu redor. Algumas pessoas que conhecia podiam ser mais inteligentes, mais bonitas ou ricas. Até mais gentis. Ainda assim, Chico se sentia melhor que elas. Por quê?

Ele pensava que via coisas que ninguém mais via. Enquanto todos apenas vagavam pelo mundo, ele estava vivo. Sofria como poucos, era vítima dos males da sociedade, como dizia Severino.

Mas naquele dia Chico enxergou-se como qualquer outro. Bosque se achava especial, mas ele não era especial coisa nenhuma. Era apenas um chato

Dorsedem Craivita

metido. E se Bosque não era nada, muito menos Chico.

Chico adoraria conversar com Bosque e dizer-lhe o quanto eram ao mesmo tempo tão diferentes e tão semelhantes. Mas como conversar com ele, se Bosque não tinha corpo?

Chico não rezava para Deus todas as noites? Então podia haver um modo de comunicar-se com Bosque.

Porém, a prioridade de Chico era finalizar a leitura do livro. Ainda faltavam alguns capítulos, mas não muitos. Chico sentiu que conseguiria.

No outro dia, quando comprou um pastel de carne no almoço na banquinha do Seu Zé, ainda lutava pelo desejo de pedir para outro colega de trabalho ler-lhe o livro.

– Tá aqui seu troco, sinhô.

– Valeu, Seu Zé. Eí, você tem algum estudo?

– Oi?

– Você foi pra escola quando menino?

– Larguei na terceira série. Não, na segunda. Ou...

– Consegue ler isso?

Chico entregou-lhe o livro e Seu Zé observou com curiosidade.

– Muito grande – Seu Zé devolveu-lhe.

– Pode ler esse capítulo pra mim? Só esse...

– Tô trabalhando, sinhô.

– Pode interromper quando vir alguém comprar pastel.

O lugar não era muito movimentado. Seu Zé, ainda sem entender o que estava fazendo, e por que, iniciou a leitura em voz alta, tropeçando em algumas palavras, mas mantendo o passo firme.

Capítulo 10: A Honra de um Homem

Bosque Sul estava com 39 anos, casado e com dois filhos. Sua esposa era Floresta Sul, com quem teve um casamento arranjado por seus pais. Seus dois filhos eram Brisa Sul, de 18 anos, e Lago Sul, de 17.

Bosque tinha uma vida feliz, mas não estava satisfeito. Considerava Floresta uma boa companheira, mas não sentia nada especial por ela. Amava seus filhos, mas sentia que teria sido capaz de continuar sua vida sem tê-los.

Ele continuava dedicado a seu treinamento de magia, mas não possuía a obsessão e empolgação dos velhos tempos. Às vezes saía de casa com a desculpa do treino apenas para fugir da presença da mulher e dos filhos e ter a ilusão da liberdade.

Sabia que não dava atenção suficiente para Floresta e era um fracasso como pai. Mas o que podia fazer? Aquela não era a vida que ele queria.

Bosque recordava com saudades do tempo em que se aventurava com os quatro amigos na juventude. Se soubesse que eles morreriam daquela forma estúpida, proibidos de usar magia para se defenderem, teria saído com eles mais vezes.

Se tivesse se casado com Inundação talvez tivesse a vida que queria. Não teria se importado em casar se fosse com ela.

Ele não vivia para si. O objetivo da sua vida era atender às expectativas dos outros: ter o poder de um Bosque; ser um bom pai e um bom marido.

Dorsedem Craivita

Bosque estava cansado de tudo isso e queria desaparecer. Sumir daquele lugar, para bem longe. Para outra aldeia? Para o norte? Leste? Oeste? Além dos limites do país?

Sentiu que poderia morrer de tédio a qualquer momento se não partisse numa jornada. Em apenas um ano seria seu ritual de maturidade e ele poderia optar pelo caminho da apoteose e tornar-se um Deus. Mas de que adiantaria? Até mesmo aquele parecia um objetivo tolo. Tornar-se um Deus dentro das tradições de seu povo poderia até dar-lhe poderes de proporções divinas do lado de fora, mas Bosque jamais seria o Deus de si mesmo dessa maneira.

Em meio a pensamentos, numa tarde começou a caminhar. E andou tanto que chegou à aldeia vizinha.

Bosque recordou-se daquele lugar com alegria e sentiu-se uma criança outra vez. Como era bom pisar naquela terra! Era tão perto da sua aldeia, mas nunca ia para lá. Não se lembrava que o local era tão bonito.

Mudar-se para lá não parecia uma má ideia. Será que isso acalmaria seu coração? Floresta provavelmente ia reclamar da ideia, assim como reclamava de tudo. Como era detestável não poder fazer o que desejava sem dar satisfações! Os filhos também não iam querer se mudar, porque tinham as lições de magia em sua aldeia natal. Bosque não via a hora de os filhos atingirem logo a maioridade, para se livrar deles.

– Bosque?

Ele virou-se. Uma mulher mais ou menos da sua idade lhe dirigiu a palavra.

Bosque nunca viu mulher mais linda em toda sua vida.

Olhos e cabelos negros. A franja graciosamente cobrindo-lhe os olhos e as madeixas caindo-lhe sobre os ombros.

Os seios eram estonteantes, pendendo para os lados, com mamilos grandes e escuros. Mas o que mais lhe encantou foram os lábios: grossos, com o lábio superior ligeiramente escurecido.

Ela tinha um olhar inocente e um rosto delicado. A carne delineava seus quadris de uma forma perfeita. Coxas grossas. Pés com dedos brincalhões, enterrados na areia.

Ela deu um leve sorriso e Bosque derreteu-se no mesmo instante.

– Flor? – perguntou Bosque, confuso.

Flor cobriu a boca com as duas mãos, encantada. Os olhos brilhando.

– É você mesmo! Por favor, me siga. Quero te mostrar uma coisa.

Ela tocou em sua mão. Bosque sentiu um arrepio e seguiu-a de bom grado. Ela corria como se estivesse prestes a mostrar-lhe o maior tesouro do mundo. Mas para ele o maior tesouro era aquela bunda que balançava.

Até que chegaram num imenso campo de flores. Bosque não ligava muito para flores, mas a beleza do campo realmente deixou-o impressionado.

Flor colocou os braços para trás, virando-se para Bosque. Depois ergueu as mãos para o céu.

– Esse é meu lugar favorito. No mundo inteiro!

Apenas ao olhar para ela, Bosque tinha certeza de que Flor jamais havia deixado a aldeia. Ainda assim, ela dizia aquilo com convicção.

Dorsedem Craivita

– Eu plantei algumas dessas flores, mas as abelhas fizeram a maior parte do trabalho – informou Flor, sem nunca parar de sorrir – você não se sente feliz nesse lugar? Não sente que pode se tornar qualquer coisa? Todos os seus desejos podem se tornar realidade!

Bosque fechou os olhos por um momento e sentiu a brisa.

– Estranhamente, quando estou aqui todos os meus desejos desaparecem – confessou Bosque.

– Exatamente! Só queremos continuar aqui, não é mesmo? Sinto que sou a pessoa mais feliz do universo. E as estrelas! Ah, Bosque, as estrelas! Você devia ver esse lugar quando anoitece. Há tantas estrelas no céu quanto há flores no campo.

– Eu sei. Vejo as estrelas da minha aldeia.

– Não como aqui. É simplesmente diferente. Nesse lugar você pode se deitar, rodeado por vaga-lumes.

– Há vaga-lumes nesses lados? – perguntou Bosque, meio surpreso.

– Às vezes.

– Quero ver – disse Bosque – pode me acompanhar aqui essa noite?

– Não sei – respondeu Flor, surpresa – meu marido vai me esperar para a sopa.

– Deixe que espere – falou Bosque – nós somos velhos amigos de infância e temos muito que conversar.

Apesar de só terem se visto uma vez quando eram crianças, Bosque não queria mais sair de perto de Flor. Ele sentia que a amava muito mais do que jamais amou Inundação.

Flor era adorável! Meiga, doce, gentil. E sua aparência linda condizia perfeitamente com sua personalidade.

Os dois se sentaram perto das flores. Flor de vez em quando fitava Bosque com um sorrisinho e depois baixava os olhos. Bosque se derretia vendo aquela timidez tão suave.

– Conte-me tudo – disse Flor – o que tem feito da sua vida?

– Não muito – disse Bosque, virando o rosto – tornei-me forte, mas não tanto quanto gostaria. Não chego nem perto dos mais fortes. Acho que cometi deslizes no meu treinamento.

– Ah, com certeza é melhor que eu – riu Flor – não sei fazer nada, apenas plantar flores. Larguei o treinamento de magia quando tinha 12 anos. Estava muito cansada. Então tornei-me uma florista! Eu planto flores, cuido delas, canto para elas. Sei cozinhar, mas só sei fazer sopa. Meu marido não aguenta mais! Por isso nós dois nos revezamos e ele cozinha muito melhor que eu. Ele é apenas um bobo, mas eu o amo.

Bosque não podia acreditar que Flor fosse tão perfeita. Parecia que não existiam limites para sua graciosidade. Ela parecia doce e desastrada, totalmente sem talentos. Só sabia rir e falar de flores, como uma criança.

– Todas as minhas quatro irmãs foram mais bem sucedidas do que eu – confessou Flor – uma delas até se tornou Deusa. Quero dizer, é muito legal ter uma Deusa como irmã, não acha? E você? Como vai seu irmão?

Bosque sentiu um aperto no coração.

Dorsedem Craivita

– Bem, eu acho... ele partiu para longe, faz tempo que não o vejo.

– Isso é uma pena.

– Foi você mesma quem fez essas pinturas?

– Acho que sou boa nisso também. Você gostou?

– Adorei.

O corpo de Flor estava repleto de pinturas tribais, feitas com tinta marrom. Havia algumas pinturas nos braços e na barriga. Bosque ficou enlouquecido olhando os desenhos nas coxas dela.

Eles conversaram mais conforme anoitecia. E quando a noite caiu completamente e os dois fitavam as estrelas, Flor levantou-se.

– Preciso ir. Meu marido deve estar preocupado. Foi um prazer vê-lo de novo, Bosque. Cuide-se.

Mas quando ela se virou para partir, Bosque puxou-a pelo braço.

– Por favor, não vá, Flor. Preciso de você.

– O que aconteceu? – ela perguntou, preocupada.

– Aconteceu algo irreversível – respondeu Bosque – e você causou isso.

Flor fez uma expressão de preocupação ainda mais profunda. Bosque sentiu pena daqueles olhos arregalados e perdidos. Tomou-a nos braços e apertou-lhe num abraço. Sentiu os seios dela pressionados contra seu peito.

– Vamos fugir juntos – disse Bosque.

– E a sua esposa? – perguntou Flor, surpresa – E seus filhos?

– Meus filhos já estão bem grandinhos para se virar sozinhos – respondeu Bosque – e seus clãs irão acolhê-los se for necessário. Minha esposa parece ter se entediado de mim após todos esses anos. Aposto

que ela ficará contente de não me ver em casa para incomodar.

– Isso não é verdade – disse Flor – não a abandone. Ela precisa de você.

– Eu preciso de você muito mais – disse Bosque – minha vida estava vazia e odiosa. Pensando bem, minha vida sempre foi assim. Somente você pode salvá-la.

– Bosque... eu tenho uma vida também.

– Mas quanta lealdade com seu marido! Quero conhecer esse homem de sorte. Onde ele está?

– Em casa.

– Sou um convidado para o jantar de hoje?

– Se quiser.

E Flor conduziu-o até a sua casa. Bosque entrou lá com um sorriso no rosto.

– Boa noite!

– Olá – respondeu o marido, sorridente, mas meio confuso.

– Esse é Bosque, um amigo de infância – apresentou Flor.

– É um prazer conhecê-lo! – cumprimentou o marido, com alegria.

“Por que está tão alegre, babaca?” pensou Bosque, sem deixar a empolgação de lado.

– E o senhor seria...? – perguntou Bosque.

– Pirilampo Sul – respondeu o homem.

“Um dos de nível mais baixo, como eu esperava” constatou Bosque, satisfeito.

Pirilampo estava preparando o jantar. Flor foi ajudá-lo. Bosque acomodou-se à vontade. As crianças chegaram da rua.

– Mãe, a janta tá pronta?

Dorsedem Craivita

– Quem é esse homem estranho?

– É um amigo da mamãe, queridos.

E todos jantaram com animação. Bosque percebeu que os dois formavam um casal muito feliz. Isso irritou-o ainda mais. O marido dela era realmente simpático. Parecia uma versão feminina de Flor: desajeitado e ingênuo.

No final da janta, Bosque perguntou:

– Será que vocês tem uma corda?

Pirilampo foi buscar uma.

– Sou muito bom na arte de fazer nós. Em troca do jantar, gostaria de demonstrar minha habilidade – declarou Bosque.

E amarrou o marido, com os melhores nós que conseguiu fazer. Ele não era capaz de mexer os braços ou as pernas.

– Impressionante! – elogiou Pirilampo.

– Quer me acompanhar para fora? – perguntou Bosque – irei mostrar outro truque.

Quando saíram, Bosque escalou uma árvore, carregando Pirilampo, que era baixinho e magrelo como um graveto.

– Obrigado por tudo, Flor – agradeceu Bosque – acho que vou ficar com seu marido para que ele me ensine a cozinhar. Até mais!

E Bosque foi saltando de árvore em árvore, como um macaco.

Flor ainda ficou confusa por um momento, parada lá embaixo.

Ao perceber que havia sido raptado, Pirilampo entrou em desespero.

– Por favor, senhor, eu faço qualquer coisa – disse Pirilampo, nervoso – não quero ser devorado vivo.

– Não se preocupe – tranquilizou-o Bosque – eu só irei te colocar no alto de uma montanha. Os abutres farão o resto depois que você morrer de fome.

Pirilampo começou a chorar, implorando para ser solto, dizendo que tinha uma esposa e filhos para criar.

– Eu sei, cabeça de vento – falou Bosque – acabei de jantar com a sua família. Prometo-lhe que irei cuidar bem dela quando você se for.

– Muito obrigado, senhor!

“Esse paspalho está mesmo me agradecendo?”

Era inacreditável. Não devia haver um pingo de magia nele. Era uma presa fácil.

Bosque usou magia para escalar uma montanha, combinando galhos e vento. Quando já estava quase no alto, agarrou algumas nuvens e impulsionou-se para cima.

Pirilampo estava impressionado. Nunca havia visto uma alta magia desse nível ao vivo. Bosque já estava de saco cheio da alegria do homem. Ele não tinha entendido que iria morrer?

Ao chegarem ao topo, Bosque chutou-o para o lado e deitou-se para relaxar. Pegou a sua faca e começou a lascar alguns galhos, para fazer armas.

Quando terminou, enfiou uma lança na coxa de Pirilampo, que deu um grito agudo.

– Se você sangrar, as aves virão mais depressa – explicou Bosque – você irá sofrer menos. Agradeça-me.

– Obrigado, obrigado...

Dorsedem Craivita

Bosque estava começando a ficar com nojo. Será que não havia limites para o quanto uma pessoa pode ser patética?

– Se eu posso perguntar, senhor... por que faz isso? Você é do norte ou...?

– Sou do sul, como você – respondeu Bosque, prontamente – sou da aldeia vizinha. Quero me livrar de você, para poder comer sua mulher.

Dessa vez, Pírilampo ficou espantado.

– Ela não vai aceitar – disse Pírilampo, com segurança – afinal, você será meu assassino.

– Você superestima as mulheres – disse Bosque – elas amam o poder, e eu tenho poder. Sou um Bosque e um mago! E tenho dinheiro. Com o tempo ela se esquecerá do que aconteceu e será inevitavelmente seduzida pelo meu charme.

– As crianças...

– Se elas quiserem te vingar, eu as matarei – disse Bosque.

Pírilampo chorou.

– Por favor, poupe as crianças...

Bosque chutou o rosto dele.

– Reacomponha-se, homem! Pare de se lamentar e tente se salvar. O que sabe fazer além de cozinhar? Nada! É por isso que você é fraco e sou forte. Ficou com preguiça de estudar magia e agora não encontra conforto na morte. Pobre infeliz!

– Posso te ensinar a cozinhar...

Bosque revirou os olhos. Ele não sabia cozinhar muito bem, mas se aceitasse a oferta de Pírilampo teria que soltar seus braços e ele poderia dar um jeito de escapar.

Dois dias se passaram. Bosque estava ficando com fome. Pirlampo garantia que era capaz de fazer uma refeição maravilhosa com os vegetais ralos das proximidades.

Finalmente, Bosque cedeu e deixou que Pirlampo preparasse uma refeição. Pirlampo colheu alguns vegetais frescos e cogumelos. Fez uma tigela com um tronco oco e ferveu água. Em poucas horas, a sopa estava pronta.

Bosque comeu a sopa com gosto e prendeu Pirlampo outra vez. Não permitiu que ele sequer provasse a comida.

Após descansar, com a barriga cheia, Bosque desatou a rir.

– Você é, sem sombra de dúvida, um completo imbecil – garantiu Bosque – sei bem que há cogumelos venenosos aqui em cima, embora eu não saiba distinguir os bons dos ruins. Você deliberadamente colheu apenas os bons para mim. Por quê?

– Um cozinheiro pode socar seu adversário, de maneira digna – explicou Pirlampo – mas jamais irá envenenar alguém, tirando proveito do desconhecimento dos ingredientes usados na comida.

– Sua nobreza me enoja. Você se acha mesmo bondoso? Acha que alguém irá lhe recompensar por tanta bondade, nessa terra ou em outros mundos?

– Não – ele baixou a cabeça – eu posso ser um tolo, mas não sei ser nenhuma outra coisa.

Quando caiu a noite, Bosque dormiu. Com os primeiros raios de sol pela manhã, ouviu um barulho que lhe acordou. Ele saltou e segurou sua lança.

Dorsedem Craivita

Havia uma mulher de uns quarenta anos na sua frente. Sua pele morena reluzia aos raios de sol. Seu corpo suado era perdidamente tentador. Havia alguns ferimentos em suas mãos e pés.

Ela tentava recuperar o fôlego. O queixo de Bosque caiu. Flor havia mesmo escalado aquela montanha em apenas três dias, sem o auxílio de magia?

– Bosque... onde está o meu marido?

Ela viu o homem amarrado e sem forças, com alguns ferimentos abertos. Ela tapou a boca com as mãos.

Porém, Bosque não permitiu que ela se aproximasse.

– Para pegá-lo de volta, terá que atravessar essa lança no meu coração.

– Por que está fazendo tudo isso? – perguntou Flor.

– Porque estou com inveja dos sorrisos de vocês por essa vida simples e inútil – respondeu Bosque – esse conformismo gratuito e sem sentido. Quero arrancar tudo isso para sempre.

Flor retirou um buquê de flores de dentro da cesta em suas costas.

– Esse é um presente.

E ela ofertou o buquê a ele.

Bosque segurou-o com cautela, com medo que houvesse espinhos. Temeu que ao inspirar o odor das flores morresse com um ar envenenado. Mas apenas o perfume preencheu suas narinas e Bosque ficou em paz. Eram flores daquele campo; a seleção das mais belas.

– Por que tem tanto medo assim? – perguntou Flor – Da vida e de todas as coisas.

– Eu matei meu irmão – confessou Bosque – e matei meu mestre. Não é natural que eu viva com temor que uma faca me apunhale pelas costas?

– Então você não vive – concluiu Flor – só está morrendo pouco a pouco, desde aquele dia. Perdoe a si mesmo e comece a viver pela primeira vez.

– Maldita seja! Leve seu marido daqui e voltem a viver suas vidinhas miseráveis.

Flor correu para salvá-lo. Soltou as cordas e ambos se abraçaram.

– Saiam – mandou Bosque.

E eles iniciaram o longo caminho de retorno, descendo da montanha com cuidado. Bosque sabia que com Pírilampo machucado daquele jeito eles não iriam longe. Os dois estavam cansados e famintos.

Bosque brincou com algumas magias lá em cima e, um dia depois, percorreu a montanha em cima de uma nuvem, para tentar encontrar o casal. Avistou os dois cadáveres esmagados contra uma rocha. Deviam ter tropeçado em algum ponto. Morreram abraçados.

Naquele instante, a montanha se moveu. A rocha adquiriu a forma de uma mão, que agarrou o casal morto. A base da montanha transformou-se em duas pernas longas. Até que uma gigantesca mulher de rocha levantou-se do lugar onde antes era a montanha.

– Montanha Oeste – cumprimentou Bosque, satisfeito – o que está fazendo no sul?

– Estou de férias – respondeu Montanha, com uma voz profunda.

Dorsedem Craivita

– Vejo que já se transformou em Deusa. E onde está o traste do seu marido?

O céu ribombou e tornou-se cinzento. Um raio quase atinge o local em que Bosque repousava.

– Bom dia, Relâmpago Sul – cumprimentou Bosque – a que devo o prazer da visita?

– Estamos apenas de passagem – informou Relâmpago – não te incomoda.

– Foi você quem os matou, Montanha? – perguntou Bosque.

– A estupidez deles os matou – respondeu ela – eles eram apenas fracos para sobreviver num mundo repleto de Deuses.

– Assim como os teus quatro amigos – completou Relâmpago.

– O que tem eles? – perguntou Bosque, desconfiado.

– Naquele dia, na biblioteca, eles não se defenderam apenas por obediência à proibição de usar magia diante dos dragões do mar – explicou Montanha – eu os enganei dessa maneira.

– Não compreendo – disse Bosque – eu escutei os tiros.

– Eu roubei aquela espingarda – disse Montanha – e atingi todos eles de cima de uma árvore.

– Isso não faz sentido – disse Bosque – o amigo de vocês, Trovão, também morreu!

– Um acidente infeliz – confessou Montanha – minha mira não é assim tão boa. Não tive muito tempo para treinar.

– Então você matou meus amigos, Montanha – pronunciou Bosque, com desagrado – e Relâmpago foi cúmplice.

– Por que essa reação? – perguntou Montanha – Tu terias matado tua amiga de infância. Não vejo porque terias hesitado em matar teus melhores amigos. Tu adoras remover todos os obstáculos no caminho da tua força.

– Eu teria feito isso para salvar o mundo – declarou Bosque.

Montanha não conseguia parar de rir.

– Estás louco?

– Talvez – confessou Bosque – mas não há algo de belo na minha loucura?

– Eu verei algo de belo no teu cadáver sorridente. Oh, Bosque, estou tão desapontada! Pensei que serias tão mais forte nesse momento.

– Eu estava cansado – confessou Bosque – do treinamento, das pessoas, da vida.

– Todos estamos – falou Montanha – então onde está a tua fúria?

– Não há mais nada nesse mundo que eu ame o suficiente para chorar – disse Bosque.

– Esse é um presente – disse Montanha – bem melhor que flores.

Montanha fez cair do céu duas cabeças decepadas. Bosque arregalou os olhos.

– Papai e mamãe! – exclamou Montanha, com alegria – E então? Estás furioso agora?

Bosque sorriu.

– Montanha, eu tenho pena de você – falou Bosque – vai se dar todo o trabalho de me matar, sendo que só tenho mais um ano de vida.

– Por quê? – ela perguntou.

– Tenho em meu peito o coração do meu irmão, que eu assassinei. Morrerei na minha cerimônia de

Dorsedem Craivita

maturidade, por uma maldição que meu mestre lançou em mim.

– Onde está o teu mestre?

– Matei.

O corpo imenso de Montanha jogou-se no chão de tanto rir. Bosque quase caiu lá embaixo, pois estava apoiado no corpo de pedra.

– Eu pensava que eu era uma mulher terrível – declarou Montanha – mas eis que diante de mim está um autêntico vilão. Não, Bosque. Tu não tens coração nenhum; nem o teu e nem o do teu irmão. Tens uma pedra pulsando no peito. Até mesmo eu, que sou feita de rocha, fico boquiaberta diante de rocha tão dura.

– Pare – disse Bosque – estou apenas atendendo a expectativa dos meus pais e da sociedade. Eles queriam que eu fosse forte. Que tivesse o poder de um Bosque.

– Pois vê só como teus pais estão felizes com o que te tornaste – ela apontou para as cabeças.

– Acho que estão mesmo – falou Bosque – eles estão dançando!

Bosque segurou as cabeças e começou a jogá-las para cima, como quem lança laranjas. Ria como um louco enquanto o fazia.

Montanha dobrava-se de tanto rir.

– Eu te amo, Bosque! – exclamou Montanha – por favor, te casa comigo!

– Ei, ei – reclamou Relâmpago – eu ainda estou aqui.

– Que acha de um divórcio, meu paõzinho de milho? – propôs Montanha.

– Até que enfim – falou Relâmpago – assim poderei me casar com a Nuvem Norte, que tem peitos maiores.

– Bosque, eu peço tua mão em casamento – declarou Montanha.

– Não estou a fim – disse Bosque.

– Por que não?! – rosnou Montanha.

– Você é mestiça. Já notei isso faz tempo. Tem traços de caramurus, com teu cabelo enrolado e tua pele mais clara.

– Minha mãe é uma índia do oeste – explicou Montanha – e meu pai é guardião da biblioteca.

– Isso explica onde conseguiu a espingarda – disse Bosque.

– Meu pai já leu livros para mim, com feitiços antigos – revelou Montanha – e adivinha só? Tenho mais presentes de casamento.

Montanha abriu uma nuvem com seus dedos de pedra e de lá caíram mais três cabeças: a de Floresta, a de Brisa e a de Lago.

Bosque afundou a cabeça de Floresta com o pé, rangendo os dentes.

– Mulher ciumenta! – berrou Bosque – Me deseja tanto assim?

Montanha virou mulher outra vez. Bosque caiu na terra e gritou, com as costas feridas. Montanha deitou-se por cima dele. Deu um beijo nos lábios de Bosque. Ele tentou se desvencilhar dela, mas Montanha agarrou-lhe o pênis e apertou-o.

Bosque puxou os cabelos dela, até que arrancou-lhe uma mexa. Montanha ficou possessa, decepou o pau dele e jogou-o longe.

Dorsedem Craivita

Bosque deu uma gargalhada aguda e longa, de dor, desespero e contentamento. E cantou assim:

Vai lá, pode matar
Meu pai, minha mãe
Esposa, filhos, amigos
Mas não encosta naquilo
Que me faz homem
Ou conhecerás
A fúria de Bosque Sul
Mulher filha da puta
Te desafio pra luta
Confio no gosto desse céu azul
Palco perfeito para o funeral
Não sou mau, e nem estou de luto
Estou apenas puto
E para apaziguar minha mazela
Irei matá-la, cadela!

A honra de um homem em defesa de seu cacetão.
Nunca houve e jamais haverá batalha mais honrosa
no mundo.

Capítulo 11: A Festa de Aniversário

– Aí está um livro divertido.

– Pois é, Seu Zé.

Chico estava muito satisfeito. Seu neto já tinha lido para ele o capítulo seguinte: “A Fúria de Bosque Sul”. Portanto, só faltava a leitura do capítulo final.

E enquanto pensava em quem seria seu último leitor, Chico levou um susto: tinha estendido o intervalo do almoço outra vez e chegaria atrasado para o trabalho.

Foi se desculpar com o chefe.

– Perdão, chefe. Aconteceu um imprevisto.

– Rua – disse Severino, sem olhar para Chico.

– Mas...

– Acha que tenho cara de idiota? E que não vi você comendo pastel e rindo com Seu Zé, como um babaca?

– Juro que era algo importante.

– Não me interessa! – gritou Severino – Não sabe quantas pessoas gostariam de ter o seu emprego? Já tenho alguém para te substituir hoje mesmo. E agora tira esse traseiro gordo da minha frente e vá colocá-lo em outro lugar.

Chico ficou irritado e desapontado, mas apenas saiu. Em vez de acompanhar a fúria de Bosque Sul, estava assistindo ao espetáculo da fúria de Severino, que gostou muito menos.

O que se seguiu nas próximas semanas foi uma sucessão de horrores.

Dorsedem Craivita

Severino não pagou o último salário de Chico. Nem mesmo um percentual equivalente ao que ele havia trabalhado no último mês. Apenas mandou-o para a rua sem lhe dar nada.

Sem dinheiro para pagar o aluguel, que já estava atrasado, Chico foi mandado para fora da casa. Ele dividia a casa com outras pessoas e o proprietário não ficou nada satisfeito ao saber da demissão de Chico. Não se rendeu aos clamores de que Chico obtería um novo emprego rapidamente.

Afinal, todos sabiam da realidade: leva muito tempo para conseguir um emprego. Algumas vezes, muitos meses. Ou até bem mais que isso.

Chico não tinha ninguém para pedir ajuda. Não queria falar com a filha, que mal tinha dinheiro para pagar o próprio aluguel e alimentar o filho. Por isso, tentou pedir ajuda para os ex-colegas de trabalho.

Infelizmente, Raimundo e Geraldo não puderam lhe ajudar. Geraldo ainda deu a ele dez reais e uma marmita com comida, o que ajudou-lhe enormemente. Chico nem sabia como agradecer e seria eternamente grato ao amigo.

Por uma semana morou nas ruas. A marmita só durou por dois dias e os dez reais ajudaram para comprar comida barata no supermercado pelos outros dias.

Chico tentou vender quase tudo que tinha. Alguns vizinhos compraram uma ou outra coisa para ajudar e conseguiu vender duas peças de roupa para um brechó. De resto, não tinha nada. Após uma semana, só estava com uma mala velha com quase nada dentro. Tinha apenas um cobertor sujo e já estava sem comida.

A segunda semana foi um pesadelo. Após três dias sem comer, vomitou duas vezes. Algumas pessoas que passavam lhe jogavam moedas. Uma mulher ia lhe dar uma nota de dois reais, mas a amiga lhe puxou pelo braço e disse:

– Não dá dinheiro! Eles gastam tudo em drogas.

Chico estava sinceramente pensando em comprar uma pinga. Não porque fosse um bêbado, embora já tivesse sido no passado, mas porque pelo menos a pinga lhe faria esquecer da dor por um momento. Apenas pão não apagava seu desespero.

Chico sempre reservava parte do dia para tentar conseguir um emprego. Andava de lá para cá nos lugares, mas geralmente era mandado embora de forma mal educada. Alguns lhe olhavam de cima a baixo, com desprezo. Conforme os dias passavam, nem ele mesmo aguentava o próprio mau cheiro e a busca por emprego tornou-se impossível.

Pelo menos ficar sentado nas ruas lhe rendia algumas moedas, enquanto um dia inteiro caminhando por horas a fio não costumava lhe render nem pão e nem emprego. Chico pegou um jornal velho, observando os anúncios de emprego, mas nada parecia se encaixar em sua situação. Alguns lugares eram muito longes e ele não tinha dinheiro para a passagem de ônibus.

– Imagina se eu vou dar esmola! Quanto mais se dá dinheiro, mais eles se acomodam. Se não fossem tão preguiçosos, iam procurar emprego.

Chico encontrou um homem de terno comentando isso com o amigo. E ainda outro comentou algo sobre o governo quando passou.

Dorsedem Craivita

Disse que o governo devia resolver esse problema e não ele.

Chico reuniu as moedas daquele dia para comprar o pão do dia anterior na padaria. O problema era que alguns estabelecimentos não permitiam que um mendigo mau cheiroso como ele, com uma mala e um cobertor fedorento no ombro, entrasse nos lugares.

Ele não tinha conseguido se comunicar com Fred, mas sentiu que aquele era o momento. Ligou-o a cobrar de um telefone público e explicou sua situação. Fred foi encontrá-lo imediatamente e levou-o para sua casa.

A casa de Fred era muito pequena e desarrumada, cheia de móveis velhos. Fred disse para Chico se acomodar no sofá. Após tomar um banho depois de tanto tempo, sentiu-se revigorado.

Quando a esposa de Fred chegou do trabalho naquela noite, ficou surpresa ao encontrar Chico por lá. Fred explicou tudo. Chico jantou com eles.

Alguns dias depois, Chico sentiu que sua presença estava incomodando a família. A esposa de Fred tentava ser simpática, mas de vez em quando Chico a via sussurrar para o marido:

– Ele está procurando outro lugar para ficar, não é?

Uma semana depois, as discussões aumentaram. Mais de uma vez, Chico viu Fred e a esposa batendo boca. Eles paravam de discutir quando Chico se aproximava, mas foi naquela noite que Fred veio conversar com Chico em particular.

– Chico, eu sinto muito, mas a minha mulher...

– Eu sei – disse Chico, interrompendo – vou sair daqui amanhã cedo. Não quero que vocês se separem por minha causa.

– Me desculpe – insistiu Fred – você pode levar com você amanhã o que sobrou do jantar. Podemos te dar um sabonete também, e uma escova de dentes.

– Muito obrigado. Você já fez até demais, amigo. Não vou esquecer.

– Eu posso te dar dinheiro para a passagem de ônibus para você ir até o albergue mais próximo. Lá você poderá comer uma sopa e tomar um banho.

– Sim, acho que vou lá.

E Chico passou a noite num albergue, duas vezes. No entanto, acabou brigando com três caras extremamente chatos. Acabou saindo de lá. Também se incomodava com os horários rígidos.

– Tem tudo isso de graça e ainda reclama. É um folgado... – ouviu um dos caras do albergue comentando.

Depois de mais de um mês naquela situação e sem conseguir emprego, teve que ligar para a filha.

– Por que não me ligou antes, pai? – ela perguntou, zangada.

– Eu estava envergonhado – ele confessou – e não quero causar problemas.

– Você não é problema nenhum. Você é meu pai!

E Chico começou a passar os dias lá. Dormia no sofá e tinha sempre refeições quentes e banho. Se soubesse que seria tão maravilhoso, teria ido para lá no mesmo dia que perdeu o emprego.

Duas semanas depois de morar com a filha, ela perguntou se ele já estava procurando novo emprego.

– Estou, mas é difícil.

Dorsedem Craivita

Todo dia ele olhava nos jornais e saía de casa por algumas horas. Ainda assim, Chico sentia que não estava se esforçando o suficiente. Afinal, a cada nova recusa ele se sentia um perdedor. Era difícil manter a confiança. Às vezes ele só queria deitar e morrer.

– Vou arranjar um emprego para o vovô – decidiu o neto.

– Não se preocupe com isso, Uóxintom – disse Chico – e concentre-se nos seus estudos.

Mas o neto ajudou por alguns dias. Chico quase conseguiu um dos empregos que o neto sugeriu, mas foi apenas outra falha. Por fim, o neto também se cansou de procurar e resolveu mudar de assunto:

– Ainda tá confiscando meu livro, vô?

– Tô com ele aqui – ele lembrou – só falta ler o último capítulo.

– Fantástico! Então vou ler pra você amanhã, na minha festa de aniversário.

– Você vai dar uma festa? – Chico perguntou, estranhando, dando uma olhadela para a filha.

– Será uma festa barata – ela justificou – acho que o menino merece.

A festa aconteceria no colégio, numa sexta-feira após a aula. Cada um combinou de levar refrigerante, doces e salgados.

– Dez anos, hein, Uóxintom – comentou o avô, orgulhoso – tá grande.

– Nem tô – disse o neto – ainda nem arranjei namorada.

– Toma cuidado que mulheres são traiçoeiras, não importa a idade que tenham – recomendou o avô.

– Sim, eu li o que aconteceu com Bosque Sul – disse o neto – eu também defenderia minha honra se

fizessem isso comigo! Talvez seja melhor eu namorar um menino.

– O quê?

– Nada não...

Chico sentiu-se um intruso naquela festa cheia de crianças correndo e gritando. Uóxintom apresentou seu avô para alguns colegas seus.

– Esses são João, Pedro, Guilherme e Ricardo. Eles também já leram o livro da Biblioteca do Bosque e são fãs!

– Meu personagem preferido é Tornado – disse João.

– Adoro Flor – falou Guilherme – eu me casaria com ela.

– Eu me casaria com Montanha – disse Pedro.

– Eu não quero me casar e sim ser livre como Bosque Sul! – disse Ricardo – quero aprender muitas magias e ficar forte.

Todos os quatro queriam ficar fortes e tinham suas magias preferidas.

Chico queria dizer a eles que no mundo real não havia magias. Que o mundo real era cruel e horrível. Mas não queria estragar toda aquela animação.

Naquele dia, até Chico conseguiu se esquecer de seus problemas e provavelmente comeu mais doces e salgados do que qualquer convidado da festa. Deve ter tomado uns trinta copos de refri.

Quando sentiu sua barriga estourando, apoiou a cabeça numa mesa e cochilou, apenas para ser acordado alguns minutos depois pelo seu neto pentelho.

Dorsedem Craivita

– Vô, quero ler o último capítulo pra você agora. E meus amigos vão acompanhar, porque todos adoramos o último capítulo.

Ainda com a cabeça repousada no braço, Chico escutou atentamente. Afinal, Chico ainda estava guardando uma surpresa para Uóxintom: o presente de aniversário. Deixaria para revelá-lo após o final do livro.

Capítulo 12: O que eu realmente desejo

Bosque queria confessar a qualquer um: “sou um Galho. Sou uma farsa”. Mas não havia mais ninguém para confessar.

Agora ele era uma quimera com três corações. E, sem querer, havia se tornado um Deus.

Foi então que se recordou de uma pessoa: Ciclone Sul, o sábio ancião da aldeia. E caminhou de volta ao seu lar, para falar com seu mestre.

Quando entrou na tenda, Ciclone já sabia de tudo.

– Qual é a notícia terrível que você me traz hoje, Bosque?

– Os dias estão normais, como sempre – foi a resposta de Bosque – e sinto que me tornei forte como nunca, mas ainda não estou satisfeito.

– Você sempre resistiu ao Ritual da Virada do Desejo. Que tal tentá-lo hoje?

– Por que não? – ele deu de ombros – Já perdi tudo o que eu tinha para perder.

Bosque plantou bananeira. Virou de cabeça para baixo e sacudiu-se, para ver se seu desejo cairia de uma vez.

Comeu algumas bananas enquanto plantava bananeira, até que vomitou. O sábio ancião leu o vômito de Bosque, para descobrir o que ele precisava.

– Por muito tempo seu objetivo foi o poder – leu Ciclone – e agora que o cumpriu, não tem mais objetivo nenhum. A solução é adquirir objetivos que não podem ser cumpridos.

Dorsedem Craivita

– Que solução mais ridícula – disse Bosque.

– Ou escolha um objetivo vago, indefinido e subjetivo, como amor ou amizade.

– Não tenho mais amigos ou amantes para amar.

– Ou você pode encontrar uma montanha para subir e se tornar um sábio.

– Como você? – Bosque torceu o nariz – Acho que não, obrigado.

– Minha última sugestão é que vá morar num pântano e vire um velho reclamão e babão.

– Parece ótimo – disse Bosque – é isso mesmo que eu vou fazer!

Bosque mudou-se para um pântano e passou a se alimentar de répteis. As décadas se passaram e Bosque se tornou velho. Não parava de reclamar, se queixando para os sapos das proximidades. Sempre babava bastante e cuspiam quando falava.

De vez em quando alguns jovens insuportáveis vinham procurá-lo em busca de conselhos. Bosque se sentia deleitado em ter alguém para xingar e mandava todos eles mergulhar no pântano e prender a respiração por cinco minutos. Vários morreram na tentativa. Alguns morriam só de sentir o cheiro daquele pântano venenoso e tóxico. Ninguém sabia como Bosque sobrevivia lá, pois ele já tinha 100 anos. Provavelmente porque tinha três corações, embora um ou dois deles já tivessem parado de bater.

Bosque não encontrou coisas famosas ou impossíveis como a felicidade ou o sentido de qualquer coisa. Em compensação, era capaz de dar uma cuspidada que atravessava um quilômetro de distância. Seu ranho atravessava a terra e cavava buracos mais profundos que os tatus.

Wanju Duli

Ó, bravo Bosque Sul! És um desgraçado, patife,
mas és uma lenda. E nós o amamos para sempre.

E por falar de amor, Bosque casou-se com um
abacate.

FIM DA JORNADA DO HERÓI

Capítulo 13: O Autor de Dorsedem Craivita

Todos os meninos bateram palmas e Chico bateu também.

“Pensando melhor, esse livro é realmente uma merda” concluiu Chico. Ele não podia acreditar que tinha perdido seu emprego por causa daquilo. Não era uma grande piada?

Em seguida, os meninos começaram a realizar uma competição de cuspe e ranhos, para provar que eram tão bons quanto Bosque Sul. Chico também sentiu vontade de participar, mas achou que não seria adequado.

– Uóxintom, eu tenho uma surpresa pra você – lembrou Chico – o seu presente.

– Não precisava, vô!

– Eu faço questão. Mas nós precisamos ir lá fora pra eu mostrar.

Uóxintom seguiu o avô com curiosidade e chamou também os quatro amigos. Chico pegou uma pá e cavou um buraco no chão.

– Nós vamos fazer um ritual do livro de feitiços – explicou Chico.

– A evocação de Deus? – perguntou o neto, impressionado.

– Isso mesmo. Vamos chamar Bosque Sul pra cá.

Uóxintom riu.

– Vô, eu já sou muito grandinho para acreditar nessas coisas. Eu sei que magia não existe e que os personagens da história são apenas personagens.

– Então acho que meu espírito é ainda mais jovem que o seu – disse Chico – apenas preste atenção no que vou fazer!

Chico dançou e cantou as poesias do livro. Os meninos o acompanharam, rindo. Por fim, cada um soltou um cuspe e um ranho no buraco. E lá plantaram uma semente.

– É aí que Bosque Sul vai nascer? – perguntou Uóxintom.

– Em 59 minutos.

Eles se sentaram ao redor do buraco. Vinte minutos depois, os meninos ficaram distraídos, saíram de lá e foram brincar.

Pegaram alguns docinhos na festa e depois voltaram.

– Vamos brincar de corrida? – propôs Pedro.

– Esperem – disse Uóxintom – tem alguma coisa no buraco!

Era uma minhoca dançante, que se retorcia.

– Quero essa minhoca para mim – decidiu Uóxintom – vou colocar na mochila da Maria, para ela gritar!

Porém, quando foi puxar a minhoca, veio junto um ninho de pássaro e um tufo de cabelos brancos. Quando puxou com mais força, saiu do buraco um velho ossudo de pele morena e expressão furiosa.

As cinco crianças saíram correndo no mesmo instante. Chico sentiu tanto medo que suas pernas pararam de funcionar.

O velho surpreendentemente se mexeu. Aquele monte de ossos estava vivo! E falava português, com um sotaque muito difícil de entender.

– Quero carne – ele disse.

Dorsedem Craivita

Chico ofereceu a ele um dos risoles de frango da festa. O velho mastigou um deles e depois cuspiu.

– Muito ruim.

– Você é Bosque Sul? – perguntou Chico, surpreso – O lendário?

Bosque Sul pareceu contente com o elogio.

– E você é...?

– Francisco Silva. Mas pode me chamar de Chico.

– Por que me trouxe para esse mundo?

– Eu apenas fiz o ritual desse livro.

Chico entregou o livro para Bosque, que folheou-o distraidamente. Depois Bosque jogou o livro no chão, furioso.

– Não sei ler!

– Eu também não! – exclamou Chico, com alegria.

– Diga logo o que quer, ser estranho, pançudo e horroroso!

– Eu quero dinheiro.

Bosque fitou-o com desconfiança.

– Arranje poder e todo o resto virá cedo ou tarde.

– O quão tarde, eu me pergunto? E como consigo esse tal poder?

– Há vários tipos de poderes – explicou Bosque – mas o melhor deles é o poder sobre a minhoca.

– A minhoca?

– Sim, o cérebro é repleto de minhocas. Por isso tenho uma na cabeça. Ela dá sorte. Veja só: olhe embaixo do seu sapato.

Chico olhou embaixo do sapato e achou uma nota de cinquenta reais. Ele mal conseguia acreditar.

Convidou Fred e Bosque para irem juntos ao cinema. Além de pagar as entradas, Chico pagou pipoca e refrigerante para todo mundo.

E foi assim que seus cinquenta reais terminaram.

– Preciso de mais cinquenta reais, Bosque – disse Chico – use sua minhoca.

– Sorte só acontece de vez em quando, não é uma rotina – disse Bosque – ou você se considera um homem de sorte, Francisco?

– Pode me chamar de Chico. Não sei se tenho sorte ou não, mas no momento estou desempregado. Fiquei desempregado por causa desse livro, então resolva isso!

– Me desculpe, mas não existe magia para curar estupidez – disse Bosque – e nunca vai existir.

– Eu deveria virar um místico para criar uma magia dessas.

– Assim você se tornaria o maior mago do mundo. E acho que já estou de saída. Precisa de mais alguma coisa?

– Por favor, me deixe ficar com sua minhoca.

– Como queira – Bosque deu a ele – ainda tenho meu ninho na cabeça. Adeus, Chico! Não sei se serás um grande profeta, mas te garanto que serás um gordo profeta.

– Obrigado, sábio Bosque Sul! Boa viagem.

Após aquele encontro auspicioso, Chico sentiu-se muito inspirado para criar. Pegou um caderno em branco e inventou muitos feitiços diferentes, indicando os procedimentos através de desenhos. Alguns anos depois, seu neto Uóxintom traduziria os desenhos em palavras, como um sábio que desvenda um complexo manual de alquimia.

O nome do livro de Chico foi Dorsedem Craivita. Seu neto estava começando a lhe ensinar a escrever e

Dorsedem Craivita

Chico ainda não sabia fazer isso muito bem. Por isso, as letras saíram trocadas e a capa muito feia.

Depois da escrita desse livro de feitiços, a vida de Chico melhorou muito. Ele conseguiu um emprego como entregador de jornal. Conseguiu até uma namorada vinte anos mais nova, que engravidou de um filho negro. Só que nem Chico e nem a namorada eram negros. Bem, isso é apenas um detalhe!

O neto de Chico cresceu e virou um bibliotecário. Um dia Maria visitou a biblioteca em que ele trabalhava. Os dois se casaram. Graças à minhoca que Chico deu a ele, pois foi por causa disso que eles puxaram o assunto.

Minhoca dá sorte mesmo! Principalmente para pescaria. Uóxintom e Maria pescaram juntos embaixo da chuva. Prepararam um jantar de peixe frito e convidaram Chico, a esposa e o filhinho negro.

O filho negro se chamava Mário Pimenta. Ele virou um cirurgião e operou o pai numa ocasião em que Chico se engasgou com uma asa de galinha. Infelizmente Chico morreu, mas ele renasceu no Mundo do Bosque e seu nome era... Galho.

Eu juro que ele encontrou uma Grama e os dois foram felizes. Até o dia em que os dois resolveram explodir a Biblioteca do Bosque e foram fuzilados por caramurus.

Houve uma grande guerra. A magia dos índios destruiu os tanques dos dragões do mar.

Nesse dia os índios retomaram o seu lar. Um dia também surgiu um índio corajoso para acabar com o sistema de clãs.

Porém, a vida nunca será perfeita. A magia celebra a imperfeição em vez de querer tudo no lugar.

Wanju Duli

Feliz mesmo é Seu Zé que agora está vendendo pastel para gringo na Copa do Mundo de 2014.

FIM DA INCRÍVEL JORNADA DE CHICO

Considerações Finais

Esse é um livro como qualquer outro. Por isso, pedimos, por gentileza, que não tente procurar alguma revelação extraordinária ou ardentemente original. Pessoas leem livros caoístas com altas expectativas, mas orgulhosamente não estou à altura de atender todas elas e de agradar a todos em todos os graus.

Eu me diverti escrevendo tudo isso e a escrita do livro me tomou alguns dias de dedicação e longas horas em cada um deles. Portanto, peço a consideração do leitor, que respeite o autor ou autora de dado livro antes de postar resenhas raivosas na internet. Nós entendemos que cada um tem todo o direito de sentir raiva num mundo que não dá oportunidades igualitárias para todos, seja em âmbito profissional, intelectual, artístico ou muitos outros. Por isso, a raiva de cada um é respeitada e até louvável em muitos casos. E cada um tem todo o direito e liberdade de gostar ou não gostar de um livro e de expressar esse gosto ou desgosto em diferentes lugares.

Ainda assim, escutar apenas xingamentos e críticas negativas é extremamente desencorajador para o autor nacional, que luta para ser lido num país que, embora extraordinário em muitas áreas, ainda tem poucos leitores, e quando o tem o destaque costuma ser para autores internacionais.

Valorize a literatura de seu país e a literatura contemporânea. Os leitores desse livro podem sentir-se livres para me enviar um email a respeito ou postar

Wanju Duli

resenhas em diferentes lugares. Críticas negativas são bem-vindas para que eu possa evoluir tanto como escritora como magista. No entanto, elas são mais bem recebidas quando feitas de uma forma educada. E, embora seja óbvio, elogios são mais que bem-vindos, pois eles me estimulam a continuar a escrever.

Muito obrigada por me acompanhar ao longo desse livro. Um ritual em grupo pode formar uma poderosa egrégora. Um livro que é lido por muitas pessoas, ou mesmo algumas pessoas, é capaz de se tornar cada vez mais vivo e intenso, como uma ideia que toma forma, um hipersigilo, um mundo possível.

Até a próxima aventura!

Fontes de Inspiração

Estes são alguns títulos que influenciaram direta ou indiretamente na escrita desse livro. As influências podem ser de muitos tipos, como um personagem específico de uma história, uma cena, estilo de escrita, atmosfera, ideia geral ou particular, dentre muitos outros elementos.

Todos os títulos citados foram lidos no máximo quatro meses antes da escrita desse livro, o que permitiu uma contribuição muito mais vívida e recente.

Magia do Caos:

- O.F.I., por Ian Morais
- The Little Book of Demons, por Ramsey Dukes
- The Road to Thule, por David Lee

Outras Obras:

- The Neverending Story, por Michael Ende
- Aboriginal Stories, por A.W. Reed
- Brave New World, por Aldous Huxley

Wanju Duli

- Great Expectations, por Charles Dickens
- To Kill a Mockingbird, por Harper Lee
- Finnegans Wake, por James Joyce

